

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Arthur Guedes Mesquita

“A GLOBO *SHIPPA* MUITO CLANESSA”:

A configuração do *fandom* Clanessa na dinâmica transmídia do BBB14

Belo Horizonte
Março de 2016

Arthur Guedes Mesquita

“A GLOBO SHIPPA MUITO CLANESSA”:

A configuração do *fandom* Clanessa na dinâmica transmídia do BBB14

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial de obtenção do título de Mestre em Comunicação Social

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Textualidades Mediáticas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito d'Andréa

Co-orientadora: Profa. Dra. Geane Carvalho Alzamora

Belo Horizonte
Março de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Regina que sempre me apoiou em tudo o que me propus a fazer. Agradeço por ter bancado junto comigo o desafio desse mestrado. Quando resolvi sair de um emprego fixo para mergulhar nesse universo, ela foi a primeira a me dizer que eu deveria, sim, encarar mais essa etapa. Contar com alguém como ela torna todo e qualquer desafio algo muito menos penoso.

Agradeço ao meu orientador Carlos d'Andréa por ter aceitado esse desafio de me guiar nesse caminho. Após eu ter sido mudado de orientação por duas vezes, Carlos me recebeu de braços abertos e foi fundamental nos rumos que nossa pesquisa tomou. Pela paciência, pela preocupação e pelo cuidado, sou muito grato.

Agradeço à CAPES pela bolsa oferecida durante os dois anos de curso. Sem esse financiamento, eu não poderia ter me dedicado de maneira exclusiva para o mestrado. Esse apoio foi fundamental para que pudesse desenvolver as atividades como discente do programa.

Agradeço aos meus amigos que a trajetória do mestrado me presenteou: Ana Cláudia Inez, Vivian Campos, Samuel Andrade, Amanda Jurno, Gabriella Hauber, Prussiana Fernandes, Luís Felipe Garrocho, Tiago Barcelos e, especialmente, Pâmela Guimarães. Sem o apoio, a companhia, as afinidades e, sobretudo, o compartilhamento de experiências, tudo teria sido um pouco mais difícil. Entramos como colegas e saímos como amigos.

Agradeço à professora Joana Ziller por ter sido muito presente na minha trajetória acadêmica, desde a especialização, e por ter sido sempre carinhosa e pertinente nas suas colocações. Agradeço, também, aos professores Bruno Leal e Carlos Mendonça por terem me ajudado a me encontrar e, por consequência, encontrar um dos pilares da minha pesquisa. A ajuda destes três mestres não só foi fundamental para meu trabalho, como foi libertadora para a minha vida.

Agradeço à minha irmã Rebeca por ter se mostrado sempre interessada na minha pesquisa, na minha trajetória e no universo acadêmico. Ter alguém como ela ao lado me faz ter coragem para enfrentar qualquer desafio desde que eu me entendo por gente.

Agradeço ao meu companheiro Raul que, embora tenha surgido no meio desse caminho, foi essencial para a conclusão desse trabalho. A paciência, a cumplicidade e o cuidado com que sempre me tratou me fizeram ser uma pessoa melhor, mais atenciosa e mais equilibrada. Sou muito grato por todo o aprendizado e pela vida que estamos construindo juntos.

Agradeço à minha família, em especial minhas tias Rita e Marília, pelo interesse, pela preocupação e pelo encorajamento durante todo o meu caminho no mestrado. Ambas são professoras e sempre me ensinaram a levar a educação a sério, seja na formal dentro de instituições de ensino, seja na prática em situações da vida.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a conclusão de mais uma etapa da minha vida direta ou indiretamente.

RESUMO

O *reality show Big Brother Brasil* possui uma transmissão multiplataforma, na qual fica evidente uma dinâmica transmídia constituída na relação entre diversas mídias que envolve uma audiência engajada e participativa. Na 14ª edição do programa, o surgimento do *fandom* Clanessa, conformado a partir do relacionamento das participantes Clara e Vanessa, foi capaz não somente de influenciar os rumos do jogo, mas de apresentar uma comunidade com características próprias. As clannessas — como ficaram conhecidas — passaram a acompanhar o BBB14 (2014) a partir do relacionamento das participantes, criando histórias paralelas e organizando maneiras para que ambas permanecessem no programa até o fim. A emergência do *fandom* em questão se mostrou um fenômeno rico para a compreensão da dinâmica de formação e de atuação de fãs em busca de visibilidades para questões ligadas às suas identidades lésbicas. Ao se articularem nas redes sociais — em especial, no *Twitter* —, as clannessas provocaram um arranjo transmídia que foi alavancado pela transmissão televisiva ao passo que questionou e tensionou as narrativas configuradas pela Rede Globo. Assim, procuramos compreender quais questões emergiram como constituídas e constituidoras do *fandom* Clanessa no cenário do BBB. Após coletar *tweets* do dia 7 de janeiro de 2014 (data de divulgação dos participantes da 14ª edição) até o dia 9 de abril de 2014 (data do *Encontro com Fátima Bernardes* dedicado ao *fandom*), percebemos o tensionamento de duas questões principais: a luta pela visibilidade para serem reconhecidas como comunidade e a dimensão política vinculada ao poder social do relacionamento de Clara e Vanessa que extrapolou o afeto entre as duas.

Palavras-chave: Clanessa, Transmídia, *Fandom*, Lesbianidades, LGBT, BBB, *Reality Show*.

ABSTRACT

The reality show *Big Brother Brasil* has a multiplatform transmission in which it is evident a transmedia dynamic constituted in the relation between multiple media that implies an engaged and participative audience. In the 14th edition of the show, the emergence of the Clanessa fandom, conformed from the relationship between the participants Clara and Vanessa, was able to not only influence the direction of the reality but to present a community with its own characteristics. The clanessas — as they became known — started to watch BBB14 (2014) from the perspective of the relation between Clara and Vanessa, creating parallel stories and organizing ways that both participants continued in the show till the end. The emergence of the fandom showed itself as a rich phenomenon to comprehend the dynamics of its formation and the agency of the fans towards the visibility of subjects connected to their lesbian identities. As they articulated themselves in social media sites — specially, on *Twitter* —, the clanessas caused a transmedia arrangement that was leveraged by the television transmission while questioned and tensioned the narratives constructed by Rede Globo. Therefore, we seek to understand which topics emerged as constituted and constitutor of the Clanessa fandom in the BBB scenario. After collecting tweets from January 7th of 2014 (date that Rede Globo released the participants of the 14th edition) till April 9th of 2014 (date that the show *Encontro com Fátima Bernardes* dedicated to the fandom was aired), we identified the tension of two main issues: the fight towards visibility so they could be acknowledged as a community and the political dimension attached to the social power of the relationship of Clara and Vanessa that extrapolate the affection between the two of them.

Keywords: Clanessa, Transmedia, Fandom, Lesbianities, LGBT, BBB, Reality Show.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. TRANSMÍDIA E <i>BIG BROTHER</i> : UMA QUESTÃO DE AFINIDADE	08
1.1 O <i>Big Brother</i> no país: o Brasil está vendo	12
1.2 Uma espiadinha no BBB14	15
1.3 O cenário LGBT: as sexualidades no paredão	20
2. CLANESSAS: UM <i>FANDOM</i> ?	27
2.1 A torcida tem nome? — A conformação Clanessa	43
2.2 A torcida tem nome! — O reconhecimento Clanessa	51
3. CLANESSAS: IDENTIDADES LÉSBICAS EM DISPUTA	69
3.1 “Nós existimos” — A busca por visibilidades	77
3.2 “Nós resistimos” — A dimensão política	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

INTRODUÇÃO

O *Big Brother*, formato de *reality show* criado pela empresa holandesa *Endemol*, pode ser considerado um dos programas mais bem-sucedidos neste formato, visto que seu modelo foi replicado em diversos países ao longo dos anos. Sua premissa é simples: reunir em uma casa durante um período pessoas que não se conhecem. Quem conseguir se manter até o fim do programa é o grande vencedor.

A questão é que não depende somente da vontade do participante. Quem decide quem sai a cada semana são os espectadores que devem participar em votações semanais para eliminar os participantes que estão passíveis de sair. Esta possibilidade, por sua vez, é determinada pelos demais participantes que escolhem, por meio de votações ou indicações, quem eles querem ver fora do programa.

Assim, *reality shows* como o *Big Brother Brasil* (BBB), a versão brasileira do formato, necessitam que o espectador participe da dinâmica do programa para que as convocações estabelecidas gerem respostas tanto no público, quanto do público. Os rumos possíveis deste desdobramento reúnem impressões formuladas por estes espectadores que acompanham o programa, também, por meio de debates em outras mídias. Tal dinâmica pode ser compreendida, de acordo com Jenkins (2009), como convergente.

Para o autor, o fluxo de conteúdo entre múltiplas plataformas midiáticas, a cooperação entre diversas indústrias midiáticas e o comportamento migratório da audiência em busca de seus interesses são fatores que configuram a dinâmica de participação na cultura da convergência. Segundo Jenkins (2009, p. 121), “um dos efeitos da crescente participação do público é oferecer [...] diferentes modos de envolvimento com o conteúdo”. Afinal, esta convergência não é apenas técnica, mas, principalmente, cultural entre os sujeitos.

Dessa forma, o BBB pode ser considerado um programa televisivo que é pensado para além da televisão. Trata-se de um modelo de transmissão multiplataforma que inclui outros meios de disseminação, como a TV aberta, canais de *pay-per-view*, sites, blogs e redes sociais. Além disso, a participação dos espectadores pode acontecer via site, chamadas de telefone e mensagens SMS — sem contar a reverberação dos acontecimentos do programa em redes sociais, como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Tumblr*, o *YouTube* e o *Instagram*.

A multiplicidade de canais de transmissão e de participação configura uma dinâmica transmídia (JENKINS, 2009, p. 138) ao redor do programa, isto é, uma história que é contada através de diferentes mídias e que inclui espectadores engajados e participantes que são

capazes de apontar os caminhos que a narrativa do *reality show* segue. Isso significa dizer que o engajamento com o programa é fundamental para construir o cenário em que ele se passa.

O espaço constituído ao redor do programa convoca duas dinâmicas transmídia: uma interativa e uma participativa (GAMBARATO, 2012, p. 74). A primeira diz de uma planejamento transmídia que tenta incluir os espectadores no programa, mas de maneira controlada, delimitada, específica, enquanto a segunda se refere a uma configuração transmídia que transborda os limites impostos pela produção do programa.

Ao passo que a dinâmica interativa tenta convocar a participação dando um direcionamento, a dinâmica participativa oferece espaços para que o público se torne co-criador dos rumos do programa, extrapolando seus limites ao configurar caminhos, muitas vezes, não previstos pela produção do *reality show*. Embora ambas impliquem a interação do público com o programa, a dinâmica interativa é focada em uma tentativa de planejar aquilo em que os espectadores podem contribuir, enquanto a participativa se configura como tal no momento em que o público se engaja para além daquilo que o programa propõe.

Um exemplo disso foi a participação de uma comunidade de fãs específica durante a 14ª edição do BBB: o *fandom* Clanessa. A partir da compreensão que fãs são indivíduos capazes de criar um vínculo emocional com um objeto de adoração (DUFFETT, 2013) e que *fandoms* são grupos destes sujeitos que criam, também, um envolvimento entre si (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), as clannessas¹ foram essenciais para o desenvolvimento do BBB14 (2014). A presença de sujeitos que se motivaram em torno de um interesse comum configurou um espaço de afinidades entre eles que passou a atravessar o cenário do programa. O *reality show*, por sua vez, passou a atravessar este espaço configurado por um engajamento fanático.

A comunidade (HAYTHORNTHWAITE, 2009) de fãs foi constituída a partir do relacionamento de Clara Aguilar e Vanessa Mesquita, ambas participantes do BBB14 (2014), que se beijaram durante uma das festas do programa e se engajaram na formação de uma relação amorosa. Este casal, o primeiro homoafetivo formado no interior do programa, foi capaz de provocar um grande engajamento de pessoas que se posicionavam tanto a favor das duas quanto contrariamente às participantes. A efervescência de um ambiente colaborativo faz com que os objetivos do grupo sejam alcançados de maneira mais ágil do que se cada um dos sujeitos buscasse estas metas de maneira individual (SHIRKY, 2011).

¹ Cabe diferenciar os termos Clanessa e clannessas. O primeiro faz referência ao grupo como coletividade e ao relacionamento entre Clara e Vanessa. Já o segundo marca a pluralidade de indivíduos participantes da dinâmica do comunidade de fãs.

A parcela da população que não só enxergou no relacionamento de Clara e Vanessa um objeto de adoração, como se engajou para garantir que elas permanecessem até o fim do programa foi formada, em sua maioria, por jovens lésbicas ou pessoas favoráveis ao segmento LGBT (ENNE, 2014) que queriam garantir a maior visibilidade que um casal entre duas mulheres poderia receber no espaço do BBB. Assim, as clannessas se mobilizaram dando a ver questões concernentes ao universo lésbico, que, geralmente, é invisibilizado.

O fato de o casal ter sido formado por duas mulheres convocou o universo LGBT ao problematizar tanto a busca por visibilidades como resposta à invisibilização recorrente da sexualidade feminina e, em especial, a homossexualidade feminina quanto a dimensão social que um relacionamento lésbico carrega ao convocar um universo simbólico fundamental para o ato de assumir-se — e tornar-se — lésbica (BRANDÃO, 2010).

Portanto, o presente trabalho propõe um novo olhar para a transmídia a partir das discussões sobre *fandoms* e lesbianidades como atravessamentos que tensionam o espaço do programa. Trata-se de um percurso que toma as conceituações de transmídia como ponto de partida e de chegada ao articular o comportamento fanático de um público engajado a partir da constituição de um espaço em torno das múltiplas identidades lésbicas convocadas pela presença do casal Clannessas.

Esta maneira de olhar para o objeto convoca um tensionamento midiático que é causado pela articulação de interesses políticos e de interesses mercadológicos. Enquanto o grupo de fãs deu significados para o casal que extrapolavam o afeto entre as duas participantes, a emissora tentou se apropriar dessa movimentação para garantir a audiência e o controle sobre os desdobramentos.

A Rede Globo se configurou como um sujeito ativo durante todo o programa na tentativa de dar sentido às ações das clannessas em direção dos seus próprios interesses como um negócio. Embora não tenhamos nos debruçado sobre essas questões, é importante salientar que elas estavam presentes como pano de fundo na dinâmica do *reality show*.

Desse modo, o presente trabalho procurou compreender quais questões emergiram como constituídas e constituidoras do *fandom* Clannessas, ao identificar suas ações na dinâmica transmídia do BBB a partir das lesbianidades. Em outras palavras, o objetivo da presente pesquisa é identificar e analisar como a constituição desta comunidade de fãs reconfigurou a dinâmica transmídia da 14ª edição do *Big Brother Brasil*.

Por isso, foi necessário convocar conceitos e discussões sobre transmídia, convergência e participação, na tentativa de mapear o espaço em que as ações do *fandom* aconteceram. Estas ações, por sua vez, trazem conceituações sobre o universo de fãs que se

alimentam de um programa televisivo para extrapolar suas narrativas a partir de suas próprias construções de histórias paralelas.

No caso específico das clannessas, uma linha que atravessou, que motivou e que constituiu suas movimentações diz respeito ao reconhecimento de suas identidades sexuais. Por esse motivo, foi fundamental convocar também conceitos atrelados à constituição das identidades lésbicas como forma de reivindicar uma representatividade em espaços que costumam invisibilizar suas existências.

Metodologia

Para alcançar os objetivos traçados, foram articulados dois conjuntos de movimentos metodológicos na tentativa de apreender o fenômeno em toda sua riqueza: um para entender como a comunidade agia e outro para caracterizar estas formas de ação atreladas à comunidade de fãs.

O primeiro conjunto de procedimentos tentou compreender quais eram as principais formas de ação que puderam ser observadas na dinâmica do *fandom*, sem que houvesse, necessariamente, uma qualificação destas movimentações. Já em um segundo conjunto, procuramos não apenas exemplificar as ações da comunidade de fãs, mas tentamos analisar o conteúdo das postagens das clannessas. Assim, observamos indícios e alguns padrões em um primeiro momento, para, depois, mergulhar de forma mais qualitativa na empiria.

O ambiente escolhido para essa observação foi o *Twitter* por representar um dos espaços mais utilizados para o engajamento e para a organização das clannessas. Afinal, trata-se da ambiência midiática mais comumente utilizada como “segunda tela”. O formato do microblog oferece uma dinâmica de interação mais observável. Por isso, a recuperação dos debates, dos diálogos e das postagens é mais viável que nas demais redes sociais. Eventualmente, trouxemos discussões que se passaram em outros ambientes, como blogs e páginas do Facebook, mas apenas por terem sido replicadas em *tweets* das clannessas.

A coleta dos dados foi feita com o auxílio do *Topsy*, uma plataforma especializada em reunir e listar conteúdos e tendências no *Twitter*, que possui ferramenta de busca e coleta de *tweets* que hierarquiza os resultados de acordo com sua relevância. Esta categorização de relevância aparece atrelada a duas métricas: os engajamentos e as impressões. O engajamento é medido de acordo com o número de usuários envolvidos em cada *tweet*, isto é, publicações que convocam mais usuários, *replies* e *retweets* na conversação e que emergem como mais

relevantes para a plataforma. Já as impressões dizem respeito ao tamanho da rede do usuário que fez a postagem, ou seja, *tweets* de perfis com mais seguidores e que, por isso, são mais prováveis de serem vistos.

Foram buscados termos e *hashtags*² que faziam referência a acontecimentos que eram apontados pelo *fandom* como relevantes: o primeiro beijo, os mutirões para que o apresentador do programa dissesse “Clanessa” ao vivo e a presença de Clara, Vanessa e quatro clannessas no programa *Encontro com Fátima Bernardes* após o fim da 14ª edição do BBB. Além disso, a *hashtag* #Clanessa foi recuperada do dia 7 de janeiro de 2014, momento em que revelaram os participantes, até o dia 9 de abril de 2014, data em que o programa de Fátima Bernardes foi ao ar (inclusive, foi analisada, também, a *hashtag* #ClanessaNoEncontro).

Após esta primeira coleta ampla para analisar os grandes momentos apontados pelo *fandom*, refinamos os termos que mais apareciam em cada um dos acontecimentos, destrinchando algumas palavras em campos semânticos: visibilidade (ver, visível, invisível, mostrar, esconder), lesbianidade (lésbica, sapatão, homossexual) e reconhecimento (reconhecer, dizer, falar, existir, presença). Foram buscados, também, termos que diziam respeito não só às clannessas, mas que faziam referência aos eventos do BBB14 (2014) como um todo.

Estrutura

A presente pesquisa está dividida em três capítulos que articulam tanto as conceituações teóricas quanto os exemplos empíricos. O trabalho foi construído de modo a trazer as postagens coletadas e suas análises logo após o desenvolvimento dos conceitos que embasaram o olhar da pesquisa. Assim, a empiria está diluída no decorrer de todo o trabalho.

O primeiro capítulo trata do *Big Brother* (SCANELL, 2002) (TINCKNELL; RAGHURAM, 2002) (CASTRO, 2006), da versão brasileira do formato (CAMPANELLA, 2009; 2012), das conceituações de audiências e públicos (LIVINGSTONE, 2005), de transmídia (GAMBARATO, 2012) (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), de convergência (JENKINS, 2009) e de participação (SHIRKY, 2011) (DUFFETT, 2013). Isso tudo para contextualizar o cenário transmídia da 14ª edição do *Big Brother Brasil*, que se inseriu em

² *Hashtags* são indexadoras de temas, utilizadas para marcar palavras-chave ou tópicos em um *tweet*. Elas são como rótulos e são criadas organicamente pelos usuários com o intuito de categorizar mensagens.

uma grade televisiva e que dialogava, por exemplo, com as novelas *Amor à Vida* e *Em Família*.

É no primeiro capítulo ainda que fazemos uma recuperação histórica de todos os participantes LGBT que já passaram pelo BBB, de modo a destrinchar a maneira como as questões atreladas ao universo de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros sempre se fizeram presentes no universo do programa. Em todas as edições, houve uma predisposição para a discussão do segmento LGBT, a partir da presença dos participantes.

Já o segundo capítulo traz a apresentação do *fandom* e de suas práticas, tomando como base as postagens, principalmente, no *Twitter*. É nesta seção que conceituamos fã (JENKINS, 2009; 2014) (FERRIS; HARRIS, 2011), *fandom* (DUFFETT, 2013), comunidades e agrupamentos (HAYTHORNTHWAITE, 2009), antifãs (GRAY, 2003; 2005) e todos os demais conceitos atrelados a esse universo que trabalhamos durante o trabalho (JENKINS; FORD; GREEN, 2014) (HELLEKSON; BUSSE, 2014).

A primeira parte desta seção organiza as formas de ação da comunidade de fãs quase de uma forma avulsa, visto que nem sempre o encadeamento de ideias foi apresentado de forma cronológica. O objetivo foi apresentar, caracterizar e exemplificar algumas modalidades de ação das clannessas. A segunda parte foi dividida em dois momentos: o surgimento oficial do *fandom* a partir do primeiro beijo entre Clara e Vanessa durante a Festa Prata que aconteceu durante os dias 18 e 19 de janeiro; e a luta pelo reconhecimento da existência do *fandom*, que, embora tenha se estendido por toda a duração do programa, pôde ser observada com maior destaque em três ocasiões: nos dias 28, 29 e 30 de janeiro (por meio da *hashtag* #BialFalaClanessa), no dia 4 de março (quando Bial falou Clanessa) e no dia 9 de abril (no programa *Encontro*).

Por fim, o terceiro capítulo trata das duas principais questões que emergiram na movimentação do *fandom*: a busca por visibilidades e a dimensão política. A partir da conceituação de identidades lésbicas (AGOSTINI, 2010), das lesbianidades (BRANDÃO, 2010) e da lesbofobia (BORRILLO, 2010), destrinchamos as postagens das clannessas que se posicionavam em relação ao casal Clanessa, aos contatos estabelecidos no interior do *fandom* e à transmissão televisiva tanto no BBB14, quanto no *Encontro com Fátima Bernardes*.

As duas questões que guiaram as principais movimentações da comunidade de fãs foram pontos sensíveis para as clannessas como um todo em resposta à violência heterossexista percebida como uma tentativa de apagar a existência delas — ou, pelo menos, controlá-la, como aconteceu no caso de Angelis na *Fazenda de Verão*.

Já aos aspectos políticos atrelados à tentativa de dar espaço para a representatividade homoafetiva em um espaço de visibilidade privilegiada como o *Big Brother Brasil* puderam ser identificados a partir do engajamento, da participação e da problematização de tudo o que o casal Clanness poderia representar. É o poder social atrelado ao povoamento do espaço visível em torno de um tópico enxergado como tabu: a existência de um relacionamento homossexual entre duas mulheres sem que haja o espaço para uma sexualidade masculina. Foi a configuração de um cenário de mulheres para mulheres em torno do empoderamento de suas sexualidades, que ora são percebidas como coadjuvantes, ora são dotadas de invisibilidade.

Por fim, nas considerações finais do trabalho, costuramos os três pilares conceituais da pesquisa na tentativa de propor um novo olhar sobre a transmídia a partir do tensionamento de indivíduos engajados em torno de um objeto de adoração e em torno de tudo aquilo que esse comportamento fanático convoca para o espaço visível. No caso das clannessas, esse objeto foi o relacionamento de Clara e Vanessa que serviu como gatilho para uma participação engajada a partir de questões como homossexualidade, segmento LGBT, lesbianidades, identidades lésbicas e relacionamentos homoafetivos.

1. TRANSMÍDIA E *BIG BROTHER*: UMA QUESTÃO DE AFINIDADE

Criado pela produtora holandesa de televisão *Endemol* em 1999, o *Big Brother* já teve seu modelo replicado em mais de 50 países pelo mundo (CAMPANELLA, 2012, p. 18). John de Mol, fundador da *Endemol*, explica que a ideia para o programa surgiu do projeto científico chamado *Biosfera 2*, em que um grupo de pesquisadores se isolou em uma estufa por um longo período para simular a experiência de estar em outro planeta. O criador do *Big Brother*, ainda, desmente a afirmação que o programa teve origem na obra de George Orwell, 1984. “Na obra de Orwell, é o governo que observa tudo o que as pessoas fazem através de câmeras – ele fala de autoritarismo, e não de voyeurismo, como é o nosso caso” (DE MOL, 2003). A única referência que De Mol diz ter buscado no livro foi o nome para o programa, já que *Big Brother* soava melhor que o título *A Gaiola Dourada* pensado inicialmente.

Segundo a definição da *Endemol*,³ o *Big Brother* consiste em reunir em uma casa doze pessoas, que nunca se conheceram anteriormente, para compartilhar os próximos 100 dias. Durante esse período, os confinados não podem manter qualquer contato com seus parentes, amigos ou com o mundo exterior, da mesma forma em que meios de comunicação, como telefones, jornais, rádios e televisões, são vetados. Câmeras e microfones são posicionados em todos os pontos da casa, permitindo que todas as ações dos participantes sejam gravadas e disseminadas pela televisão e pela internet. Regularmente, os confinados devem indicar dois ou mais participantes para a eliminação, mas são os espectadores que decidem quem deve sair. O último participante a sair ganha o programa, juntamente com um grande prêmio em dinheiro.

O *Big Brother* aparece como um programa que estabelece um antes e um depois na televisão mundial porque foi o primeiro programa do mundo a se apresentar, simultaneamente, na televisão aberta, tanto ao vivo, quanto por meio de material editado; 24 horas por dia em canais por assinatura; e na internet (CASTRO, 2006, p. 29). Além disso, sua construção lógica necessita que os públicos participem de sua dinâmica, por meio de votações semanais, o que não apenas significa oferecer uma multiplicidade de canais para o espectador se incluir, como contribui para o comportamento colaborativo destes indivíduos.

A partir disto, é possível afirmar que o programa se caracteriza por uma transmissão multiplataforma em que o espectador é convidado a fazer parte de sua dinâmica por meio de

³ Disponível em: < <http://www.endemol.com/programme/big-brother>>. Acesso em: 27. Jul 2015.

outros canais. Trata-se de uma dinâmica transmídia constituída na relação entre diversas mídias que envolve audiência engajada e participativa.

Para Jenkins (2009, p. 138), transmídia é uma história que se dá através de múltiplas plataformas na qual cada novo texto cria uma contribuição valiosa e distinta para o todo. “Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor” (JENKINS, 2009, p. 138), ou seja, o engajamento do público não se dá pela variedade de histórias explorando um mesmo texto, mas na diversidade de textos que são derivados de uma história pervasiva apresentada pelo programa televisivo.

O formato *Big Brother* emerge como um importante ambiente para a experimentação desta dinâmica, no qual cada novo texto não somente contribui para a expansão da narrativa, como agrega elementos importantes para que a programa permaneça em fluxo para além deste espaço.

Big Brother [opera] e [é] acessado através de múltiplas plataformas: ele não [é] um texto único em um sentido simples, assim como também não [é] um conjunto de textos fragmentados e diferentes. Em vez disso, a combinação de nós textuais que trabalham em uma relação complexa [parece] confirmar que [há] algo chamado de *Big Brother*, mas que não [é] confinado por ou limitado a um programa de televisão (TINCKNELL; RAGHURAM, 2002, p. 213, tradução nossa).⁴

Assim, a dinâmica transmídia do programa diz de uma participação engajada da audiência que complementa os conteúdos que transitam de um meio a outro. Desse modo, a narrativa se expande para além do *reality show*, já que “não se trata simplesmente de adequação ou repetição de conteúdo de um meio a outro, mas de complementaridade midiática na configuração da narrativa transmídia (*transmedia storytelling*).” (ALZAMORA, SALGADO, 2014, p. 112).

Neste cenário, torna-se possível identificar uma narrativa transmídia, caracterizada por um “processo que consiste em contar diferentes partes da mesma história através de diferentes meios” (DUFFETT, 2013, p. 12, tradução nossa).⁵ Para Jenkins, Ford e Green, esta ideia dialoga diretamente com o conceito de propagabilidade, que “se refere ao potencial — técnico e cultural — de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios” (JENKINS;

⁴ *Big Brother* operated on and was accessed through multiple sites, it was not a single text in a simple sense, yet neither was it a set of fragmented and different texts. Instead, the combination of textual nodes working in a complex relationship seemed to confirm that there was something called ‘Big Brother’ but that it wasn’t confined by or limited to a television program.

⁵ Process of telling different parts of the same story through different [...] media.

FORD; GREEN, 2014, p. 26). Essa noção marca a fluidez com a qual o conteúdo é capaz de circular por meio das trocas entre sujeitos nos ambientes digitais.

Assim, o *reality show* configura um espaço para participação dos espectadores, mas de forma controlada. Durante o BB, o programa convoca a interação dos espectadores para eliminar alguém da casa, mas essa interferência direta possui lugar e tempo delimitados. Esta tentativa de convocar de maneira limitada pode ser descrita como uma dinâmica transmídia interativa (GAMBARATO, 2012, p. 74), na qual há a permissão para que o público decida o caminho da história a partir de espaços oferecidos pelo programa, embora não os tome como co-criadores capazes de alterar a produção da história.

Entretanto, o engajamento do público extrapola os limites impostos pelo programa. No decorrer do *reality show*, tornou-se comum a produção de conteúdos não oficiais por parte do público. Neste sentido, uma lógica transmídia participativa (GAMBARATO, 2012, p. 74) também é identificada, visto que um projeto participativo convida seu público para uma participação capaz de expressar sua criatividade, permitindo que os espectadores engajados influenciem a história juntamente com a produção do programa.

O engajamento e a participação dos indivíduos marcam a produção coletiva e a circulação compartilhada dos conteúdos para além dos espaços delimitados pelas mídias. Segundo Jenkins, Ford e Green (2014), trata-se das ideias de coletividade, em que os sujeitos agem como comunidades em vez de indivíduos, e de conectividade, em que seu poder é ampliado pelo acesso às ligações configuradas em rede.

Os modelos baseados em engajamento veem a audiência como [...] públicos dispostos a buscar conteúdo através de vários canais, visto que os espectadores acessam os programas de televisão em seus próprios horários, graças aos gravadores de videocassete e, mais tarde, aos gravadores de vídeo digital (DVRs), downloads digitais, dispositivos móveis de vídeo e coletâneas de DVDs em caixas. Tais modelos valorizam a propagação de textos de mídia, uma vez que as audiências engajadas são mais propensas a recomendar, discutir, pesquisar, repassar e até gerar material novo em resposta (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 153).

A partir destes desdobramentos, cabe diferenciar audiências de públicos. Segundo Livingstone (2005), “públicos são tidos como coletividades, mais do que a soma de suas partes, enquanto as audiências, em contrapartida, são meras agregações de indivíduos.”

(LIVINGSTONE, 2005, p. 25, tradução nossa).⁶ Contudo, atividades relativas às audiências não devem aparecer dissociadas das atividades dos públicos, tendo em vista que ambos os agrupamentos, juntamente com comunidades, nações, mercados e multidões, são compostos pelas mesmas pessoas (LIVINGSTONE, 2005). A diferença é que, em diversos discursos, “audiências são denegridas como triviais, passivas, individualizadas, enquanto os públicos são valorizados como ativos, criticamente engajados e politicamente significantes” (LIVINGSTONE, 2005, p. 18, tradução nossa).⁷ No mesmo sentido, outros autores apontam que:

A audiência é produzida por atos de medição e vigilância, normalmente sem conhecimento de como as pistas que ela deixa podem ser ajustadas pelas indústrias de mídia. Ao mesmo tempo, o público frequentemente dirige a atenção de forma ativa para as mensagens que valoriza (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 209).

A noção de audiência, geralmente, aparece vinculada a uma coletividade que é conformada a partir de um produto midiático, o que não significa dizer que se trata de um grupo social passivo. Da mesma forma, a ideia de um grupo mais interativo surge atrelada a aspectos concernentes às movimentações dos públicos. Ambas as conceituações, cada vez mais, aparecem misturadas entre si. “Um grupo social pode ser parte tanto das audiências, quanto dos públicos; [...] muito repousa na viabilidade da distinção entre ser abastecido por e ser dependente da mídia” (LIVINGSTONE, 2005, p. 24, tradução nossa).⁸

Dessa forma, entendê-los como audiências passa pela transformação na maneira de partilhar os produtos midiáticos, assim como entendê-los como públicos passa pela tentativa de compreensão dos significados de suas mobilizações para além de objeto midiático em questão. “Se entendermos a participação como o trabalho de públicos e não simplesmente de mercados e audiências, então as oportunidades para expansão da participação são lutas que devemos incluir ativamente através do nosso trabalho” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 240).

No espaço do *Big Brother*, a maior parte dos grupos que se organizam a partir do programa ora se comportam como audiências, ora se comportam como públicos. A diferença

⁶ Publics [...] are held to be collectivities, more than the sum of their parts, while audiences by contrast are merely aggregates of individuals.

⁷ Audiences are denigrated as trivial, passive, individualized, while publics are valued as active, critically engaged and politically significant.

⁸ [A] Social group may be both part of an audience and part of a public; [...] much rests on the viability of the distinction between being served by and being dependent on the media.

é que, em um primeiro momento, eles se veem abastecidos pelo *reality show* e, em um segundo, eles extrapolam aquilo que o programa propõe como narrativa. Esta participação engajada é muito visível na versão brasileira do *reality show*. Por esse motivo, torna-se essencial destrinchar a dinâmica do *Big Brother Brasil*.

1.1 O *Big Brother* no país: o Brasil está vendo

No ar desde 2002, o *Big Brother Brasil*, *reality show* que estabelece um jogo baseado na convivência, consiste no confinamento de pessoas, a princípio anônimas, em uma casa construída pela emissora. Os participantes são monitorados 24 horas por dia por câmeras e são proibidos de manter qualquer contato com o mundo externo sem que a produção permita. Semanalmente, são desenvolvidas provas para definir quem serão os personagens de controle: há o líder, participante que possui o poder de escolher alguém para o paredão,⁹ e o anjo, participante que pode imunizar¹⁰ algum outro participante.

Estas dinâmicas definem quem serão os participantes passíveis de eliminação. Os confinados votam em quem eles querem que seja eliminado, mas são os espectadores que decidem quem sai. O vencedor é, geralmente, quem se torna o preferido do público conseguindo se manter até os últimos dias de competição na casa.

Para se tornar um participante popular, o confinado necessita agradar a heterogeneidade dos demais colegas da casa, dos interesses da produção do programa e, principalmente, das audiências. Sua forma de apresentação durante os desdobramentos do programa precisa considerar todos aqueles que o afetam e são afetados por ele, levando em conta a imagem que o público pode estar criando dele, já que são estes sujeitos que possuem o poder de eliminá-lo do *reality show*.

A maneira como o confinado se apresenta, toma suas decisões, interage com o grupo e com os demais indivíduos determina a avaliação feita pela audiência. Esta se interessa em considerar todos os aspectos do comportamento dos integrantes da casa para fazer suas escolhas (CAMPANELLA, 2009, p. 177).

Os espectadores, portanto, possuem espaço de participação na lógica do programa. O *Big Brother Brasil* dá abertura para que o público interfira nos seus rumos, de modo que as

⁹ Configuração em que alguns participantes disputam a preferência do público por meio de votação para que fiquem ou sejam eliminados do programa.

¹⁰ Imunizar, neste contexto, é impedir que um participante receba votos dos demais na formação do paredão.

escolhas da audiência aparecem refletidas diretamente na configuração do *reality show* por meio das votações populares.

Ao disponibilizar o *reality show* nas suas diferentes plataformas, a Rede Globo conecta o BBB aos públicos (CAMPANELLA, 2012, p. 278). Dessa forma, é preciso fornecer canais de comunicação suficientes para que haja a interação e, portanto, a participação da população nos rumos do jogo. O Big Brother, então, configura sua transmissão como multiplataforma, na qual TV aberta, TV por assinatura, *web* (páginas oficiais ou paralelas), telefonia fixa e móvel se tornam partes fundamentais para o desenvolvimento do programa (CASTRO, 2006, p. 55) (CAMPANELLA, 2012, p. 17).

A dinâmica participativa configurada a partir do BBB é marcada principalmente pela relação estabelecida entre sujeitos do próprio público que querem se fazer ouvidos. A internet, então, se torna um espaço potencial de visibilidade, em especial nos *sites de redes sociais* (SRS) que promovem o compartilhamento de vozes e discursos (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 50). Por isso, os ambientes virtuais se constituem não apenas como uma extensão da televisão, mas como uma ferramenta para tensioná-la, por meio do intercâmbio de ideias entre os indivíduos. O *reality show*¹¹ se torna “televisão para a era da internet – feito para ser discutido, dissecado, debatido, previsto e criticado” (JENKINS, 2009, p. 54). Lógica esta que corrobora com um dos principais objetivos do Big Brother: o de criar conversações, afinal, “todos na casa não estavam ali apenas para serem vistos, mas para se tornarem tópicos de conversações” (SCANELL, 2002, p. 279, tradução nossa).¹²

Para Campanella (2012, p. 217), um dos principais combustíveis para essas discussões sobre o BBB é a insatisfação gerada pela maneira como o programa edita as imagens que veicula. Isto é, a proposta narrativa construída pela produção do *reality show*, geralmente, disponibiliza elementos para a criação de inúmeras outras por parte dos espectadores. Assim, “a audiência interfere na construção do produto ao mesmo tempo em que o consome” (CAMPANELLA, 2012, p. 207). O descontentamento com o recorte mostrado pelo programa serve de gatilho para a produção de conteúdos subjetivos que emergem do imbricamento do cotidiano do espectador com a realidade apresentada pelas edições do programa.

Esse tensionamento entre TV e redes sociais digitais se torna fundamental para a dinâmica transmídia do BBB. Em parte, a transmidialidade do programa se deve à

¹¹ Embora Jenkins faça referência a *Survivor*, *reality show* americano da CBS, a definição se aplica também ao Big Brother.

¹² Everyone in the house was not just there to be looked at, but was there to be talked about.

participação da audiência insatisfeita que se coloca em relação às narrativas construídas pelo programa, disponibilizadas como oficiais.

Estas mobilizações dão visibilidade a uma dinâmica que converge as ideias e as opiniões de diferentes indivíduos em variados canais de comunicação. Contribuindo para esta discussão, a ideia de convergência apontada por Jenkins (2009) aparece como uma conceituação valiosa. Segundo o autor, esta convergência, que extrapola a noção principalmente tecnológica do termo, “representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29-30). Os conteúdos das mídias massivas e alternativas se entrecruzam em produções híbridas presentes em diversos suportes como resultado de uma convergência, sobretudo cultural.

O fluxo de conteúdos, que se espalha por meio e através de múltiplas plataformas de mídia, se torna prática não somente dos veículos de massa, mas de públicos que apresentam um comportamento fluido na tentativa de compartilhar sua multiplicidade de vozes. A presença de indivíduos que querem ouvir e se fazer ouvidos nesta dinâmica participativa explicitam a maneira como a produção, o consumo e a circulação de conteúdos se tornaram um processo coletivo e colaborativo.

Segundo Shirky (2011), esta cultura da participação faz emergir um comportamento de natureza colaborativa entre os sujeitos em que o compartilhamento de vontades é capaz de configurar mobilizações sociais. As formações de grupos centrados em um interesse comum são potencializadas pela fundamentação em um sentimento partilhado, ao considerar que grupos apresentam uma comunidade de ideias configurada em uma dinâmica que supera as particularidades dos indivíduos.

Esta noção marca a busca por espectadores semelhantes, visto que as pessoas “geralmente usam o acesso público não para alcançar a mais ampla audiência possível, mas para alcançar pessoas como eles mesmos.” (SHIRKY, 2011, p. 84). Semelhança essa que deve ser compreendida não como um consenso de opiniões, mas como um interesse comum em fazer parte deste grupo de debates.

A participação apresenta uma circulação de conteúdos que pode servir a diversos interesses do grupo, como, por exemplo, aspectos

culturais (como promover um dos sexos ou um artista), [...] pessoais (como fortalecer os laços sociais entre amigos, [...]) políticos (como criticar a construção do gênero e da sexualidade dentro da mídia de massa) e econômicos (como os que servem às necessidades imediatas de indivíduos

comuns, assim como aqueles que atendem às necessidades das indústrias de mídia) (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 62-63).

Essa tentativa de fazer ver questões concernentes ao seu próprio universo se apresenta como uma prática comum nestes espaços. Estes sujeitos interferem diretamente nos processos de produção de mídia, dessa forma, “são usados, individual e coletivamente, como parte de muitos eventos culturais, [...] para se tornarem parte essencial do show: com efeito, parte do aparato simbólico de produção” (DUFFETT, 2013, p. 22, tradução nossa).¹³

Em uma das edições mais recentes do Big Brother Brasil, o BBB14 (2014), este cenário ficou muito evidente, tanto pela participação de grupos do público que direcionaram alguns desdobramentos do programa, quanto pela tentativa de incorporar estes indivíduos na dinâmica do programa — por parte deles e por parte da emissora. Assim, cabe oferecer uma seção específica do trabalho para explicar como esta dinâmica pode ser percebida.

1.2 Uma espiadinha no BBB14

A 14ª edição da versão brasileira do *Big Brother* teve início em 14 de janeiro de 2014 e terminou no dia 1º de abril do mesmo ano. O BBB14 foi a edição que mais convocou participantes com um total de 20 confinados. No entanto, durante as duas primeiras semanas, seis participantes foram eliminados (João no 3º dia, Alisson no 6º, Rodrigo no 8º, Princy no 10º, Bella no 13º e Vagner no 15º). Por esse motivo, esse início da edição ficou conhecido como BBB Turbo, por apresentar um ritmo acelerado nos acontecimentos da casa. Após este período, o programa retomou seu formato original, com prova do líder na quinta, prova do anjo na sexta, formação do paredão no domingo e eliminação na terça.

Além da tentativa de acelerar o ritmo do programa nas primeiras semanas, a 14ª edição buscou inovar de outras formas. Uma delas foi o cruzamento do *reality show* com a novela *Amor à Vida* por meio da personagem Valdirene, interpretada por Tatá Werneck. Na trama da novela, Valdirene sonhava em entrar no BBB desde dezembro de 2013 e a personagem teve sua chance ao ser escolhida para participar da casa de vidro.¹⁴ Juntamente com Murilo (Emílio Orciollo Neto), Jefferson (Celso Bernini) e Ellen (Dani Vieira),

¹³ Personally and collectively, they are used as part of many cultural events, [...] so they have become an essential part of the show: in effect, part of the symbolic apparatus of production.

¹⁴ A casa de vidro consistia em confinar possíveis participantes em uma espécie de aquário em um shopping para que eles disputassem a preferência do público. O(s) mais votado(s) entrava(m) no programa.

Valdirene disputou a preferência do público e foi a mais votada para entrar no BBB14 como parte da trama da novela.

O capítulo 207 de *Amor à Vida*, que foi ao ar no dia 15 de janeiro, terminou com a entrada de Valdirene na casa do BBB.¹⁵ A personagem de Tatá entrou durante a primeira festa do programa, o que foi mostrado rapidamente na edição diária do *reality show*. Os espectadores que possuíam *pay-per-view* puderam acompanhar ao vivo a participação da personagem no programa, enquanto os demais só tiveram acesso às imagens oficiais no dia seguinte por meio da edição da Rede Globo, tanto na novela, quanto no BBB.

Ainda que a participação de Valdirene tenha sido rápida, visto que ela saiu no dia seguinte após ser eliminada em uma prova falsa como parte da trama de *Amor à Vida*, a presença da personagem se tornou um evento aguardado pelo público. Um exemplo disso foi o termo “Cadê a Valdirene” ter se tornado um *Trending Topic*¹⁶ na noite de estreia do BBB14, como explicitado no *tweet* de @ZAMENZA (FIG. 1).

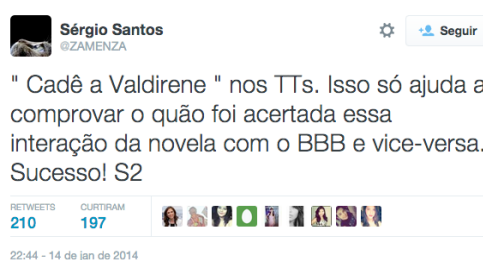


Figura 1. *Tweet* do perfil @ZAMENZA, 14 jan. 2014, 22h44.¹⁷

Outra tentativa do programa de se reinventar foi o *Big Mother Brasil*.¹⁸ No dia 8 de março,¹⁹ as mães dos participantes remanescentes entraram na casa, com exceção das mães de Clara e Valter que não puderam participar e foram substituídas por tias dos confinados. Para a acomodação das mães, foi construído um “puxadinho” que separava a casa em dois lados, o que restringia a comunicação dos participantes com suas familiares apenas à fala, sem que houvesse contato físico ou visual. Na dinâmica do jogo, as mães/tias participaram de uma votação que garantia imunidade para um dos confinados e de uma prova do líder. As

¹⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/bbb14/noticias/noticia/2014/01/valdirene-entra-na-casa-do-bbb14.html>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

¹⁶ Lista do *Twitter* gerada automaticamente que identifica os assuntos mais falados em relação ao que foi dito anteriormente na plataforma.

¹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/ZAMENZA/status/423254216673484800>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/bbb14/Big-Mother-Brasil>>.

¹⁹ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/bbb/bbb14/noticias/redacao/2014/03/06/maes-dos-brothers-do-bbb14-devem-entrar-na-casa-neste-sabado.htm>>.

familiares dos participantes saíram do programa, em definitivo, no dia 13 de março, totalizando 5 dias de confinamento.

A iniciativa do *Big Mother Brasil*, no entanto, se tornou mais controversa do que bem-sucedida nas redes sociais. Isto porque Boninho, o produtor do programa, havia publicado informações em seu *Twitter* sobre as novidades que incluiriam na 14ª edição. No dia 5 de março, mesma data em que o *Jornal Extra* havia revelado a entrada das mães dos participantes na casa,²⁰ @boninho escreveu “Muito papo sobre o segredo, melhor revelar. 8 ex de outras edições vão entrar na casa e formar duplas até o fim do programa #BBB14”.²¹

A declaração do produtor do BBB gerou debates, apostas e conversações sobre quais ex-participantes voltariam para o programa e como funcionaria a dinâmica com os novos moradores da casa. Entretanto, no dia 6 de março, Boninho não somente apagou a postagem que revelava esta novidade, como publicou os seguintes *tweets*:

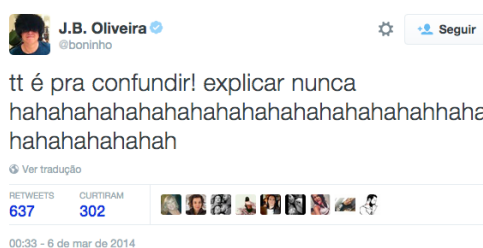


Figura 2. *Tweet* do perfil @boninho, 6 mar. 2014, 00h33.²²



Figura 3. *Tweet* do perfil @boninho, 6 mar. 2014, 00h40.²³

Os posts do produtor davam a entender que as informações publicadas no dia anterior foram inventadas por ele para que os veículos que cobriam BBB publicassem notícias com dados falsos. A atitude de Boninho foi enxergada como desrespeitosa pelo público que não entendia a motivação para ele ter agido dessa forma. A insatisfação com a produção do

²⁰ Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/furo-maes-dos-brothers-vao-passar-uma-semana-na-casa-do-bbb-14-11785504.html>>.

²¹ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/bbb/bbb14/noticias/redacao/2014/03/05/boninho-revela-que-oito-ex-bbbs-vao-voltar-ao-reality.htm>>.

²² Disponível em: <<https://twitter.com/boninho/status/441416161771941888>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

²³ Disponível em: <<https://twitter.com/boninho/status/441417982372491266>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

programa aumentou no dia 18 de março, quando a Justiça do Rio de Janeiro proibiu que o UOL cobrisse o BBB ao acatar o pedido de liminar da Rede Globo e da Endemol.²⁴

Segundo as empresas detentoras dos direitos do *reality show* no Brasil, a cobertura do UOL utilizava indevidamente imagens, marcas, elementos e trechos do programa e, caso descumprisse a decisão, o portal deveria arcar com uma multa diária de R\$ 100.000. Esta tensão entre produção do BBB e o UOL já havia sido explicitada no mês anterior no *tweet* do produtor (FIG. 4).



Figura 4. *Tweet* do perfil @boninho, 27 fev. 2014, 13h36.²⁵

A decisão de censurar a cobertura do BBB gerou grande insatisfação não somente em quem acompanhava o programa por meio destes outros canais, mas, principalmente, nos sujeitos que produziam conteúdo sobre o *reality show* (FIG. 5). Como apresentado no *tweet* de @urgh (FIG. 6), o UOL era o portal que mais reverberava os acontecimentos do BBB.



Figura 5. *Tweet* do perfil @alesie, 18 mar. 2014, 15h45.²⁶



Figura 6. *Tweet* do perfil @urgh, 18 mar. 2014, 15h13.²⁷

²⁴ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/18/justica-proibe-uol-de-cobrir-o-bbb14.htm>>.

²⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/boninho/status/439076673611628544>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

²⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/alesie/status/445994317581414400>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

²⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/urgh/status/445986398068539392>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

No dia 20 de março, o UOL recuperou o direito de cobrir o BBB.²⁸ A liminar que impedia a cobertura foi suspensa sob a alegação que o portal cobria o programa há anos sem que houvesse qualquer prejuízo à Rede Globo. Ao se inserir neste universo publicando notícias concernentes ao programa, o UOL passou a ser um importante personagem na dinâmica do BBB. Um exemplo disso foram as enquetes²⁹ organizadas pelo portal que se tornaram um termômetro ao apontar quem seriam os participantes mais aclamados e os mais rejeitados.

No dia 1º de abril de 2014, a final da 14ª edição do BBB, a primeira com três finalistas mulheres, contou com a presença de Angela, de Clara e de Vanessa. Enquanto a enquete do UOL mostrava que Angela seria a vencedora (FIG. 7), Vanessa venceu o programa. A campeã do BBB14 ganhou com 53% dos votos, enquanto Angela recebeu 28% e Clara 19%.³⁰



Figura 7. Screenshot da enquete do UOL, 01 abr. 2014, 14h51.

Durante as demais edições, as enquetes do UOL eram capazes de dar indícios claros de quem seriam os eliminados ou os vencedores do programa. No BBB14, no entanto, os resultados no *reality show* passaram a ser discrepantes. A presença do casal homoafetivo formado entre Clara e Vanessa no interior do programa fez emergir um grupo de fãs, apelidado de Clanness, que ditaram os rumos deste Big Brother Brasil a partir de sua movimentação nas redes sociais.

A formação deste grupo em torno de casais homoafetivos na grade de programação da Globo se inscreveu em uma linha do tempo com as novelas que estavam no ar antes, durante e depois do BBB14 (2014). A telenovela *Amor à Vida* apresentou ao público o casal homoafetivo Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) — apelidado de Féliko — durante sua trama e um dos eventos mais aguardados durante sua veiculação era o beijo entre os personagens.

²⁸ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/20/uol-recupera-o-direito-de-cobrir-o-bbb14.htm>>.

²⁹ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/bbb/bbb14/enquetes>>.

³⁰ Disponível em: <http://gshow.globo.com/bbb/bbb14/noticias/noticia/2014/04/vanessa-e-grande-vencedora-do-bbb14.html>>.

No dia 31 de janeiro de 2014, no último episódio da novela, Félix e Niko deram o tão aguardado beijo. Embora este acontecimento não tenha sido, de fato, o primeiro beijo gay da teledramaturgia, sua repercussão foi tão grande que ele ficou conhecido como “o beijo gay”.

Com o término de *Amor à Vida*, o público foi apresentado à trama de *Em Família* que, também, contou com um casal homoafetivo dentre suas dinâmicas. Foi o casal Clarina, formado por Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller). O primeiro beijo entre as personagens aconteceu no dia 30 de junho de 2014 e, depois dessa, Clara e Marina se beijaram outras duas vezes durante a telenovela.

A partir disto, fica evidente que a presença de pessoas LGBT na dinâmica do *Big Brother Brasil* não se trata de um fato isolado e sem um cenário pré-disposto. Os acontecimentos que se passaram no interior da casa do *reality show* convocam eventos que aconteceram em outros programas e, principalmente, em outras edições do BBB. Eles constituem uma linha cronológica que articula pessoas, atitudes, mobilizações e eventos que são atravessados pelas questões do universo LGBT.

Durante a 14ª edição, esta configuração se viu tensionada pela formação do casal Clanessa, que provocou a movimentação engajada de um grupo específico do público e que era alimentada por este engajamento. No entanto, a fim de compreender a configuração da dinâmica das clannessas durante o BBB14 (2014), torna-se necessário recuperar os demais participantes autodeclarados LGBT nas outras edições do programa.

1.3 O cenário LGBT: as sexualidades no paredão

A conformação do casal Clanessa, o primeiro casal abertamente homossexual no espaço do *reality show*, convoca a presença de todos aqueles que povoaram este lugar anteriormente como forma de contextualizar a existência de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros em um programa de grande visibilidade como o *Big Brother Brasil*.

O relacionamento de Clara e Vanessa não pode ser tomado como um evento espontâneo, visto que o segmento LGBT já havia sido incorporada como constituidora da dinâmica do programa. Não se trata apenas de escolher pessoas homossexuais para habitar a casa do *reality show* durante um tempo determinado, mas de perceber que este é um assunto que atravessa o cenário do programa desde sua primeira edição.

No total, foram contabilizados 21 ex-participantes que se autodeclararam LGBT antes, durante ou depois das edições que participaram:

Nome	Participou do	Ficou em	Se assumiu
André Gabeh	BBB1 (2002)	3º lugar	Antes
Cristiano Carnevale	BBB4 (2004)	12º lugar	Depois ³¹
Jean Wyllys	BBB5 (2005)	1º lugar	Durante
Fani Pacheco	BBB7 (2007) BBB10 (2010) BBB13 (2013)	7º lugar --- 6º lugar	Depois
Natália Casassola	BBB8 (2008) BBB10 (2010) BBB13 (2013)	3º lugar --- 4º lugar	Depois
Bianca Jahara	BBB8 (2008)	10º lugar	Depois ³²
Marcelo Arantes	BBB8 (2008)	6º lugar	Durante ³³
Dicesar Ferreira	BBB10 (2010)	5º lugar	Antes
Angélica Marques	BBB10 (2010)	11º lugar	Antes
Sérgio Franceschini	BBB10 (2010)	7º lugar	Antes
Ariadna Arantes	BBB11 (2011)	20º lugar	Antes
Lucival França	BBB11 (2011)	14º lugar	Antes
Diana Balsini	BBB11 (2011)	4º lugar	Depois
Daniel Rolim	BBB11 (2011)	3º lugar	Antes
Analice de Souza	BBB12 (2012)	15º lugar	Durante ³⁴

³¹ O participante Cristiano Giuseppe Carnevale entrou no BBB4 afirmando possuir um segredo que poderia movimentar o jogo. Eliminado na terceira semana com 59% dos votos, o carioca não teve muito tempo para poder revelá-lo. Já em 2012, durante entrevista para o site Pheeno, o ex-BBB saiu do armário ao revelar que gostaria de voltar ao programa na 13ª edição e mostrar quem ele era de verdade. Cristiano ainda afirmou que não levantou bandeiras durante o BBB4 porque sua mãe era viva na época.

³² Embora não tenha assumido sua sexualidade durante o programa, Bianca revelou, nos anos seguintes, que já havia se relacionado com mulheres. No entanto, a ex-BBB diz não se considerar bissexual ou lésbica, ao afirmar que o desejo que sente por homens é muito maior que o sentido por mulheres. Mesmo assim, a ex-participante garantiu não descartar a possibilidade de um dia se apaixonar por uma mulher.

³³ Durante o confinamento, o participante se assumiu bissexual em um primeiro momento e, depois, se declarou gay para alguns colegas do programa. Apelidado de Dr. Marcelo pelos seus colegas de edição e pelo público, o psiquiatra oficializou a união estável com seu companheiro em 2011. No entanto, no ano seguinte, Marcelo se separou do seu parceiro.

³⁴ A primeira eliminada da 12ª edição do BBB foi Analice Mateus de Souza, a mineira de Belo Horizonte. Durante a primeira prova de resistência do BBB12 (2012), a participante revelou que era bissexual e que estava superconfortável em estar “em cima do muro”. Ainda assim, a dona de bar na capital mineira afirmou sofrer preconceito por, geralmente, não entenderem sua bissexualidade. A ex-BBB chegou a dizer que as atitudes preconceituosas em torno desse assunto são frutos da falta de informação das pessoas. Enquanto ainda estava no programa, Analice chegou a dizer que, embora fosse bissexual, nunca havia namorado uma mulher, mas, em 2013, chegou a divulgar que estava namorando uma mulher.

Mayara Medeiros	BBB12 (2012)	13º lugar	Antes ³⁵
João Carvalho	BBB12 (2012)	5º lugar	Antes ³⁶
Aslan Cabral	BBB13 (2013)	14º lugar	Antes ³⁷
Vagner Lara	BBB14 (2014)	15º lugar	Antes ³⁸
Clara Aguilar	BBB14 (2014)	3º lugar	Durante
Vanessa Mesquita	BBB14 (2014)	1º lugar	Durante

Tabela 1. Participantes LGBT autodeclarados de todas as edições do *Big Brother Brasil*

Legenda:

- Lésbica
- Gay
- Bissexual
- Trans
- Drag queen*

A partir deste levantamento, é importante marcar momentos da história do BBB em que o universo LGBT tensionou e foi tensionado pelo programa. Este passado tornou possível o relacionamento entre Clara e Vanessa que, embora seja dotado de certo ineditismo, se inscreve em uma linha do tempo de acontecimentos em torno destas disputas de sentido.

O primeiro participante abertamente gay do programa foi o cantor e professor de canto André Batista de Carvalho, conhecido como André Gabeh. Durante o BBB1 (2002), a sexualidade de André foi um assunto constantemente debatido. Mesmo assim, para ele, sua orientação sexual era algo particular e nada tinha a ver com a motivação pela qual decidiu entrar no BBB.

³⁵ Antes de entrar na casa, Mayara chegou a divulgar nas redes sociais que gostava de meninas e que queria “pegar 501 minas antes de virar o ano” na virada do ano de 2011. No entanto, ela entrou no programa se declarando bissexual. A ex-BBB ainda trabalhava como arte-educadora e produtora de filmes alt-porn, categoria de pornografia com sexo explícito, mas com um estilo mais “cult”.

³⁶ Ao entrar na casa, João nunca escondeu sua orientação sexual e, desde a divulgação dos novos participantes, Boninho afirmava que havia um homossexual entre eles. Quatro dias antes do programa ser iniciado, um amigo de João acabou com as especulações, afirmando que Carvalho era gay.

³⁷ O artista plástico pernambucano foi o único representante LGBT da 13ª edição do BBB. Assumidamente gay, o participante foi o terceiro eliminado do programa, ao receber 79% dos votos no paredão em que participou. Em 2014, Aslan se casou com o médico Arthur Aguilar, em uma cerimônia celebrada pela atriz Leandra Leal na praia da Ponta do Mangue em Alagoas. Antes de oficializar o relacionamento, o ex-BBB e seu companheiro namoraram por sete anos.

³⁸ Segundo entrevista dada por um amigo pessoal do participante, Vagner era assumidamente gay, mesmo não gostando de se rotular como tal. Vavá, como ficou conhecido pelos demais confinados e pelo público, performava como *drag queen* até 2002. Em 2015, o ex-BBB estreou o espetáculo “S.O.S. Samantha, o show” em que o paulista voltou a se montar depois de 13 anos deixando sua carreira de lado.

O participante dizia que sua sexualidade era completamente relacionada à sua realidade como pessoa, não podendo dissociar uma coisa da outra. Ele afirmou, ainda, que este aspecto da sua vida era um dos mais desinteressantes, por não ter se considerado uma personalidade sexual no decorrer do programa. Segundo André, ele não entendia porque seu comportamento sexual era questionado, analisado, explorado.

Para o segmento LGBT, o BBB5 (2005) se tornou um dos mais notórios da história do programa. Nele, Jean Wyllys foi participante e o grande vencedor com 55% dos votos. O professor baiano assumiu sua homossexualidade ao vivo logo na primeira semana do BBB5 (2005), mas, mesmo assim, o participante saiu da casa dizendo não ter sido militante das causas LGBT no decorrer do *reality show*. Jean, no entanto, afirmou que, se militou, foi mostrando seu jeito de ser, seu caráter.

Em 2010, o ex-BBB foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, cargo para o qual foi reeleito em 2014. Sendo escolhido como Melhor Deputado Federal em 2012 e em 2013 pelo Prêmio Congresso em Foco, Jean advoga em favor dos direitos humanos e das liberdades individuais. Por esse motivo, o vencedor do BBB5 (2005) se tornou ativista de diversos movimentos sociais que atuam em favor das minorias e, atualmente, integra a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara Legislativa. Como deputado, Jean criou Projetos de Leis que buscavam o reconhecimento do casamento civil e da união estável entre pessoas homossexuais.

Já o BBB10 (2010) foi apresentado com um formato diferente. Os 15 participantes novatos foram divididos em cinco “tribos”: os Belos, os Sarados, os Cabeças, os Ligados e os Coloridos — esta última formada por três homossexuais assumidos: Angélica Marques, Dicesar Ferreira e Sérgio Franceschini.

Angélica foi a sétima eliminada da 10ª edição do BBB. A jornalista foi eliminada com 55% dos votos em um paredão triplo no qual enfrentou Marcelo Dourado e Dicesar Ferreira. Mineira de Uberlândia, Morango, como ficou conhecida, foi a primeira lésbica assumida a participar do *Big Brother Brasil* e, por isso, integrou a tribo dos Coloridos no BBB10 (2010).

Além de Angélica, um dos participantes LGBT do BBB10 (2010) foi o gay assumido, Dicesar Ferreira dos Santos, que vivia uma vida de jornada dupla: de dia era o maquiador Dicesar e, de noite, a *drag queen* Dimmy Kieer. Antes de entrar no programa, o paranaense que vivia em São Paulo afirmou que sentiria muita falta de viver sua personagem e que não tinha medo de sofrer preconceito durante o desenrolar da 10ª edição do BBB.

Por fim o terceiro representante LGBT no BBB10 (2010) foi Serginho Orgastic, ou Sérgio Luis Ramos Franceschini. No 11º paredão, o participante foi eliminado com 53% dos

votos ao enfrentar seu amigo Dicesar Ferreira no paredão. O estudante de moda não somente foi o mais jovem gay assumido a participar do programa, como nunca teve problemas em performar de maneira afeminada. O ex-BBB se maquiava, usava chapinha nos cabelos e não se enquadrava nos papéis de gênero atribuídos ao homem ao transitar entre o masculino e o feminino. Durante o programa, ele fez parte da tribo dos Coloridos e deu um selinho no amigo Dicesar, protagonizando o primeiro beijo entre homens do Big Brother Brasil.

Durante a estreia da 10ª edição do BBB, cinco ex-participantes voltaram ao programa como padrinhos e madrinhas de cada um dos grupos: Joseane Oliveira do BBB3 (2003) para os Belos, Marcelo Dourado do BBB4 (2004) para os Sarados, Rafael Valente do BBB6 (2006) para os Cabeças, Fani Pacheco³⁹ do BBB7 (2007) para os Coloridos e Natália Casassola do BBB8 (2008) para os Ligados.

No mesmo dia, foi realizada uma prova de resistência que daria o direito à madrinha ou ao padrinho de voltar como participante e líder, caso o vencedor fosse alguém de sua tribo. Fernanda Cardoso, dos Belos, foi a vencedora e, por isso, Joseane retornou ao jogo. Como parte das regras, a miss do BBB3 (2003) teve de escolher outro ex-participante dentre os quatro possíveis para acompanhá-la e retornar ao jogo. Jose optou por Marcelo Dourado.

O BBB10 (2010) foi marcado também pelos desentendimentos entre Dicesar e Dourado. Durante o programa, Marcelo teve posturas tidas como preconceituosas e disseminou discursos percebidos como homofóbicos. A partir desse contexto, o paredão disputado entre Dicesar e Dourado ficou conhecido como uma pré-final, isto é, quem ficasse na casa seria o vencedor do programa. O maquiador foi eliminado com 58% dos votos, enquanto Dourado foi o vencedor do BBB10 (2010) com 60% dos votos três dias depois.

Já o BBB11 (2011) ficou conhecido por ter sido a primeira edição a incluir uma pessoa trans dentre os participantes. Nascida Thiago, Ariadna Thalia da Silva Arantes foi a primeira mulher transexual a participar do *Big Brother Brasil*. A cabeleireira fez sua cirurgia de redesignação sexual em 2009 na Tailândia e, nesse mesmo ano, conseguiu sua nova identidade legalmente. No terceiro dia de programa, os participantes Daniel Rolim e Lucival França — ambos gays — disseram à moradora de Realengo que suspeitavam que ela era uma

³⁹ A carioca Fani foi convidada para ser madrinha da tribo dos Coloridos por ter dito que era bissexual durante um ensaio nu para a Playboy feito com a gaúcha Natália Casassola, ex-participante do BBB8 (2008). Fani revelou para a revista que se interessava por homens e por mulheres, mas, para evitar o assédio decorrente da declaração, a ex-BBB desmentiu sua afirmação. Fani ainda disse que, apesar de ter tido várias experiências sexuais com mulheres, sempre sentiu que faltava algo.

mulher trans e Ariadna não negou a descoberta dos participantes. Quatro dias após essa revelação, a carioca foi a primeira eliminada do programa, somando 49% dos votos em um paredão triplo.

Também no BBB11 (2011), a participante Diana Balsini foi a quarta finalista da edição. Durante o programa, a carioca se assumiu bissexual e protagonizou, juntamente com a vencedora Maria Melilo, o primeiro beijo entre mulheres no *Big Brother Brasil*.

Na 13ª edição, Fani e Natália retornaram ao programa ao serem convidadas pela produção. Ambas as participantes ficaram entre os seis finalistas do BBB13 (2013), sendo eliminadas com uma semana de diferença uma da outra. Em 2014, Fani postou uma foto dizendo que, finalmente, ela e Natália haviam assumido seu amor, mesmo após ter dito que era uma “heterossexual livre”. Já Natália, durante um ensaio para “Colírio Girl”, afirmou ser “total flex”, dando a entender que se interessava tanto por homens, quanto por mulheres. Dizendo que já havia ficado com diversas mulheres, entre elas, Fani Pacheco e Angelis Borges, a vencedora da Fazenda de Verão,⁴⁰ *reality show* produzido pela Record em 2012, Natália revelou que faz o que tiver vontade e que, naquele momento, estava se encantando mais por mulheres que por homens.

Dentre os participantes da 14ª edição do BBB, estava Clara Aguilar, que entrou no programa casada com o empresário Fabien Teissier, com quem tem um filho chamado Max. Antes do BBB14 (2014), a participante trabalhava como *camgirl* nos Estados Unidos, fazendo *striptease* pela internet sob os nomes de Jessy Summers e de Barbie Wild.

No dia em que a 14ª edição do programa estreou, uma amiga de Clara deu entrevista dizendo que a *webstripper* já havia se relacionado com mulheres e que poderia se envolver com alguma dentro da casa. Durante a primeira festa do BBB14, Clara afirmou à Leticia Santiago que, apesar de gostar também de mulheres, nunca teve um relacionamento com alguém do gênero feminino.

Além de Clara, o BBB14 (2014) contou com a presença de Vanessa Mesquita, uma modelo paulista que tinha como principal motivador a causa animal. Na segunda festa do programa, Clara e Vanessa se beijaram e deram início a um relacionamento que ambas reconheceram como uma amizade colorida. A aliança delas permitiu que as duas chegassem até a final do BBB14, na qual Clara ficou em terceiro lugar ao receber 19% dos votos e Vanessa foi a grande vencedora com 53% dos votos.

⁴⁰ Disponível em: <<http://fazendadeverao.r7.com>>.

Durante uma das festas no programa, Vanessa chegou a afirmar para outro participante que toda mulher era bissexual, mas que a maioria não tinha coragem de assumir. Para ela, era normal mulheres se sentirem atraídas por outras mulheres. No dia em que foi coroada a vencedora, a ex-BBB deu entrevista dizendo que seu primeiro beijo tinha sido com uma amiga.

Após o fim do programa, Clara e Vanessa permaneceram juntas por um tempo, mas o relacionamento chegou ao fim, assim como o casamento de Clara com Fabien. No decorrer do programa, sempre que perguntavam a Clara se o marido via problemas com ela se relacionando com outras mulheres, ela dizia que não, que ele liberava.

Já de volta ao convívio fora do programa, Clara se declarou bissexual e chegou a reativar seu perfil nos sites de strip nos quais trabalhava, enquanto Vanessa disse que os homens costumavam ter medo dela por a definirem como “sapatão”. No entanto, a vencedora do BBB14 (2014), também, declarou sua bissexualidade e ainda disse que demorou para perceber que gostava tanto de mulheres, quanto de homens.

A partir desta retomada da trajetória LGBT na dinâmica do *Big Brother Brasil*, fica evidente o tensionamento de assuntos como sexualidades, homofobia, relacionamentos homoafetivos, por exemplo, estiveram presentes durante os anos. Embora existam edições sem a presença de pessoas LGBT, havia uma pré-disposição do público para tentar identificar quem seriam os representantes destas causas.

A constituição do relacionamento entre Clara e Vanessa e do grupo de fãs Clanessa se tornou possível graças a este contexto configurado através das edições do programa. A expectativa gerada em torno tanto das participantes, quanto do BBB em si construiu um espaço tensionado pelas questões LGBT. Assim, este cenário, embora marcado por disputas de visibilidades e de dimensões políticas, se apresentou como um ambiente propício para a emergência das clannessas.

2. CLANESSAS: UM *FANDOM*?

A organização de um grupo específico de fãs foi capaz de determinar os rumos da 14ª edição do *Big Brother Brasil*. Este grupo ficou conhecido como Clanesa. Conformado a partir do relacionamento de Clara e Vanessa, o interesse desse grupo não residia somente em uma ou em outra, mas na relação estabelecida entre as duas. Essa questão é evidenciada, por exemplo, em um *post* publicado no *Tumblr* TeamClanessa no dia 19 de janeiro de 2014: “Vocês sabem o significado do nome Clanesa? Pois eu vou deixar claro novamente: Clanesa = Clara + Vanessa, ou seja, é uma torcida CONJUNTA. Ninguém torce mais por uma por outra; é pelas DUAS!”.⁴¹

O início do relacionamento das participantes, marcado pelo primeiro beijo entre elas durante a segunda festa do programa realizada entre os dias 18 e 19 de janeiro, foi o que deu força para a formação do grupo de fãs. A partir disso, o modo como o cotidiano de Clara e Vanessa se apresentava no BBB14 se tornou a principal motivação para o acompanhamento do programa por parte das clanesas. Este grupo, portanto, apresentava uma postura *shipper* em relação às duas participantes, ou seja, uma modalidade de ação que implica “fãs muito mais interessados nos triunfos e tribulações de relacionamentos românticos do que em outros aspectos do texto dramático” (DUFFETT, 2013, p. 198, tradução nossa).⁴²

Esta postura fica evidente em um *tweet* postado no dia 7 de janeiro de 2014, data em que a Rede Globo divulgou a lista dos participantes do BBB14.⁴³ Antes mesmo de o programa ir ao ar, a postagem de @sokissabl3 (FIG. 8) explicitou um interesse prévio por parte dos públicos em ver Clara e Vanessa juntas.



Figura 8. *Tweet* do perfil @sokissabl3, 7 jan. 2014, 15h30.⁴⁴

⁴¹ Disponível em: <<http://teamclanessa.tumblr.com/post/77196920681/hoje-meu-post-vai-ser-sem-foto-fois-vou-abordar>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁴² Fans who are much more interested in the triumphs and tribulations of romantic relationships than in other aspects of the dramatic text.

⁴³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/blog-da-producao/noticia/2014/01/conheca-os-participantes-do-bbb14.html>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

⁴⁴ Disponível em: <<http://twitter.com/sokissabl3/status/420608270802620416>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

O fato de o casal ter sido formado explicitamente por duas mulheres marcou um engajamento diferente dos demais. Este grupo de fãs, formado, em termos gerais, por jovens de 14 a 25 anos, que se declaravam lésbicas e se identificavam com o movimento LGBT (ENNE, 2014, p. 2), enxergou no relacionamento das participantes uma maneira de se ver representado em um espaço de visibilidade construído a partir do BBB. Dessa forma, as clannessas precisaram se organizar para garantir que tanto Clara, quanto Vanessa permanecessem no interior da casa até o fim do programa.

Mesmo com toda a movimentação das clannessas para ganhar espaço, o reconhecimento do relacionamento de Clara e Vanessa não foi imediato por parte da Rede Globo. O posicionamento da emissora legitimando a configuração de um casal homossexual se dá apenas em 4 de março de 2014, quando Pedro Bial, apresentador do BBB14 afirma ao vivo que a torcida das participantes tinha o nome Clannessas, conforme detalharemos mais à frente.

No decorrer da 14ª edição do BBB, a preocupação com uma possível invisibilidade do relacionamento das participantes fez parte da movimentação das clannessas. Esta insegurança pode ser explicada ao tomar como base os desdobramentos ocorridos na *Fazenda de Verão*. Durante o programa, a vencedora Angelis Borges iniciou um relacionamento com a participante Manoella Stoltz. No entanto, o namoro das duas foi completamente invisibilizado pelas edições diárias do programa da emissora. A produção tratava a relação das participantes como uma amizade e não exibiam qualquer imagem de afeto entre as duas. Assim, com a possibilidade dessa história se repetir com o casal homossexual formado no BBB, as fãs se movimentavam no intuito de garantir toda a visibilidade que o casal Clannessas poderia ter.

Esta dinâmica marca o engajamento atrelado às formas de ação de fãs, em que sua movimentação acontece em torno do seu objeto de adoração. No caso das clannessas, o objeto em questão foi o relacionamento de Clara e Vanessa, mas, para que conseguissem acompanhar os desdobramentos das duas, o grupo de fãs teve que se centrar, também, no BBB. Não somente pelo fato de o programa ter dado a possibilidade para a formação do casal, mas por ele ter se tornado um espaço privilegiado para que pudessem vê-las durante todo o dia.

Assim, programas multiplataforma que dão espaço para uma configuração transmídia se constituem como tais a partir do momento em que os públicos se engajam e interagem com aquilo que é disseminado. Interações estas que podem ora corroborar com os interesses da produção do programa, ora podem trilhar caminhos diversos. Os rumos destes produtos

midiáticos, portanto, acabam seguindo a lógica de indivíduos que podem ser caracterizados como fãs.

A relação entre fãs e mídia emerge como uma dinâmica mutuamente construída. “Não existiria fama se não existissem fãs, e não existiriam fãs se não existisse mídia” (FERRIS; HARRIS, 2011, p. 13, tradução nossa).⁴⁵ Apesar de ser uma abordagem midiacêntrica, o cerne desta percepção é a popularização de produtos midiáticos como forma de visibilidade da sua produção e do seu consumo. Com a disseminação de mídias massivas, o contato entre produtos e públicos se tornou mais constante e, portanto, mais facilitado, tornando o engajamento uma movimentação com maior probabilidade de acontecer ou, pelo menos, de ser percebida no espaço visível.

Essa ideia marca um dos objetivos de programas midiáticos: o envolvimento dos públicos. Não basta criar conteúdo potencialmente relevante se ele não se dotar de relevância para alguém. A conceituação de fã, neste contexto, pode ser explicada como sujeitos que se engajam em práticas centradas em um objeto de adoração:

Fã é um sujeito com uma convicção relativamente profunda e emocionalmente positiva sobre algo ou alguém famoso, geralmente explícita por meio do reconhecimento de estilo ou de criatividade. Trata-se, também, de alguém que procura explorar e participar de práticas “fanáticas”. Fãs encontram suas identidades imbricadas com prazeres ligados à cultura popular (DUFFETT, 2013, p. 18, tradução nossa).⁴⁶

Esta movimentação não apenas cria vínculos dos fãs com seu objeto de adoração, mas com os demais sujeitos inseridos nesse universo. “Fãs são mais que consumidores porque eles possuem vínculos emocionais especialmente fortes com seu objeto e os usam para criar relações tanto com seus heróis, quanto consigo mesmos” (FERRIS; HARRIS, 2011, p. 13, tradução nossa).⁴⁷ Assim, o envolvimento extrapola a relação com o programa em si e passa a agregar aqueles que se veem afetados por interesses similares. Isto não quer dizer que as afinidades percebidas neste universo sejam fixas, visto que tais comunidades podem redefinir seus propósitos. “Na medida em que ser fã é um estilo de vida, fãs podem se deslocar de uma série a outra muitas vezes na história de sua afiliação” (JENKINS, 2009, p. 91-92).

⁴⁵ There would be no fame if there were no fans, and there would be no fans if there were no media.

⁴⁶ A fan is a person with a relatively deep, positive emotional conviction about someone or something famous, usually expressed through a recognition of style or creativity. He/she is also a person driven to explore and participate in fannish practices. Fans find their identities wrapped up with pleasures connected to popular culture.

⁴⁷ Fans are more than consumers because they have especially strong emotional attachments to their objects and they use them to create relationships with both their heroes and with each other.

Vínculos que são construídos nestes espaços explicitam uma vontade de estar junto, de compartilhar experiências e vozes, de modo que os indivíduos envolvidos se sintam co-responsáveis pela trajetória dos seus objetos de adoração. Trata-se de uma colaboração mútua, na qual o trabalho conjunto do grupo visa alcançar algo que os integrantes poderiam não atingir por conta própria. “O ambiente efervescente de um círculo colaborativo pode fazer com que as ideias e realizações dos participantes se desenvolvam mais depressa do que se eles estivessem buscando os mesmos objetivos sem o compartilhamento” (SHIRKY, 2011, p. 96).

Práticas colaborativas têm se tornado uma das movimentações típicas destes grupos, tendo em vista que a multiplicidade de sujeitos amplifica o alcance de suas vozes e amplia a visibilidade de suas ações. A constituição de vínculos entre fãs aparece como um desdobramento da cultura participativa e pode ser identificada como *fandom*. No entanto, nem todos os fãs se engajam em *fandoms*, tornando necessária uma distinção entre os dois termos. Enquanto a conceituação de fã passa pela relação fervorosa com um programa ou ídolo específico, a de *fandom* se expande para a identificação consciente dos membros como pertencentes a uma comunidade maior com a qual sentem algum grau de comprometimento (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 210). Segundo Jenkins (2014, p. 36), alguns fãs permanecem exclusivamente comprometidos com um programa ou um ídolo específico, ao passo que muitos outros utilizam séries individuais como pontos de entrada para uma comunidade de fãs mais ampla, se conectando com uma rede intertextual.

Para Duffett (2013, p. 18), um *fandom* se torna espaço de constituição e de identificação de papéis sociais. Essa noção aparece caracterizada “por um sentimento de camaradagem e de solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 17). Isto é, o interesse inicial pode até ser em torno de alguma questão em comum, mas o que mantém os vínculos são questões muito mais profundas. “*Fandom* é frequentemente praticado como um hobby, mas ele possui elementos de identificação passional que extrapolam um mero passatempo e passam a fazer parte da identidade do indivíduo” (DUFFETT, 2013, p. 24, tradução nossa).⁴⁸

A compreensão do que são *fandoms*, portanto, não deveria passar por aquilo que os definem como tais, mas pelas movimentações e pelas interações configuradas pelos fãs que os constituem. Problematizar questões relativas a *fandoms* pela perspectiva do que fazem e não pelo o que são, talvez, seja uma abordagem mais rica (CAVICCHI, 1998, p. 9), ou seja,

⁴⁸ Fandom is often pursued as a hobby, but it has elements of passionate identification that take it beyond a mere pastime and make it part of the identity of the individual.

qualificar as ações destes fãs, não parando na descrição delas, se torna capaz de atribuir significados mais completos sobre o contexto de sua configuração. Assim, o olhar sobre o grupo extrapola a noção de um recorte estático, visto que a interação entre os fãs é um processo dinâmico e que só é observável em suas nuances enquanto ela se constrói.

A maneira de participação e o nível de engajamento destes fãs se mostram como aspectos relevantes para o entendimento da movimentação do *fandom*. Segundo Haythornthwaite (2009), as ações de indivíduos nos meios online podem qualificar estes grupos ora como agrupamentos, ora como comunidades virtuais. Segundo a autora, as maneiras de produção coletiva fazem emergir duas formas de engajamento:

Um aparece pelo lado do agrupamento, em que contribuições relativamente anônimas e independentes são direcionadas conforme os objetivos de um organizador do projeto; e outro emerge pelo lado da comunidade virtual, em que contribuintes individualizados se agregam e ganham *status* com a empreitada, participando da tomada de decisões e da definição da agenda como promotores internos do projeto e como co-construtores ativos da administração do empreendimento (HAYTHORNTHWAITE, 2009, p. 162).

Esta diferenciação, no entanto, não estabelece uma divisão hermética entre grupos que se encaixam em uma ou outra caracterização. Tratam-se de dois padrões de comportamento colaborativo que se sobrepõem nestas dinâmicas. Enquanto contribuições pontuais dos indivíduos sem que haja, necessariamente, vínculo com os demais sujeitos aparecem como referentes a uma movimentação de agrupamentos, interações contínuas em um espaço marcado por vínculos colaborativos explicitam o envolvimento dos sujeitos em uma dinâmica de comunidade.

O vínculo emocional com o grupo se torna potencialidade de contribuições mais engajadas. Produções colaborativas aparecem mantidas por meio de aspectos sociais de envolvimento: “engajamento com os outros, apreciação do progresso do próprio trabalho [...], sentir-se parte da empreitada e ser estimulado pela participação” (HAYTHORNTHWAITE, 2009, p. 173). Dessa forma, contribuição, participação, satisfação e engajamento se veem intimamente conectados com a noção de presença social, em que os indivíduos se sentem mais motivados ao passo que se percebem pertencentes a um mesmo grupo. No caso das clannessas, o *fandom* pôde ser caracterizado como uma comunidade de fãs, ainda que existissem sujeitos que contribuíssem pontualmente sem que houvesse um vínculo com os demais e que a existência da comunidade poderia não resistir ao final do programa.

Dessa forma, a potencialidade criativa destas comunidades se materializa quando há um entendimento comum por parte dos fãs. A visibilidade de um objeto de interesse apenas é configurada quando, pelo menos, um outro a legitima como presença, mesmo esta confirmação não sendo, necessariamente, em favor do objeto. É importante explicitar que a busca por pessoas semelhantes não estabelece, essencialmente, um consenso de opiniões, mas configura um espaço de interesses afins.

Se dermos às pessoas uma forma de expressar seu desejo por autonomia e competência, ou generosidade e compartilhamento, elas poderão nos seguir [...] porém, se pretendemos apenas oferecer uma válvula de escape para essas motivações enquanto, na verdade, confinamos as pessoas a uma experiência com um roteiro predeterminado, elas podem se revoltar (SHIRKY, 2011, p. 89).

O *fandom*, então, emerge como um espaço de criação, no qual há a potencialidade de produção de conteúdos. Ele se torna um campo de compartilhamento de sentidos em que um dos principais objetivos é produzir para se manter como tal. Para Duffett (2013, p. 210), não existem limites para as criações geradas por um *fandom*. Por serem frutos da interpretação de seus membros, seus objetos podem ser reais ou ficcionais, podem estar vivos ou mortos, podem ser personagens fantasiosos ou fantásticos. Suas regras de operação – e, portanto, de produção – respondem aos seus interesses que não são estáticos. Conforme mais fãs se sentem inseridos neste contexto, seus objetivos se tornam mais maleáveis, ainda que engajados em torno do objeto de interesse que os uniu em primeiro lugar.

Em situações de *fandom* formados a partir de programas televisivos, Duffett afirma que o engajamento se dá pela combinação de dois pressupostos: “um vínculo emocional com alguém ou alguma coisa e um reconhecimento de que ele ou ela tem o poder social (geralmente indicado por popularidade)” (DUFFETT, 2013, p. 161, tradução nossa)⁴⁹. A capacidade interpretativa destes fãs, então, é o que direciona suas movimentações. A produção televisiva pode até tentar apontar os olhares para determinado caminho, mas o *fandom* segue aquele constituído por ele.

Em programas que implicam a participação dos públicos em sua dinâmica transmídia, as trajetórias dos *fandoms* emergem como um elemento importante na constituição de sua lógica. *Fandoms* não mais devem ser caracterizados como uma subcultura particular, mas como parte de um modelo mais amplo que engloba diversos grupos que se comunicam em

⁴⁹ An emotional attachment to someone or something and a recognition that he, she or it has social power (usually denoted by popularity).

uma cultura em rede, influenciando o formato e a direção da mídia massiva (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 64).

Neste cenário, as clannessas, como grupo de espectadoras com participação engajada no programa, agregaram, principalmente, aspectos de duas formas distintas de movimentação atreladas ao *fandom*: a torcida organizada e a prática fanática.⁵⁰ Cabe destacar que não necessariamente quem participa de uma forma participa da outra, mesmo que o mais comum seja o engajamento em ambas as práticas.

A torcida organizada se torna evidente no planejamento e na aplicação de táticas bem determinadas para que seus objetivos sejam alcançados, isto é, sua atuação ocorreu na direção de tentar garantir a permanência de Clara e Vanessa no jogo. Trata-se de um engajamento vinculado ao programa em si, visto que as ações se centravam nas votações, que se realizavam através de múltiplas formas: pelo *site* oficial, pelas ligações por telefone e pelas mensagens SMS durante períodos estabelecidos pela emissora.

Um exemplo desta forma de movimentação é o *tweet* de @SweetFangirling (FIG. 9) que, embora não convoque as demais fãs para mutirões,⁵¹ tendo em vista que nem Clara nem Vanessa estavam passíveis de eliminação nesta primeira semana, traz o *retweet* como forma de agregação a partir dos desdobramentos do programa.



Figura 9. *Tweet* do perfil @SweetFangirling, 17 jan. 2014, 18h32.⁵²

Já a prática fanática diz respeito ao envolvimento emocional dos fãs com seu objeto de adoração. Esta prática não necessariamente apresenta um objetivo específico e muito menos atrelado ao programa. São as produções de conteúdo que se apropriam de seu objeto de

⁵⁰ O termo é utilizado como tradução literal de “*fannish*”, ou seja, não carrega um significado negativo atrelado ao uso comum da palavra, mas faz referência a uma qualidade das ações dos fãs.

⁵¹ Os mutirões eram convocações feitas pela torcida para que as fãs votassem nos canais oficiais do programa com o intuito de eliminar um determinado participante.

⁵² Disponível em: <<https://twitter.com/SweetFangirling/status/424278105218613248>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

adoração e acabam extrapolando as dimensões dele mesmo. Um exemplo disso são as *fanfics*, que podem ser entendidas como as interpolações e extrapolações imaginativas de fãs sobre mundos literários existentes, incluindo ou excluindo uma variedade de textos a partir da interpretação de quem os reconfigura (HELLEKSON; BUSSE, 2014, p. 5-6). A postagem de @Iggynorado (FIG. 10) ilustra esta questão, ao demonstrar uma preocupação com a formação do grupo e com os vínculos entre as próprias fãs e não convocando para alguma ação nos espaços controlados pelo BBB.

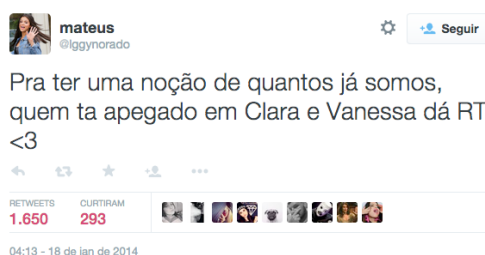


Figura 10. *Tweet* do perfil @Iggynorado, 18 jan. 2014, 4h13.⁵³

A postagem anterior apresenta uma dinâmica peculiar. A partir dela, foi possível chegar em outro *tweet* do mesmo perfil (FIG. 11) em que o usuário deixa evidente a comparação com a publicação do perfil @FernandinhaDoRT (FIG. 12) em favor do casal Angela e Junior.



Figura 11. *Tweet* do perfil @Iggynorado, 18 jan. 2014, 4h17.⁵⁴

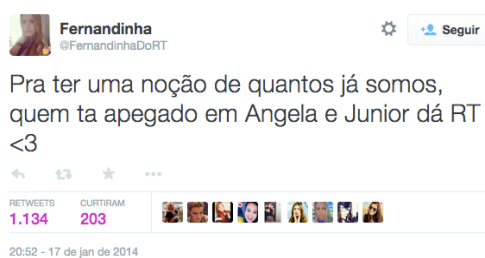


Figura 12. *Tweet* do perfil @FernandinhaDoRT, 17 jan. 2014, 20h52.⁵⁵

⁵³ Disponível em: <<https://twitter.com/Iggynorado/status/424424386968293376>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁵⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Iggynorado/status/424425231348801536>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

A similaridade entre as postagens não é mera coincidência. A publicação em favor de Clara e Vanessa foi publicada em resposta ao *tweet* em favor de Angela e Junior como forma de comprovar qual torcida seria a maior ou, pelo menos, a mais engajada. Enquanto o *tweet* de @FernandinhaDoRT marcou uma tentativa de quantificar quantos seriam os fãs que torciam pelo casal Angela e Junior, o *tweet* de @Iggynorado apresentou uma motivação bastante presente neste universo fanático: a competição.

A disputa por espaço de grupos distintos marca uma dinâmica de tensionamentos, em que não há somente lugar para adoração, mas também para desgosto. Segundo Gray (2003, p. 73), o desgostar é uma emoção potencialmente tão poderosa quanto o gostar. Dessa forma, é possível perceber a movimentação de sujeitos que não se posicionam a favor de um objeto, mas se organizam em oposição a ele.

Odiar ou desgostar de um texto pode ser tão poderoso quanto um relacionamento afetivo forte e admirador com ele e podem produzir a mesma quantidade de atividades, identificações, significações e efeitos; ou servir, da mesma forma, para unir e manter uma comunidade ou subcultura (GRAY, 2005, p. 841, tradução nossa).⁵⁶

Estes indivíduos acabam construindo uma imagem do objeto de adoração que acreditam ser precisa de modo que o recorte se torna suficiente para reagirem e se posicionarem de forma contrária. Por esse motivo, podem ser caracterizados como antifãs, não por não se engajarem em práticas fanáticas, mas por se organizarem a partir de um sentimento negativo em torno de um texto. O casal Clanessa possuía um *fandom* apaixonado, mas, na outra direção, existiam sujeitos que se posicionavam veementemente contrários a elas e às suas fãs, como explicitado no *tweet* de @KahCoss (FIG. 13).

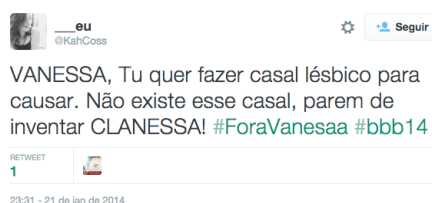


Figura 13. *Tweet* do perfil @KahCoss, 21 jan. 2014, 23h31.⁵⁷

⁵⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/FernandinhaDoRT/status/424313429982474240>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁵⁶ Hate or dislike of a text can be just as powerful as can a strong and admiring, affective relationship with a text, and they can produce just as much activity, identification, meaning, and “effects” or serve just as powerfully to unite and sustain a community or subculture.

⁵⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/KahCoss/status/425802887542104064>>. Acesso em: 22 set. 2015.

No entanto, fãs e antifãs não emergem como polarizações isoladas de ação. Fãs podem se tornar antifãs, em certa medida, quando alguma parte específica do objeto ou do texto é percebida como prejudicial para o todo (GRAY, 2003, p. 73). Esta dinâmica marca a fluidez do posicionamento dos sujeitos que acontece de acordo com aquilo que os afeta diretamente, mesmo que o engajamento ainda seja percebido como forte.

Neste contexto, as discussões de antifãs se conectam com as discussões de fãs, ao ecoarem pontos comuns ao redor do objeto de adoração. Para Gray (2005, p. 845), embora fãs e antifãs possam ser posicionados em fins opostos de um espectro, eles podem existir mais precisamente como uma fita de Möbius, em que comportamentos e performances de ambos se assemelham entre si, seja replicando os conteúdos, seja se apropriando daquilo que é compartilhado pelo outro. Assim, o fluxo desta troca se apresenta como uma negociação que tensiona os posicionamentos de uns em relação aos dos demais (GRAY, 2005, p. 856).

Um *tweet* que explicita este lugar de disputa na dinâmica das clannessas é o post de @BBBelissima (FIG. 14). Na publicação, o termo “Roniele” faz referência aos fãs do casal heterossexual Roni e Tatiele, que também se formou durante o BBB14. A construção comparativa usando os termos *Me* e *You* é uma forma comum na *web* de satirizar a relação de competição entre aquilo que é comparado, em que geralmente o *Me* apresenta características positivas e o *You*, características negativas.



Figura 14. *Tweet* do perfil @BBBelissima, 19 jan. 2014, 01h14.⁵⁸

Esta postura antifã pôde ser observada não somente entre as clannessas e demais *fandoms*, mas também entre elas e alguns participantes do programa. No dia 15 de março, durante um jogo de perguntas, Clara questionou Valter Slim se ele “furaria os olhos dela”, isto é, se o participante beijaria Vanessa. Slim, então, respondeu que, se tivesse a possibilidade, ele “furaria” sim. A partir deste momento, as clannessas enxergaram Slim como um alvo pelo fato de o participante representar uma potencial ameaça ao relacionamento de Clara e Vanessa.

⁵⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/BBBelissima/status/424741605346910208>>. Acesso em: 03 set. 2015.

No dia 27 de março, Clara e Valter, ambos no paredão, poderiam ser eliminados. Neste contexto, as clannessas se viram duplamente motivadas, pela vontade de deixar que Clara continuasse no jogo e pelo desejo de tirar Slim do programa. Para elas, o *rapper* paulista passou a ser enxergado como um vilão por ter demonstrado interesse em Vanessa. Assim, uma das estratégias de engajamento foi se focar no vínculo emocional do *fandom* com o relacionamento das participantes, ao enfatizar que a força da organização delas estava na torcida conjunta (FIG. 15).

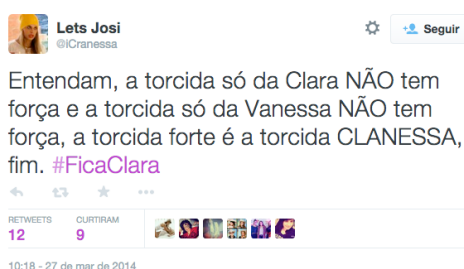


Figura 15. Tweet do perfil @iCranessa, 27 mar. 2014, 10h18.⁵⁹

Além disso, como parte das estratégias das clannessas, elas não votavam em enquetes de outros sites, mas apenas em domínios regulados pelo programa, uma vez que, de fato, eram os lugares que afetavam diretamente os números do *reality show*. Esta movimentação fez emergir um ponto bastante discutido durante o BBB14: a discrepância entre as eliminações e os resultados divulgados pelas enquetes de outros portais. A conversa entre @G7_meuorgulho e @cinemaanosluz (FIG. 16) ilustra a insegurança de quem não sabia desta estratégia e a convicção de quem a conhecia.

⁵⁹ A postagem estava disponível no link: <<https://twitter.com/iCranessa/status/449173621857341440>>, mas foi deletada.



Figura 16. Troca de *tweets* sobre a discrepância entre enquetes e resultados, 27 mar. 2014, 10h51.⁶⁰

A obstinação do *fandom* em conquistar suas metas era apresentada de forma direta nas postagens destas fãs. O *tweet* de @hashtagclanessa (FIG. 17) pontua esta força trazendo não só o início do discurso do apresentador Pedro Bial do dia 4 de março, dia em que a emissora dedicou um VT inteiro para o relacionamento Clanessa, como afirma que o engajamento das fãs era tanto que conseguiriam eliminar o Bial, se assim elas quisessem.

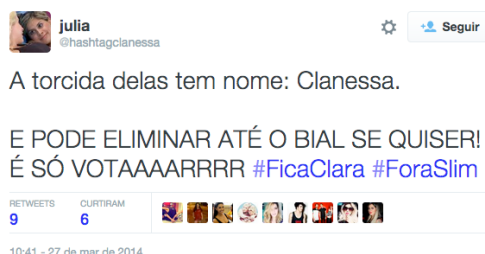


Figura 17. *Tweet* do perfil @hashtagclanessa, 27 mar. 2014, 10h41.⁶¹

O 16º paredão chegou ao fim com a eliminação de Valter Slim, mesmo com a maioria das enquetes mostrando que o resultado seria outro (FIG. 18). O participante recebeu 75% dos votos, um dos maiores percentuais da edição, o que foi motivo de comemoração do *fandom*, ao passo que reafirmou a força que as clannessas tinham na dinâmica do programa (FIG. 19).

⁶⁰ Disponível em: <https://twitter.com/G7_meuorgulho/status/449181855657754624>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁶¹ Disponível em: <<https://twitter.com/hashtagclanessa/status/449179303172124672>>. Acesso em: 10 set. 2015.

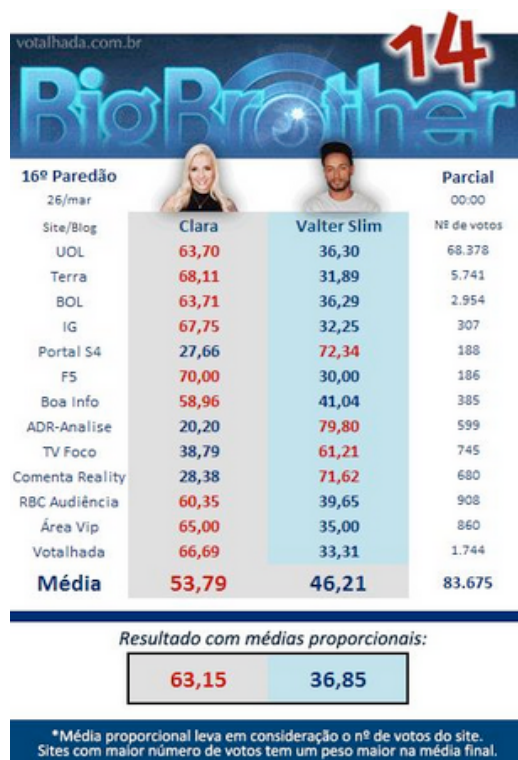


Figura 18. Screenshot do site Votalhada, 26 mar. 2014.⁶²



Figura 19. Tweet do perfil @OralComHalls, 27 mar. 2014, 23h48.⁶³

No dia 30 de março, o último paredão do programa contou com a presença de Vanessa e de Marcelo. Mais uma vez, o resultado da eliminação não foi o mesmo apontado pelas enquetes de outros portais. Enquanto a média dos demais sites dizia que Marcelo receberia 27,25% dos votos,⁶⁴ o participante foi eliminado com 55%. Este fato foi motivo de comemoração para o *fandom*, visto que o objetivo de levar Clara e Vanessa para a final do programa havia sido concretizado (FIG. 20).

⁶² Disponível em: <<https://twitter.com/hmzuado/status/567144293354459136>>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁶³ Disponível em: <<https://twitter.com/OralComHalls/status/449377489786515456>>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁶⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/hmzuado/status/567144293354459136>>. Acesso em: 10 set. 2015.



Figura 20. *Tweet* do perfil @Tropa_Clanessa, 30 mar. 2014, 23h56.⁶⁵

A final do BBB14, realizada no dia 1º de abril, foi disputada entre Clara, Vanessa e Angela. No entanto, a partir deste momento, as clannessas precisaram decidir em qual das duas elas deveriam focar seus votos para que Angela não se tornasse a grande vencedora. Após deliberarem sobre o que deveriam fazer, o *fandom* chegou a um consenso de votar em Vanessa, visto que a participante havia dito que usaria o dinheiro do prêmio para a causa animal.⁶⁶ Esse posicionamento fica explícito no *tweet* de @TvLaranjinha (FIG. 21), que não apenas justifica a escolha por esse motivo, como enaltece a movimentação do *fandom* em favor do que o casal Clanessa poderia representar.

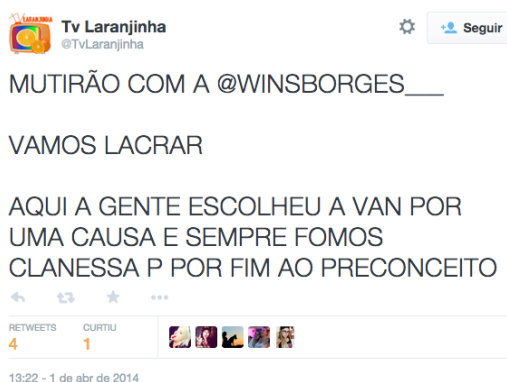


Figura 21. *Tweet* do perfil @TvLaranjinha, 01 abr. 2014, 13h22.⁶⁷

Em um *post* intitulado #Clanessa no blog “A Feminista”⁶⁸, a blogueira maryw1, além de explicar o que o *fandom* significava, trouxe outros pontos que a fizeram optar por Vanessa:

Estou torcendo pra Vanessa na final. Por motivos vários. O maior é que ela foi a bucha de paredão do casal. Clarinha flanou enquanto a Van segurava o rojão. Além disso, sem ser especialmente falante ou fofa, conseguiu ir

⁶⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/hmzuado/status/450466598286262272>>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁶⁶ Vanessa se engajava em movimentos de proteção animal antes de entrar no programa. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/bichos/2014/01/participante-bbb-participou-resgate-beagles>>. Acesso em 18 set. 2015.

⁶⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/RTweetSite/status/451031867903717376>>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁶⁸ Disponível em: <<https://beauvoriana.wordpress.com/2014/04/01/clanessa/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

virando essa tendência. Até que não era mais primeira opção de ninguém na casa. E evitou o colapso *shipper* que seria um paredão Clara X Vanessa na metade do programa. Ela também se posicionou com firmeza em algumas situações. Notadamente na noite de chique do Marcelo. *Não grita comigo assim, não. Aqui o negócio é diferente.* Lacrou. Gamei.

Mesmo assim, na seção de comentários do *post*, a usuária Pudim questionou o porquê de muitas estarem optando também por Vanessa, visto que, na opinião dela, Clara “fez muito mais pelo casal que a Van”. Em resposta a esta pergunta, a usuária xris explicou que a torcida não queria dividir o prêmio com Fabien, afinal, Clara ainda permanecia casada com ele (FIG. 22).

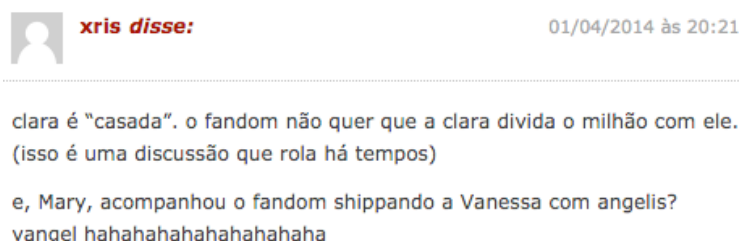


Figura 22. Resposta de xris à Pudim no *post* #Clanessa, 01 abr. 2014, 20h21.⁶⁹

Ainda que a maioria estivesse votando em Vanessa, existiam fãs preocupados com a colocação de Clara na final. O *tweet* de @mayradiasgomes (FIG. 23) marca a importância de votar não somente em Vanessa, mas em Clara também para que a vontade das participantes de ficar com os primeiros lugares se concretizasse.

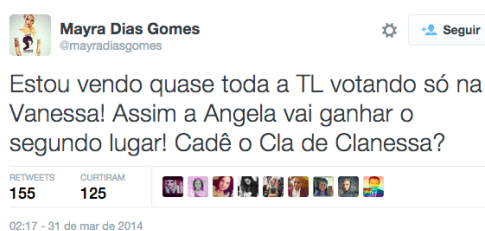


Figura 23. *Tweet* do perfil @mayradiasgomes, 31 mar. 2014, 02h17.⁷⁰

Enquanto a votação se tornava mais intensa, a preocupação com o provável terceiro lugar de Clara foi aumentando. A postagem de @igorcab (FIG. 24) deixou explícita a consequência da divisão da torcida, ao disponibilizar um link que trazia os resultados de inúmeras enquetes sobre a final do BBB14.

⁶⁹ Disponível em: <<https://beauvorianana.wordpress.com/2014/04/01/clanessa/#comment-1208>>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁷⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/mayradiasgomes/status/450502144831938561>>. Acesso em: 10 set. 2015.



Figura 24. Tweet do perfil @igorcab, 31 mar. 2014, 19h08.⁷¹

Em um total de quinze enquetes, Clara ficava em segundo lugar em apenas uma delas. Nas demais, Vanessa se tornaria a vencedora com Angela em segundo lugar. Por esse motivo, a comunidade de fãs passou a discutir soluções para garantir a vice-liderança de Clara.

Como o foco do *fandom* havia se tornado garantir a vitória de Vanessa, as fãs passaram a convocar outros *fandoms* e as torcidas de outros participantes no intuito de ajudar a recuperação de Clara, como fica evidente no *tweet* de @Cout_ma (FIG. 25).

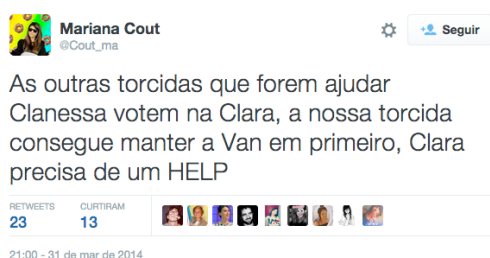


Figura 25. Tweet do perfil @Cout_ma, 31 mar. 2014, 21h00.⁷²

A partir destes desdobramentos, ficou marcado que a dinâmica das clanessas tanto se espalhava nos espaços atrelados ao BBB, quanto para fora dele. O *fandom* foi conformado a partir do programa, mas sua existência se manteve pelo atravessamento de diversas questões que não somente emergiram em torno dos desdobramentos de Clara e Vanessa, mas que tensionaram aspectos da própria comunidade de fãs.

Assim, dois períodos se configuraram como pontos importantes na sua trajetória: o momento em que o *fandom* começou a se constituir como tal e o momento em que o grupo de fãs teve sua existência reconhecida pela emissora Rede Globo. Estes dois recortes foram escolhidos por representarem pontos constantemente levantados pela movimentação das clanessas: o que elas eram, como agiam e o que poderiam representar.

⁷¹ Disponível em: <<https://twitter.com/igorcab/status/450756643761188864>>. Acesso em: 10 set. 2015.

⁷² Disponível em: <https://twitter.com/Cout_ma/status/450784636843470848>. Acesso em: 10 set. 2015.

2.1 A torcida tem nome? — A conformação Clanesa

O BBB14 estreou no dia 14 de janeiro de 2014, mas durante a semana anterior, já era possível perceber movimentações de sujeitos que torciam pelo relacionamento amoroso entre Clara e Vanessa. Embora fosse possível observar publicações esporádicas em torno da formação do casal Clanesa desde a divulgação dos participantes, a movimentação com uma dinâmica *shipper* pôde ser observada mais fortemente nos dias anteriores à Festa Prata, que aconteceu entre os dias 18 e 19 de janeiro.

No dia 8 de janeiro, o site Ego publicou a notícia de que Clara poderia se relacionar com mulheres durante sua participação no BBB14.⁷³ Esta informação passou a circular nas diversas ambiências midiáticas e, principalmente, entre a comunidade de fãs que já enxergava na participante sua potencialidade *shipper*.

A publicação de @teamVanMesquita⁷⁴ (FIG. 26), além de resgatar uma postagem de @BBBaphos_,⁷⁵ explicita a torcida pela formação do casal entre Clara e Vanessa. Ainda que a referência à notícia não esteja explícita na publicação, por não haver link direto para ela, é possível inferir esta conexão, visto que a frase entre aspas é o título da matéria publicada.

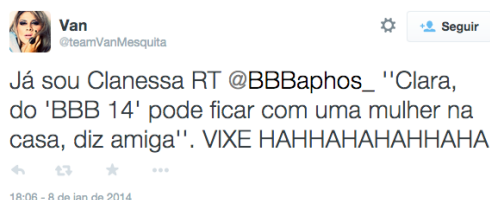


Figura 26. Tweet do perfil @teamVanMesquita, 8 jan. 2014, 18h06.⁷⁶

Antes de Clara e Vanessa se beijarem, a expectativa de vê-las formando um casal de fato era o principal assunto debatido pelo *fandom* em formação. Por esse motivo, a esperança em ver as participantes juntas em um relacionamento ficou evidente nas postagens dessas fãs. O *tweet* de @FIFTHWHITELIES (FIG. 27) marca o envolvimento *shipper* dos sujeitos com a possibilidade da formação explícita do casal Clanesa.

⁷³ Disponível em: <<http://ego.globo.com/televisao/noticia/2014/01/clara-do-bbb-14-pode-ficar-com-uma-mulher-na-casa-diz-amiga.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁷⁴ Embora o perfil ainda seja @teamVanMesquita, é provável que, na época da publicação deste *tweet*, o nome fosse outro. Infelizmente, não é possível precisar qual era.

⁷⁵ Disponível em: <https://twitter.com/bbbaphos_/status/421009758158458880>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁷⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/teamVanMesquita/status/421010052971917312>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

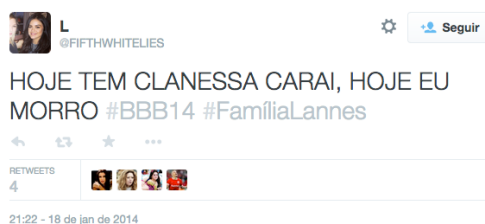


Figura 27. Tweet do perfil @FIFTHWHITELIES, 18 jan. 2014, 21h22.⁷⁷

Ainda que fosse possível observar uma predominância do termo Clanessa nas redes sociais, alguns sujeitos da comunidade de fãs chamavam o casal de Claressa. Após inúmeras deliberações para definir qual seria o nome do *ship*, Clanessa se tornou um consenso mesmo com alguns indivíduos se mostrando não satisfeitos com esta escolha. A troca de *tweets* entre os perfis @BBBlindia e @headof70s (FIG. 28) explicita este embate, ao trazer a insatisfação com a decisão do grupo.



Figura 28. Troca de *tweets* sobre o embate Clanessa X Claressa, 18 jan. 2014, 04h21.⁷⁸

⁷⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/FIFTHWHITELIES/status/424683266264686592>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁷⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/BBBlindia/status/424426242319073280>>. Acesso em: 8 set. 2015.

As participantes Clara e Vanessa, durante seu confinamento no programa, também chegaram a se questionar qual seria o nome delas “na internet”, fazendo referência ao ato de *shippar* unindo os nomes do casal. Enquanto Vanessa imaginou “Clarava”, Clara foi certa ao dizer “Clanessa”. O fim deste diálogo aparece representado no *tweet* de @mathutando (FIG. 29) publicado no dia seguinte ao beijo.

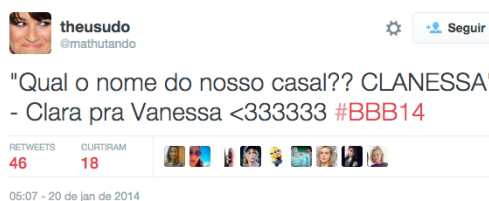


Figura 29. *Tweet* do perfil @mathutando, 20 jan. 2014, 05h07.⁷⁹

Neste contexto, havia aquelas fãs que não se importavam tanto com o nome do *ship*, mas que procuravam se focar apenas na torcida e nas estratégias para a conquista dos objetivos. Este comportamento fica claro na postagem de @apegodaALLY (FIG. 30) que salienta a importância de torcer por Clara e Vanessa independente de como elas fossem chamadas.

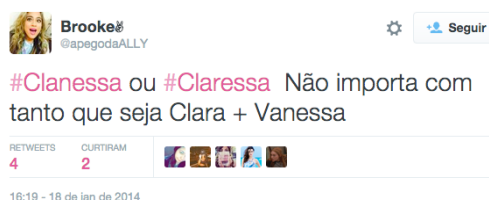


Figura 30. *Tweet* do perfil @apegodaALLY, 18 jan. 2014, 16h19.⁸⁰

Segundo o *Topsy*, foram publicados 24 *tweets* com o termo “Clanessa” do dia 7 ao dia 14 de janeiro; 113 durante o dia 15 de janeiro; 351 durante o dia 16 de janeiro, 376 durante o dia 17 de janeiro e 382 durante o dia 18 de janeiro. Tomando como base o aumento de postagens contendo “Clanessa” em seu enunciado, a conversação se tornou mais intensa com o passar dos dias.

No dia 19 de janeiro de 2014, quase duas horas após o início da Festa Prata, Clara e Vanessa se beijaram na pista de dança, sendo o beijo transmitido, ao vivo, apenas pelos canais do tipo *pay-per-view*. A partir desse momento, a movimentação das fãs se tornou muito mais intensa que anteriormente. O *tweet* do perfil @BBBaixo (FIG. 31) foi o primeiro a trazer a

⁷⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/mathutando/status/425162643544875008>>. Acesso em: 12 set. 2015.

⁸⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/apegodaALLY/status/424606992628326400>>. Acesso em: 23 set. 2015.

imagem do beijo e, por esse motivo, se tornou um dos mais *retweetados*, tendo sua imagem replicada por diversos outros indivíduos em *tweets* próprios.



Figura 31. *Tweet* do perfil @BBBaixo, 19 jan. 2014, 0h22.⁸¹

Em meio as postagens em comemoração ao beijo, emergiram outras que problematizavam a autenticidade de Clara e Vanessa como casal. Um dos argumentos utilizados girava em torno de ManoGelís, relacionamento formado por Manoella e Angelis durante a Fazenda de Verão, ao comparar ambas as relações. O *tweet* de @LulyProblematic (FIG. 32) salienta a comparação direta que estava sendo estabelecida entre os casais e problematiza o argumento de que somente ManoGelís teria sido um relacionamento real.



Figura 32. *Tweet* do perfil @LulyProblematic, 19 jan. 2014, 2h10.⁸²

Corroborando com esta argumentação, a postagem de @mvanessao (FIG. 33) explicita a ideia de que a formação de mais um casal formado por mulheres poderia invadir o espaço ocupado anteriormente por outro. Este tensionamento colocou em relação direta a ocupação

⁸¹ Disponível em: <<https://twitter.com/BBBaixo/status/424728646910099456>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

⁸² Disponível em: <<https://twitter.com/LulyProblematic/status/424755842140098560>>. Acesso em: 8 set. 2015.

de um espaço percebido como escasso, como se para a existência de mais de um casal, eles precisariam ser hierarquizados.

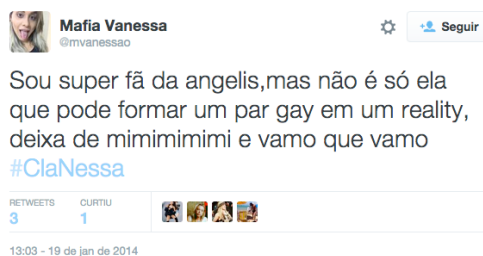


Figura 33. Tweet do perfil @mvanessao, 19 jan. 2014, 13h03.⁸³

Neste universo, apareceram fãs que enxergavam os casais não como competidores, mas como aliados. Durante a Fazenda de Verão, Angelis possuía uma torcida organizada que a fez ser a vencedora do programa. Esta comunidade ficou conhecida como Máfia das Laranjas ou Laranjinhas⁸⁴ e, na dinâmica do BBB14, se aliou às clannessas para garantir que o objetivo do *fandom* fosse alcançado. Esta articulação fica explícita no *tweet* de @cophinebr (FIG. 34) que demonstra satisfação em ver duas torcidas se organizando em torno de uma mesma meta.

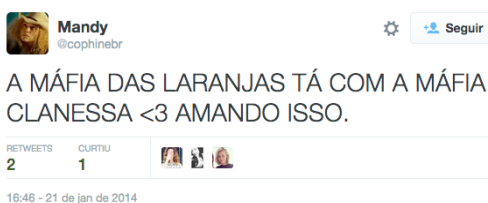


Figura 34. Tweet do perfil @cophinebr, 21 jan. 2014, 16h46.⁸⁵

A agregação de mais de um *fandom* para um fim específico é algo muito comum em espaços dominados pela cultura de fãs. Com a emergência de Clannessas, outros *fandoms* passaram a se identificar com o casal em si ou com aquilo que ele poderia representar. Dessa forma, comunidades de fãs já bastante numerosas e organizadas passaram a se engajar nas causas das clannessas. Foi o caso das Harmonizers (FIG. 35), *fandom* do *girl group* Fifth Harmony formado na segunda temporada do *reality show* americano The X Factor, e das Lovatics (FIG. 36), *fandom* da cantora, atriz e compositora americana Demi Lovato.

⁸³ Disponível em: <<https://twitter.com/mvanessao/status/424919928169197568>>. Acesso em: 8 set. 2015.

⁸⁴ Disponível em: <<http://mafiasdaslaranjas.blogspot.com.br/2013/02/porque-laranja.html>>. Acesso em: 18 set. 2015.

⁸⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/cophinebr/status/425700994257678336>>. Acesso em: 12 set. 2015.

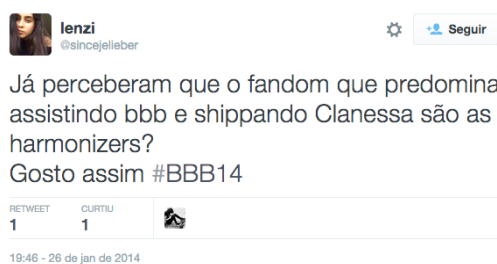


Figura 35. Tweet do perfil @sincejelleber, 26 jan. 2014, 19h48.⁸⁶

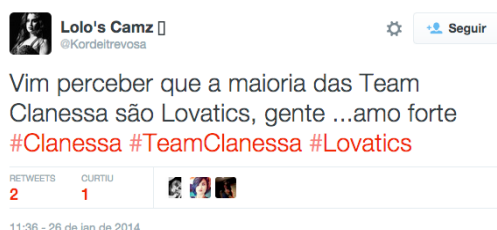


Figura 36. Tweet do perfil @Kordeitrevisa, 26 jan. 2014, 11h36.⁸⁷

Ambos os *fandoms* possuem uma base grande de fãs lésbicas ou, pelo menos, sujeitos que se identificam com as causas lésbicas. Parte das Harmonizers *shippam* ou já *shipparam* “Camren”, casal formado pelas integrantes do grupo Camila Cabello e Lauren Jauregui. O perfil @MafiaFifthH (FIG. 37) postou um *tweet* em que generalizava alguns dos *fandoms* mais ativos a partir de algumas características identificadas como aquilo que os fãs possuíam em comum.

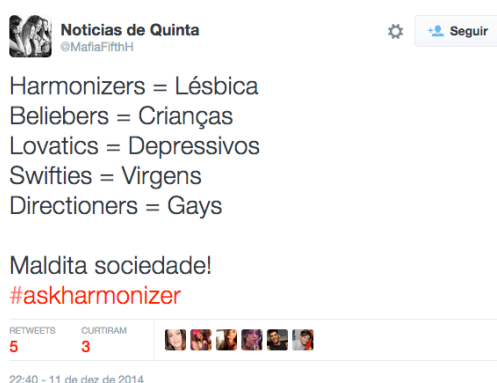


Figura 37. Tweet do perfil @MafiaFifthH, 11 dez. 2014, 22h40.⁸⁸

As Lovatics, por sua vez, admiram Demi por suas mensagens positivas antibullying e por seu engajamento nas causas LGBT. Além disso, durante sua turnê em 2012 pelo Brasil, uma fã brasileira perguntou se ela se tornaria lésbica por suas Lovatics e a cantora respondeu

⁸⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/sincejelleber/status/427558159151296512>>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁸⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/Kordeitrevisa/status/427434879987748864>>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁸⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/mafiafifthh/status/543203745522548736>>. Acesso em: 18 set. 2015.

que sim.⁸⁹ Declarações como esta são replicadas pelo *fandom* como explicitado no *tweet* de @geracaozbrasil (FIG. 38).



Figura 38. *Tweet* do perfil @geracaozbrasil, 16 mai. 2013, 22h39.⁹⁰

Já em 2013, a atriz participou da quinta temporada da série *Glee*, interpretando Dani, uma garçonne lésbica que vivia um romance com Santana, personagem de Naya Rivera. Em uma entrevista,⁹¹ Demi chegou a dizer que não hesitou em fazer Dani. Para ela, ser a voz para a comunidade gay e poder viver uma jovem lésbica a deixou honrada.

Em 2014, Demi participou das Paradas do Orgulho LGBT de Nova York e de Los Angeles, onde ela gravou o clipe da música “Really Don’t Care”. Neste mesmo ano, Demi participou do prêmio Trailblazer, um evento dedicado a honrar os pioneiros que estiveram na vanguarda da marcha em favor da visibilidade e da aceitação das pessoas LGBT nos Estados Unidos. Durante o evento, Demi afirmou que seu avô materno era gay e que ela enxergava muito do espírito dele em si mesma.⁹²

Assim, a aproximação entre todos estes *fandoms* emergiu como uma consequência das movimentações em torno das temáticas LGBT. O fio condutor entre eles pouco tinha a ver com o objeto de adoração, mas passaram a reverberar aquilo que suas comunidades juntas poderiam representar.

Com a conformação do *fandom* Clanesa, as fãs começaram a criar um espaço de compartilhamento simbólico, em que passaram a alinhar algumas significações dos acontecimentos. Um deles disse respeito à música que estava tocando no momento em que Clara e Vanessa se beijaram pela primeira vez. Segundo o *tweet* de @uislacrei (FIG. 39), foi a música *Tamborzão Tá Rolando* do Mc Koringa.

⁸⁹ Disponível em: <http://demilovatogayfacts.tumblr.com/post/23225674902/id-go-lesbian-for-my-lovatics>>. Acesso em: 18 set. 2015.

⁹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/geracaozbrasil/status/335208017563877376>>. Acesso em: 18 set. 2015.

⁹¹ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/10/demi-lovato-da-entrevista-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 18 set. 2015.

⁹² Disponível em: <http://www.mtv.com/news/1854311/demi-lovato-grandfather-tay-trailblazers-tribute>. Acesso em: 11 nov. 2015.

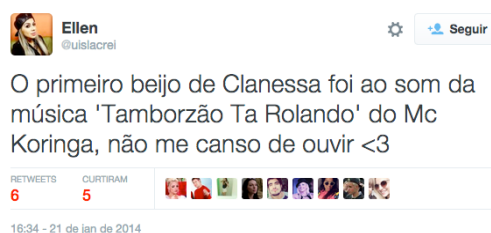


Figura 39. Tweet do perfil @uislacrei, 21 jan. 2014, 16h34.⁹³

No entanto, as participantes elegeram a música *Tempos Modernos* de Lulu Santos, que embalou o momento de romance das duas durante a Festa Perdidos na Selva, realizada entre os dias 22 e 23 de janeiro. O trecho “Vamos viver tudo o que há pra viver. Vamos nos permitir” se tornou um hino para o relacionamento de Clara e Vanessa, repetido tanto por elas, quanto pelas fãs (FIG. 40).



Figura 40. Tweet do perfil @cashipadeira, 23 jan. 2014, 01h49.⁹⁴

Dentre os pontos debatidos pela comunidade de fãs, a vontade de ver Clara e Vanessa como finalistas da 14ª edição do BBB se tornou a principal motivação para a mobilização do *fandom*. Dessa forma, todos os acontecimentos no interior do jogo que pudessem prejudicar a conquista desse objetivo eram vistos como contrários às clanesas. Esta ideia aparece na postagem de @httpsclanesa (FIG. 41), na qual a interferência de qualquer elemento na dinâmica do casal Clanesa seria minimizada, caso apresentasse uma ameaça.

⁹³ Disponível em: <<https://twitter.com/uislacrei/status/425697814602338304>>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/cashipadeira/status/426199922262556672>>. Acesso em: 13 set. 2015.



Figura 41. Tweet do perfil @httpsclanessa, 21 jan. 2014, 21h28.⁹⁵

Assim, as onze semanas de BBB14 foram preenchidas com a presença de um *fandom* bastante ativo tanto nos espaços regulados pelo programa, quanto para fora dele. Mesmo assim, o reconhecimento desta relevância não aconteceu de forma imediata. Por esse motivo, as clansesas se mobilizaram também para que sua existência fosse legitimada pela produção do BBB.

A busca constante por um reconhecimento do casal e da torcida foi uma das movimentações mais visíveis durante o programa, visto que a potencial invisibilidade do relacionamento Clanessa rondava o cenário do *reality show*.

2.2 A torcida tem nome! — O reconhecimento Clanessa

Desde o momento do primeiro beijo de Clara e Vanessa, as clansesas fizeram emergir a tentativa de marcar o lugar ocupado por um casal lésbico em um espaço de grande visibilidade como o Big Brother Brasil. Por isso, desde a segunda semana do programa, foi possível perceber a movimentação desta torcida em torno do reconhecimento do casal por parte da Rede Globo e uma forma de fazê-lo, para elas, seria o apresentador Pedro Bial dizer, ao vivo, o termo “Clanessa”.

Segundo Choucair e Rossini (2015, p. 8-9), a mobilização se deu a partir da *hashtag* #BialFalaClanessa e do termo “Bial fala Clanessa” no *Twitter*. Ainda que fosse possível perceber a movimentação sobre esse assunto durante a maioria das semanas de programa, o período imediatamente posterior ao beijo foi marcado por uma intensidade maior de postagens. Nos dias 28, 29 e 30 de janeiro, por exemplo, a *hashtag* foi um dos assuntos mais comentados, chegando a permanecer nos *Trending Topics* brasileiros.

Esta concentração pode ser explicada pelo fato de, durante a Festa Circo, realizada entre os dias 29 e 30 de janeiro, Clara e Vanessa disseram, pela primeira vez, que se amavam. Após esta declaração explícita, o *fandom* concluiu que não haveria motivos para não nomear

⁹⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/httpsclanessa/status/425771879899484160>>. Acesso em: 12 set. 2015.

Clanessa e passou a ter certeza que, no programa do dia seguinte, o apresentador falaria o tão esperado termo (FIG. 42).



Figura 42. Tweet do perfil @deloyaute, 30 jan. 2014, 01h18.⁹⁶

A campanha para que Pedro Bial falasse Clanessa girou em torno da *hashtag* #BialFalaClanessa, como também foi permeada por *tweets* que interagiam diretamente com o produtor do programa e com o apresentador através de seus perfis na rede. Os mutirões faziam os termos se tornarem os mais comentados durante aquele período, assim como lotavam as menções dos perfis de @boninho e de @PBial.

Dentre os argumentos utilizados para a cobrança de um reconhecimento, estavam a comparação com o casal FranGo (Franciele e Diego) que já havia sido mencionado pelo apresentador. A postagem de @m4roqueira (FIG. 43) questiona o porquê de um relacionamento ter sido reconhecido e o outro não, ao passo que demanda um posicionamento de Bial por meio de Boninho.

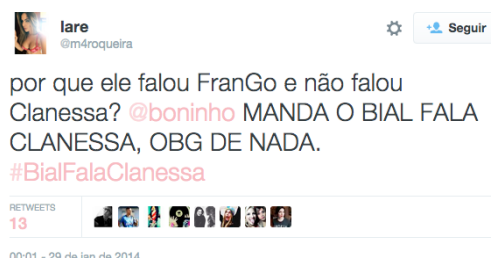


Figura 43. Tweet do perfil @m4roqueira, 29 jan. 2014, 00h01.⁹⁷

O objetivo principal da movimentação era perceber que o *fandom* estava sendo reconhecido como torcida, no entanto, havia fãs que queriam mais um desdobramento. O *tweet* de @pqreality_ (FIG. 44) demonstra que era importante também Clara e Vanessa saberem que possuíam uma comunidade de fãs apaixonada e engajada torcendo por elas. Este exemplo mostra que era relevante ser enxergado como *fandom* pela emissora, assim como pelas participantes.

⁹⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/deloyaute/status/428728963830415360>>. Acesso em 12 set. 2015.

⁹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/m4roqueira/status/428347207440285696>>. Acesso em: 12 set. 2015.



Figura 44. *Tweet* do perfil @pqreality_, 26 jan. 2014, 17h58.⁹⁸

Após grande engajamento das clanessas, Bial, finalmente, falou Clanessa. “A torcida delas tem nome: Clanessa. As amigas multicoloridas despertam admiração e temor”, disse o apresentador ao introduzir um VT sobre o relacionamento de Clara e Vanessa no programa de 4 de março, mais de um mês depois do início da movimentação do *fandom* em torno desta questão. O vídeo salientou momentos marcantes das participantes, como o dia em que Clara pediu Vanessa em namoro, e características que tanto elas, quanto os demais confinados enxergavam nelas e na relação das duas.

A partir deste momento, foi possível perceber grande movimentação comemorando a fala do apresentador e o fato de terem representado o relacionamento das duas em um VT. O *tweet* do perfil oficial de Clara (FIG. 45) marca não só a conquista de um objetivo, como também parabeniza o engajamento e o esforço do grupo para que isso acontecesse.



Figura 45. *Tweet* do perfil @SkullBlondie, 04 mar. 2014, 22h30.⁹⁹

Neste mesmo assunto, a postagem de @apegadinho (FIG. 46) explicita a relevância que a fala do Bial teve para o grupo, fazendo referência às fãs de outros países. A presença de clanessas espalhadas pelo mundo foi algo discutido durante o programa e fica explícita na postagem do perfil @NinaNa_O (FIG. 47) no dia posterior ao fim do BBB14.

⁹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/pqreality_/status/427530947081568259>. Acesso em: 12 set. 2015.

⁹⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/SkullBlondie/status/441022890964574208>>. Acesso em: 8 set. 2015.

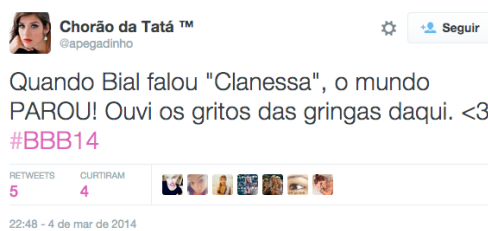


Figura 46. Tweet do perfil @apegadinho, 04 mar. 2014, 22h48.¹⁰⁰

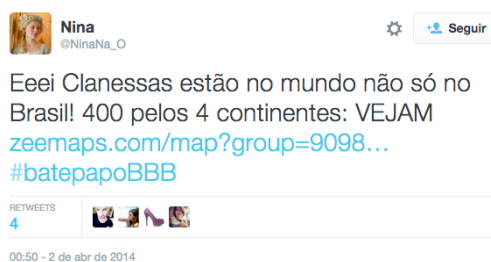


Figura 47. Tweet do perfil @NinaNa_O, 02 abr. 2014, 00h50.¹⁰¹

Ao final do vídeo, Bial se dirigiu aos participantes da casa e perguntou a Cássio Lannes: “qual é a desse casal Clara e Vanessa?”. O participante, então, respondeu que, se o apresentador fizesse essa mesma pergunta pra todos os confinados, cada um responderia de uma forma, assim como cada espectador deveria estar percebendo o casal de uma maneira própria.

Depois, Bial perguntou a Valter Slim o que ele achava do casal e o *rapper* disse que era bem bonito, mas que estava despertando ciúmes dentro da casa. Por fim, o apresentador pediu à Clara e à Vanessa uma “frase definitiva” que defendesse o “lance” das duas e Clara afirmou que elas eram duas amigas coloridas.

Estas declarações geraram respostas no *fandom* que comemoravam a discussão aberta sobre o relacionamento das duas, além do reconhecimento do grupo como torcida. Embora este fato tenha sido bastante comemorado pelo grupo, houve a problematização sobre Bial não ter falado Clanessa para Clara e Vanessa (FIG. 48). Mesmo assim, o sentimento majoritário era de alegria por terem sido reconhecidas enquanto *fandom*, pelo menos, pela Rede Globo.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/apegadinho/status/441027413792018432>>. Acesso em: 8 set. 2015.

¹⁰¹ Disponível em: <https://twitter.com/NinaNa_O/status/451204935225729024>. Acesso em: 22 set. 2015.



Figura 48. Troca de *tweets* sobre Bial ter dito Clanesa, 05 mar. 2014, 01h07.¹⁰²

Como forma de compartilhar os acontecimentos deste dia, a postagem de #TeamClanesa (FIG. 49) disponibilizou o trecho do programa exibido ao vivo, juntamente com algumas percepções discutidas pelas fãs.

"A torcida delas tem nome: CLANESSA."

E depois de tanto pedir, implorar, discutir, brigar com o Boninho e vê-lo dizer: "CLANESSAS, MENOS" para que ele autorizasse o Bial a falar CLANESSA ao vivo, finalmente conseguimos.

O Bial falou o nome da nossa torcida, seguido de um VT incrível de momentos incríveis das duas que nós já estamos cansados de assistir. Hahaha Segue o VT:



Figura 49. Screenshot da postagem de #TeamClanesa, 06 mar. 2014, 10h32.¹⁰³

O mesmo *post* continha uma análise sobre a resposta de Clara ao questionamento de Bial. Para esta fã, embora a produção do programa, personificada pelo apresentador Pedro

¹⁰² Disponível em: <<https://twitter.com/otpcrazy/status/441062456497278976>>. Acesso em 12 set. 2015.

¹⁰³ Disponível em: <<http://hashtagteamclanesa.blogspot.com.br/2014/03/a-torcida-delas-tem-nome-clanesa.html>>. Acesso em 8 set. 2015.

Bial, houvesse reconhecido a existência do casal e da torcida, o fato de Clara ter dito que elas eram amigas, ainda que coloridas, foi algo incômodo:

Dia histórico né, gente?! Foi uma explosão de emoções no *Twitter*, não teve um único ser humano que *shippa* Clanessa que não explodiu de felicidade nesse momento que demorou 1 mês e 15 dias para acontecer! Mas como nem tudo são flores, logo em seguida o Bial fez perguntas sobre o casal e quando foi a vez delas responderem, a Clara soltou: "Eu acho que nós somos duas amigas coloridas." e aí o *fandom* inteiro ficou #chateado novamente! Hahahahahahaha. Qual foi, Clarinha? Você pede em namoro e depois diz que é amizade colorida? Hahahahaha. Mas sabe o que eu acho?! Acho não, tenho certeza! Elas são um casal, elas são namoradas, elas se pegam, proporcionam prazer uma para outra. Mas acima de qualquer coisa elas se respeitam, elas cuidam uma da outra, são unidas, são cúmplices, elas se defendem, elas jogam junto, compram briga SIM uma da outra, elas estão dispostas a caminharem juntas nesse jogo até o fim, ELAS SÃO AMIGAS! Amigas coloridas! Porque amizade preta e branca não faz sentido, porque é exatamente a cor que dá emoção a vida! E eu tenho um puta orgulho de *shippar* essa "amizade colorida"!

No texto, fica evidente um duplo tensionamento: de um lado, a comemoração por terem sido reconhecidas e, de outro, o desgosto de o casal *shippado* não se autodeclarar como tal. Mesmo assim, a autora se posiciona em defesa do relacionamento das duas, justificando a fala de Clara a partir da sua própria leitura.

Com o fim do BBB14, a movimentação das clannessas passou a girar em torno das participações de Clara e Vanessa nos demais eventos e programas da emissora. No dia 9 de abril, oito dias após o fim da 14ª edição do BBB, o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, exibido de segunda a sexta às 10h50, recebeu as ex-participantes Clara, presente no estúdio, e Vanessa, por meio de videoconferência.

Antes do início do programa, o *fandom* já se mostrava bastante ativo na expectativa de como seria o desenrolar da conversa com Clara e Vanessa. As postagens, neste período, traziam a ideia de um sentimento partilhado, no qual o foco era o sucesso das ex-participantes após o fim da 14ª edição do BBB (FIG. 50) e o engajamento das fãs para que as duas fossem felizes (FIG. 51).

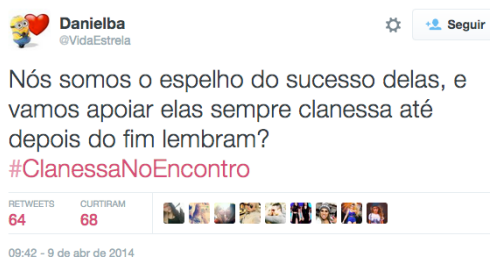


Figura 50. *Tweet* do perfil @VidaEstrela, 09 abr. 2014, 09h42.¹⁰⁴

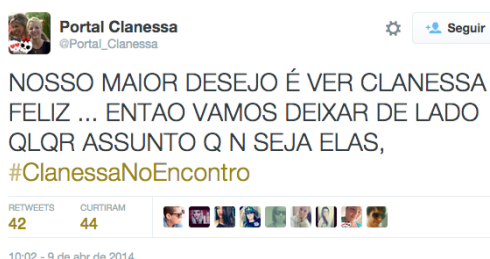


Figura 51. *Tweet* do perfil @Portal_Clanessa, 09 abr. 2014, 10h02.¹⁰⁵

Fátima dedicou o último bloco do programa, de quase 20 minutos, para debater a relevância da comunidade de fãs no desenrolar da 14ª edição do BBB, destacando algumas atitudes do *fandom*, como, por exemplo, a constituição de histórias paralelas criadas nas redes sociais. E, para isso, contou com a presença das ex-BBBs e de quatro clannessas: Deborah, Juliana, Vanessa e Rosali.

Entretanto, muitas fãs não sabiam que haveria representantes do *fandom* na plateia. Este fato fez emergir postagens de surpresa e de orgulho, visto que a comunidade de fãs da qual faziam parte ganharia espaço para falar sobre ela. Exemplos destas posturas podem ser observados nos *tweets* de @BBBarbieWild (FIG. 52) e de @Realityshoow (FIG. 53).



Figura 52. *Tweet* do perfil @BBBarbieWild, 09 abr. 2014, 10h49.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/VidaEstrela/status/453875684453019650>>. Acesso em: 12 set. 2015.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://twitter.com/Portal_Clanessa/status/453880579801763841>. Acesso em: 12 set. 2015.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/BBBarbieWild/status/453892427439702016>>. Acesso em: 12 set. 2015.



Figura 53. Tweet do perfil @Realityshoow, 09 abr. 2014, 11h14.¹⁰⁷

Logo de início, Fátima explicou que o nome Clanessa significava a junção de Clara e Vanessa e que essa mobilização das fãs conseguiu dar o final desejado para o programa e para as participantes. A criação de histórias paralelas e a movimentação nas redes sociais foram salientados pela apresentadora como pontos importantes na dinâmica das clannessas e esta fala de Fátima foi apontada como adequada ao ser replicada nas redes sociais (FIG. 54).



Figura 54. Tweet do perfil @Skulblondiepink, 09 abr. 2014, 11h37.¹⁰⁸

A apresentadora ainda chamou atenção para a repercussão do *Encontro*, ao apontar que, naquele momento, o programa era um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. A grande movimentação que a presença de Clara, de Vanessa e das clannessas criou fica explícita na Figura 55, que mostra a *hashtag* #ClanessaNoEncontro nos *Trending Topics* mundiais do *Twitter* durante a exibição do programa.

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/Realityshoow/status/453898666781442048>>. Acesso em: 12 set. 2015.

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/Skulblondiepink/status/453904621522542592>>. Acesso em: 23 set. 2015.



Figura 55. Screenshot dos *Trending Topics* mundiais do Twitter, 09 abr. 2014, 11h51.

Dando continuidade à pauta, Fátima perguntou à Clara se ela ficou surpresa com a descoberta das clannessas. A ex-participante afirmou que jamais tinha imaginado que a torcida delas fosse tão grande e tão organizada, mas que tanto ela, quanto Vanessa tentavam desvendar qual o nome que as fãs tinham dado para o casal formado por elas. Clara, então, disse que ficou muito feliz ao ouvir do Bial pela primeira vez, quase dois meses depois do beijo, como o público se referia a elas.

Após conversarem sobre a expectativa que estas fãs criaram em cima da Clara, Fátima introduziu o vídeo¹⁰⁹ criado por Maurício Ricardo, chargista oficial do BBB, que foi produzido no intuito de presentear as clannessas por todo o esforço durante a 14ª edição. Nele, foi apresentada a história das participantes no desenrolar do programa e apontou os resultados de toda a mobilização desse público chamado Clanessa.

O *fandom* reagiu à charge de forma bastante positiva, já que a criação de Maurício enalteceu a presença delas na dinâmica do programa, deixando evidente quais eram os objetivos estabelecidos e que elas haviam alcançado todos eles. O *tweet* de @ihmigs (FIG. 56) cita a parte final do vídeo, juntamente com o símbolo “<3” que significa um coração em sinal de aprovação do conteúdo.



Figura 56. *Tweet* do perfil @ihmigs, 09 abr. 2014, 11h44.¹¹⁰

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/assista-ao-clipe-de-mauricio-ricardo-para-clanessa/3269705>>.

¹¹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/ihmigs/status/453906420178911232>>. Acesso em: 23 set. 2015.

Depois de perguntar à Vanessa o que ela achou do vídeo, a apresentadora se dirigiu às quatro clannessas que estavam presentes. Primeiramente, Fátima perguntou à Deborah se a ideia de desenvolver essa “história paralela” tinha partido dela, ao que ela responde afirmando que, por Vanessa ser engajada na causa animal, a participante já teria seu apoio.

Deborah ainda disse que, no momento em que Vanessa beijou Clara, ela percebeu que deveria abraçar ambas as participantes em sua torcida. Ao tomar essa decisão, a clannessas encontrou outra página, administrada por Juliana, com esse mesmo objetivo. A partir disso, as duas resolveram se organizar para alinhar as estratégias em torno do jogo e produzir conteúdo para as demais clannessas que não possuíam o serviço de *pay-per-view*.

Fátima, então, perguntou o que chamou a atenção de Juliana para que o casal Clannessas recebesse esta atenção especial. A clannessas afirmou que se divertia bastante com Clara e Vanessa antes mesmo de elas resolverem se relacionar e que a forma como ambas as participantes se portavam na casa fez a torcida se tornar este “grande exército”.

Continuando a entrevista, a apresentadora perguntou à clannessas Vanessa qual eram as estratégias que elas seguiam quando Clara ou Vanessa podiam ser eliminadas, inclusive, nos momentos em que as enquetes dos outros portais mostravam que uma delas sairia do programa. A clannessas garantiu que elas votavam apenas nos canais oficiais tendo em vista que estes votos são aqueles capazes de eliminar ou deixar alguém na casa. Vanessa disse ainda que o público fã é o que faz a diferença já que o objetivo é salvar aquela pessoa que o cativou e, por isso, não se dedica a apenas um voto, mas a milhares deles.

Esta forma de engajamento foi incrementada com a produção de brindes tanto sobre o casal Clannessas, quanto sobre o *fandom* em si. A clannessas Rosali, que é proprietária de uma empresa focada em brindes personalizados, disse que esse público específico era muito ativo, em grande parte, por ser formado majoritariamente por adolescentes. Na opinião dela, por se tratar de um grupo apaixonado e dedicado, ele precisava de motivação, incentivo e organização. Segundo Rosali, desenvolvendo estes três campos, as clannessas teriam o BBB14 “na mão”.

O oferecimento de brindes se tornou um tópico controverso. Enquanto algumas fãs apontavam que não haviam recebido qualquer brinde para participar das estratégias do *fandom* (FIG. 57), outras se mostraram revoltadas com a ideia de que precisavam de uma motivação a mais para que se engajassem nas causas do grupo de fãs. Para o perfil @santovittiglam (FIG. 58), o amor pelo casal Clannessas era o suficiente para que sua dedicação fosse depositada nelas.

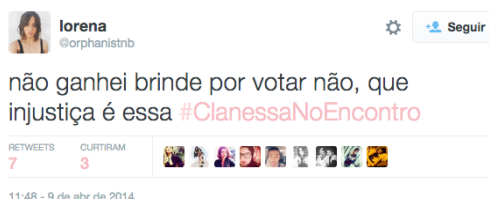


Figura 57. Tweet do perfil @orphanistnb, 09 abr. 2014, 11h48.¹¹¹

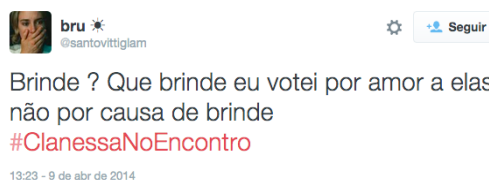


Figura 58. Tweet do perfil @santovittiglam, 09 abr. 2014, 13h23.¹¹²

Terminando de ouvir a resposta, Fátima se virou para Deborah mais uma vez e perguntou qual tinha sido o motivo determinante para que as clannessas escolhessem Vanessa como a possível vencedora. Deborah, então, explicou que, após muita deliberação tanto com os administradores dos perfis oficiais de Clara (@SkullBlondie) e de Vanessa (@VanMesquita) no *Twitter*, quanto com as demais clannessas no interior do *fandom*, elas decidiram focar os votos em Vanessa pelo fato de a participante ter a causa animal como objetivo para o prêmio. A decisão de escolher uma delas se deu para que Angela não corresse o risco de ser a grande campeã na final.

Na tentativa de incluir Leona Cavalli na conversa, que também estava como convidada no programa, Fátima perguntou a ela se essa mobilização toda a impressionava e a atriz não só concordou, como trouxe o beijo de Niko e Félix na novela *Amor à Vida* à tona, lembrando a comoção nacional que emergiu em torno desse acontecimento. A diferença para ela foi que, no caso de Clara e Vanessa, não se tratava de ficção e, mesmo assim, foi um casal muito bem aceito. Segundo Leona, ambos os casos foram muito significativos por terem causado um impacto na sociedade brasileira ao dar visibilidade a uma possível mudança de pensamento no país.

A partir desta colocação de Leona, o jornalista Lair Rennó, que faz parte da equipe do *Encontro*, salientou o poder de mobilização do grupo de fãs ao dizer que a *hashtag* #ClanessaNoEncontro era o segundo assunto mais discutido no mundo naquele momento. Clara, então, chamou, de forma carinhosa, as meninas de “terríveis” e complementou dizendo que os meninos Clanessa também eram. Rosali fez questão de marcar que, embora houvesse homens participantes da torcida, eles eram muito poucos comparados à maioria feminina.

¹¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/orphanistnb/status/453907328149237760>>. Acesso em: 23 set. 2015.

¹¹² Disponível em: <<https://twitter.com/santovittiglam/status/453931141943541760>>. Acesso em: 23 set. 2015.

Tomando essa discussão como gancho, Fátima afirmou que Reginaldo Lincoln, baixista da banda Vanguard, que também estava presente no programa, era fã do casal Clanessa. Clara, imediatamente, o apontou como menino Clanessa, ao passo que Rosali perguntou se ele era ativo nas votações. Reginaldo disse que nem tanto, mas que, para ele, o interessante era a paciência que Clara tinha com Vanessa e vice-versa na hora de resolver os problemas. Segundo o musicista, o relacionamento das ex-BBBs serviu de inspiração para seu próprio casamento e o fato de o casal ter sido formado por duas mulheres não fazia diferença para ele.

Sobre esta conversa, o *tweet* de @shippatona (FIG. 59) marca um tensionamento relativo às questões de gênero no interior do *fandom*. Quando Clara salientou que existiam homens Clanessas, a resposta acelerada e incisiva de Rosali explicitou uma possível tensão em torno deste aspecto. Pela reação dela, gostar do relacionamento de Clara e Vanessa não era suficiente para se autodeclarar Clanessa. O diferencial era exatamente o engajamento nas votações e nos mutirões durante o BBB.

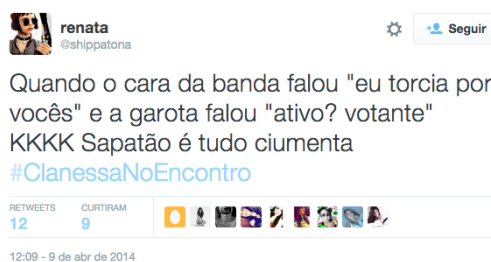


Figura 59. *Tweet* do perfil @shippatona, 09 abr. 2014, 12h09.¹¹³

Complementando a conversa, Clara disse que ela e Vanessa eram muito amigas e que elas acabavam se completando na casa. Aquilo que uma tinha, a outra não tinha e isso era o que criava a harmonia entre as duas. Esta fala de Clara foi recebida com entusiasmo pelo *fandom*, que replicou a frase pelas redes sociais (FIG. 60).

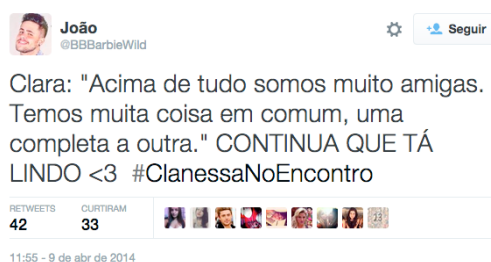


Figura 60. *Tweet* do perfil @BBBarbieWild, 09 abr. 2014, 11h56.¹¹⁴

¹¹³ Disponível em: <<https://twitter.com/shippatona/status/453912503756816384>>. Acesso em: 12 set. 2015.

Assim, Fátima se virou para Vanessa e perguntou: “o que você diria para quem, durante muito tempo, achou que, na verdade, era uma grande jogada de marketing de vocês duas e que, na verdade, era uma amizade colorida, mas que não tinha toda a força que as clannessas enxergaram em vocês?”. Vanessa, então, disse que as pessoas se preocupam demais com a felicidade alheia e, durante o tempo em que ela esteve no BBB, ela foi feliz porque a Clara estava lá. A ex-participante ainda afirmou que não vivia de “achismos”, que ela não se preocupava com a opinião dessas pessoas e que elas estavam muito felizes.

A resposta de Vanessa provocou bastante comoção no *fandom*, que demonstrou bastante satisfação com a maneira que a ex-BBB conduziu o questionamento de Fátima. A replicação das frases ditas por Vanessa (FIG. 61) (FIG. 62) e sua repercussão, simbolizada pela quantidade de *retweets*, povoou as redes sociais logo após a conclusão da fala da vencedora do BBB14.



Figura 61. Tweet do perfil @ItsMeSuh, 09 abr. 2014, 12h17.¹¹⁵

¹¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/BBBarbieWild/status/453909189170298881>>. Acesso em 23 set. 2015.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/ItsMeSuh/status/453914498962030592>>. Acesso em: 23 set. 2015.

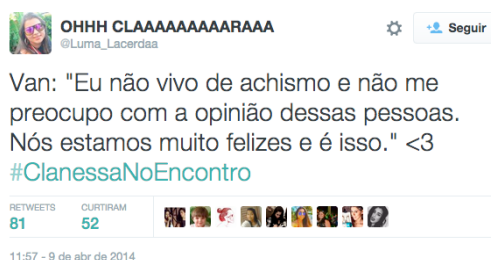


Figura 62. Tweet do perfil @Luma_Lacerdaa, 09 abr. 2014, 11h57.¹¹⁶

Ao final da resposta de Vanessa, Fátima perguntou à Clara a importância do grupo Clanessa na vitória do BBB14. A ex-BBB respondeu que elas fizeram toda a diferença e que fizeram o que elas quiseram com a 14ª edição do Big Brother Brasil, ao se organizarem para eliminar um participante ou para respeitar a vontade de Clara e Vanessa durante o jogo. Clara chegou a afirmar que, se elas dissessem que queriam um determinado participante eliminado, ele saía assim que era colocado no paredão e que esse sucesso representava que elas estavam jogando corretamente na casa.

O reconhecimento da relevância que o *fandom* Clanessa teve nos rumos do programa se tornou algo constantemente comemorado por estas fãs. Dessa forma, Clara dizer que “elas fizeram toda a diferença” foi uma fala marcada pela importância que as clannessas tiveram tanto para Clara e Vanessa, quanto para o BBB como um todo. Este fato ficou evidente no *tweet* de @Realityshoow (FIG. 63), ao salientar o poder que o *fandom* possuía na dinâmica do programa.

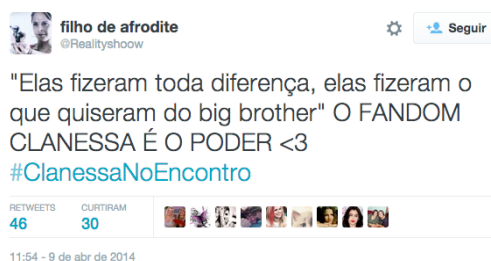


Figura 63. Tweet do perfil @Realityshoow, 09 abr. 2014, 11h54.¹¹⁷

A apresentadora, então, questionou se as participantes estavam manipulando até sua torcida e Rosali respondeu que não se tratava de manipulação, mas de estratégia de jogo. Para a clannessas, elas precisavam interferir sempre que tivessem a possibilidade, não somente quando Clara ou Vanessa estavam no paredão, para que ambas chegassem até a final. Rosali ainda disse que as clannessas prestavam atenção em todas as articulações dos demais

¹¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/Luma_Lacerdaa/status/453909555735695361>. Acesso em: 23 set. 2015.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/Realityshoow/status/453908786936549376>>. Acesso em: 23 set. 2015.

participantes que ameaçavam a possibilidade das duas serem finalistas para que elas pudessem impedir assim que tivessem a oportunidade.

Se incluindo na conversa, Leona Cavalli enumerou os autores de novelas da Globo que já haviam escrito sobre a temática homossexual, inclusive Manoel Carlos, autor de *Em Família*, que estava no ar durante grande parte do BBB14. Na criação de Manoel Carlos, havia duas personagens, interpretadas por Giovanna Antonelli e Tainá Müller, que também iniciaram um relacionamento homoafetivo. No *Encontro com Fátima Bernardes*, Clara disse que uma das personagens também se chamava Clara e Rosali complementou dizendo que a outra se chamava Marina. Para os fãs, este casal havia sido apelidado nas redes sociais como Clarina.

Citando casais formados em tramas como a de Malhação, Fátima afirmou que essa dinâmica de unir os nomes dos personagens em um só é algo muito comum, mas que Clanness aconteceu de forma diferente. Para a apresentadora, as clannessas criaram um enredo a partir dos acontecimentos do BBB, ao criar histórias paralelas que elegiam os inimigos, por exemplo. Concordando com Fátima, Clara afirmou que estas fãs já sabiam o final que queriam para a narrativa que elas estavam constituindo.

Para fechar o assunto, Fátima perguntou às clannessas se elas continuariam acompanhando a vida das ex-BBBs e todas disseram que sim. Rosali ainda destrinchou a resposta dizendo que onde a Clara fosse tocar, elas iriam prestigiar a DJ, já que, em tão pouco tempo, elas conseguiram quebrar um tabu tão grande em relação ao relacionamento homoafetivo. “Acima de tudo, elas são amigas. Eu vivo uma relação assim e é, realmente, isso. A amizade delas foi o que mais chamou a atenção da gente, os momentos de carinho, a cumplicidade, como elas se protegiam, como elas não deixavam ninguém afetar uma a outra”, afirmou Rosali.

Antes que a clanness conseguisse finalizar sua resposta, Fátima a interrompeu dizendo que Clara ainda tinha uma relação com o marido para resolver. A ex-participante, então, explicou que havia deixado claro desde o início que era casada e que sempre levava as coisas com a maior naturalidade. Por esse motivo, esta situação não seria diferente. Clara afirmou que estava reorganizando sua vida fora da casa e que não queria perder Vanessa da vida dela, mas que seu marido era uma pessoa muito importante também. Assim, Clara pediu para as fãs respeitarem sua decisão, já que Fabien sempre seria o pai de seu filho e, por isso, sempre faria parte de sua vida.

O questionamento de Fátima sobre o casamento e sobre o filho desencadeou esta resposta de Clara, que foi recebida com bastante entusiasmo pelo *fandom*. O fato de a ex-BBB

o pai do seu filho, Clara deu margem para a interpretação das fãs de que sua relação com ele se resumiria à criação do seu filho Max (FIG. 66).

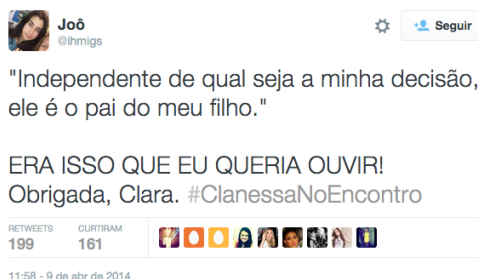


Figura 66. Tweet do perfil @ihmigs, 09 abr. 2014, 11h58.¹²⁰

Fátima, por fim, agradeceu a presença de todos e abriu espaço para a Vanguard tocar a música tema do casal Lili e William da novela *Além do Horizonte*. O vocalista Hélio Flanders dedicou a canção para o fã-clube da banda, dizendo que, assim como as clannessas, seus fãs faziam acontecer e vestiam a camisa. Complementando a fala do seu colega de trabalho, Reginaldo disse que os membros do fã-clube eram fortes e que os colocavam em posições maravilhosas, ao acreditar no sucesso deles.

Chegando ao final do Encontro, as clannessas passaram a postar mensagens de orgulho (FIG. 67) por terem recebido um espaço de fala e de reconhecimento em um programa de grande visibilidade. O *tweet* de @OralComHalls (FIG. 68) traz a importância de ter visto o *fandom* do qual fazia parte se tornar um tópico de conversações na maior emissora brasileira de televisão.

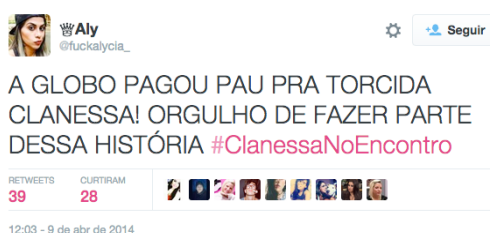


Figura 67. Tweet do perfil @fuckalycia_, 09 abr. 2014, 12h03.¹²¹

¹²⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/ihmigs/status/453909832501035009>>. Acesso em: 12 set. 2015.

¹²¹ Disponível em: <https://twitter.com/fuckalycia_/status/453911197197561857>. Acesso em: 12 set. 2015.



Figura 68. Tweet do perfil @OralComHalls, 09 abr. 2014, 11h54.¹²²

A movimentação para que houvesse o reconhecimento do *fandom* girou não somente em torno do reconhecimento do casal, mas, sobretudo, da própria torcida. Os mutirões e as estratégias para que o termo Clanessa passasse a fazer parte do vocabulário da produção do programa marcou um modo de engajamento que articulou formas de ação de torcidas organizadas e de práticas fanáticas. Para a comunidade de fãs, ver o nome dado por elas ser pronunciado durante o programa seria uma maneira de dar a maior visibilidade que o relacionamento de Clara e Vanessa e que a torcida poderiam ter.

O envolvimento das fãs com seu objeto de adoração foi marcado por interações contínuas entre elas de modo que estabeleceram vínculos para além do programa. Suas movimentações deram origem a uma comunidade de fãs centrada no casal Clanessa e em tudo aquilo que foi mobilizado ao redor dele: da origem do *fandom*, em que questões de uma identidade comum foram debatidas, ao momento do reconhecimento, em que o objetivo era garantir que suas existências não fossem invisibilizadas.

O fato de o casal ter sido formado por duas mulheres tensionou o espaço do programa ao colocar em pauta pontos atrelados às discussões de gêneros e de sexualidades. A formação do primeiro relacionamento lésbico na dinâmica do BBB deu a ver aspectos da constituição das identidades lésbicas tanto entre Clara e Vanessa, quanto entre as clanessas.

¹²² Disponível em: <<https://twitter.com/OralComHalls/status/453908820490985473>>. Acesso em: 12 set. 2015.

3. CLANESSAS: IDENTIDADES LÉSBICAS EM DISPUTA

A participação das clannessas nos espaços constituídos a partir do BBB14 fez emergir questões mais amplas que o amor ao objeto de adoração. Não se tratava apenas de construir narrativas paralelas ou acompanhar o dia a dia de Clara e Vanessa no programa, mas sua configuração tensionou aspectos identitários do grupo de fãs. O *fandom* foi constituído, em sua maioria, por mulheres que se identificavam como lésbicas ou por pessoas engajadas nas lutas dos movimentos LGBT. Dessa forma, suas movimentações foram capazes de dar a ver demandas caras para a representatividade e para o reconhecimento de suas existências.

Segundo Duffett (2013, p. 196), *fandoms* são potencialmente um espaço de investigação no qual os indivíduos podem dar visibilidade às suas identidades de gênero, em especial sujeitos que nem sempre possuem espaço para sua expressão, como fãs que se identificam com o gênero feminino. Jenkins (2014, p. 41-42) se alinha a essa perspectiva, apontando que a emergência de *fandoms* pode ser vista como um esforço para fazer a cultura dos fãs mais aberta, de modo que fãs femininas ou mais feminilizadas podem fazer contribuições sem ter que encontrar o poder masculinizado arraigado historicamente.

Assim, *fandoms* emergem como espaços de constituições e negociações de questões identitárias do grupo e no grupo. A ideia de uma identidade contrastiva, que só é definida se há um outro contra o qual se definir (LOPES, 2014, p. 279), marca a noção de alteridade neste universo. São noções que dependem das relações estabelecidas entre as partes, visto que “tanto a masculinidade quanto a feminilidade apenas existem devido a existência da outra” (WEEKS, 1998, p. 63, tradução nossa).¹²³ Trata-se de uma luta de forças, em que a ocupação do espaço de um pressupõe o tensionamento do espaço do outro.

Embora se identificar como parte de um grupo ou como não pertencente a ele traga marcas identitárias, a constituição desta comunidade não é algo estático. A tentativa de colocar sujeitos semelhantes em um mesmo grupo apaga tudo aquilo que os diferencia entre si, como se, para pertencerem, os indivíduos precisassem se tornar uma massa homogênea. Esta problematização, no entanto, não nega as possibilidades de identificar grupos a partir de marcas identitárias, mas evidencia a importância de se levar em conta as ambivalências e volatilidades das identidades que já se transformam no momento em que são percebidas (LEAL, 2008, p. 111).

¹²³ Tanto la masculinidad como la feminidad solo existen debido a la existencia de la otra.

Estas disputas configuram um terreno de negociações que responde às lógicas daqueles com mais poder. “Quando comunidades ou práticas são predominantemente conformadas pelos interesses de um grupo social, aqueles em minoria têm de habitar um mundo onde as convenções culturais podem ser diferentes do que eles desejam” (DUFFETT, 2013, p. 201, tradução nossa).¹²⁴ Grupos diferentes daqueles que detêm o discurso hegemônico se configuram como sujeitos marginalizados, de modo que suas movimentações emergem como práticas de resistência.

Para Butler (2000), este campo de tensões é regulado por um conjunto de normas sociais que pré-existem ao sujeito. Este sujeito, por sua vez, é constituído por um duplo movimento: ser responsável por seus atos e ser submetido a uma autoridade (ERIBON, 2008a, p. 77), isto é, trata-se de um indivíduo que sujeita ao passo em que é sujeito. Assim, ainda que os sujeitos sejam dotados de ação, existem aqueles que são percebidos como abjetos, indivíduos cujas identidades são excluídas ou negadas e sua constituição designa um espaço de marginalidade.

Estas identidades marginalizadas ocupam um lugar de fronteiras em que seus corpos se constroem a partir de sua deslegitimação. Segundo Butler (2000), a maneira como enxergamos as relações de gênero e de sexualidade é produzida a partir da reiteração destas normas. É um espaço em que a autora caracteriza a heterossexualidade como matriz de inteligibilidade de gênero.

O conceito de “matriz heterossexual” designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos, gêneros e desejos. Essa matriz definirá o modelo discursivo/epistêmico hegemônico de inteligibilidade de gênero, o qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável, expressado mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher) (BENTO, 2006, p. 77).

Esta base de sentidos cria uma hegemonia sexual que materializa e é materializada pelas normas regulatórias centradas na heterossexualidade. Esta ideia de um imperativo heterossexual, embora possibilite certas identificações sexuais, impede ou nega as demais. A existência de outras sexualidades, relegadas à margem, tensiona um espaço que tenta controlar tudo aquilo que subverte a norma.

Neste contexto, assumir-se uma pessoa homossexual emerge como uma tentativa de povoar o espaço público com sexualidades diferentes da hegemônica. Para Borrillo (2010, p.

¹²⁴ When communities or practices are predominantly shaped by the concerns of one social group, those in a minority have to inhabit a world on which the cultural conventions may be different to what they desire.

77), a relação entre elas as organiza em uma hierarquia, reservando a posição visível para algumas, mantendo as demais em segredo. Isso implica dizer que a identidade sexual não é um todo unificado, mas um conceito diverso: não são formas de sexualidade, mas muitas sexualidades (WEEKS, 1998, p. 46). Afinal, elas são produtos de negociações, lutas e ações humanas socialmente organizadas, ao contrário da ideia de que são predeterminadas, automáticas ou fixas (WEEKS, 1998, p. 63).

A partir disso, a hierarquização das sexualidades marca uma repressão homofóbica a todos aqueles que não se encaixam nos padrões dominantes estabelecidos. Às “múltiplas homossexualidades, identidades nômades de homens que elegem homens e de mulheres que elegem mulheres como objeto de amor e de desejo sexual” (ALMEIDA, 2001, p. 173), são garantidos lugares de fronteira, espaços de constituição à margem das heterossexualidades. Assim, há um alargamento na compreensão do termo homofobia que extrapola a definição comumente disseminada.

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas (BORRILLO, 2010, p. 34).

A atribuição de uma posição marginal às pessoas homossexuais carrega formas sutis de homofobia, ao exibirem certa tolerância em relação a lésbicas e gays. A estes sujeitos de sexualidades caracterizadas como secundárias, é garantida a liberdade de as expressarem, desde que a façam de maneira silenciosa, invisível. “Aceita na esfera íntima da vida privada, a homossexualidade torna-se insuportável ao reivindicar, publicamente, sua equivalência à heterossexualidade” (BORRILLO, 2010, p. 17). Segundo Weeks (1998, p. 30), ainda que as pessoas homossexuais possam ser aceitas, a homossexualidade ainda não o é.

Nesse universo, a homossexualidade feminina é constituída a partir de uma dupla marginalização. “Lésbicas enfrentam a repressão à homossexualidade e a repressão à mulher, simultaneamente” (MENDONÇA, 2012, p. 41), isto é, trata-se da sobreposição de camadas de discriminação que visam controlar e definir os esquemas da sexualidade feminina.

Historicamente, as identidades sexuais atreladas às mulheres aparecem como produtos do poder arraigado dos homens para definir e categorizar o que é necessário e o que é

desejável. Enxergamos o mundo através dos nossos conceitos de sexualidade masculina que, ainda que não estejamos olhando diretamente para a ela como tal, olhamos o mundo dentro do seu marco de referência (WEEKS, 1998, p. 44). “[A misoginia], ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres” (BORRILLO, 2010, p. 29).

As lesbianidades, portanto, se tornam duplamente invisibilizadas, visto que, por certo tempo, era impensável a existência de sexualidades femininas autônomas em que o homem não possuísse qualquer função (WEEKS, 1998, p. 49). “A lesbofobia constitui uma especificidade no âmago de outra: com efeito, a lésbica é vítima de uma violência particular, definida pelo duplo desdém que tem a ver com o fato de ser mulher e homossexual” (BORRILLO, 2010, p. 27). Este parece ser o cerne da violência homofóbica em relação às mulheres homossexuais, na qual há a acumulação das discriminações contra a constituição do gênero e da identidade sexual.

Assim, a figura da lésbica é vista como uma personagem subversiva, por provocar dois movimentos: um fascínio pela profusão feminina e um temor pela possibilidade de a mulher sentir prazer na ausência do homem (BORRILLO, 2010, p. 67). Para Weeks (1998, p. 62), os corpos femininos são cada vez mais sexualizados, o que não implica ser dotado de sexualidade, mas que implica orbitar a sexualidade masculina como objeto de desejo. “Em muitas partes do mundo, a sexualidade da mulher é considerada praticamente nula ou é controlada de forma tão veemente na esfera dos costumes” (ALMEIDA, 2001, p. 163) de modo que sua expressão é permitida somente na forma definida pelo imperativo masculino.

Neste universo, a própria definição de uma figura singular da lésbica negligencia a diversidade de mulheres que se identificam com tal orientação. Segundo Agostini (2010, p. 24), a prática sexual se torna insuficiente para falar de uma identidade lésbica, uma vez que esta discussão também envolve questões de gênero, sociabilidade, militância e uma posição fora do modelo heterocentrista. Para a autora, existem três pontos comuns à diversidade lésbica:

A primeira se refere à orientação sexual; são mulheres que preferem se relacionar sexualmente com mulheres. A segunda se refere ao fato de serem cidadãs de segunda categoria, pois na maioria dos países, entre eles o Brasil, elas ainda não partilham dos mesmos direitos civis das mulheres que preferem se relacionar sexualmente com homens. A terceira é lembrada pelo filósofo francês Didier Eribon (2008), que diz da identidade ferida de gays e lésbicas (AGOSTINI, 2010, p. 33).

Esta identidade ferida deve ser compreendida como constituída inicialmente da vergonha e do medo impostos às pessoas homossexuais, de forma que sua reinvenção deve ser baseada em um sentimento de orgulho (ERIBON, 2008b, p. 7). Levantar a bandeira do movimento LGBT em uma sociedade heteronormativa se configura como uma maneira de desconstruir a desvalorização imposta às pessoas que se identificam como homossexuais.

Para isso, revelar sua orientação sexual é mais que se assumir; é marcar um lugar de pertencimento. Esta atitude fica evidente no *tweet* de @itscaamren (FIG. 69), que faz questão de delinear o espaço em que ela se insere neste contexto. Ela se declara lésbica, mas, ao mesmo tempo, explicita os múltiplos grupos dos quais faz parte,¹²⁵ isto é, existe uma questão comum que atravessa as demais — sua lesbianidade —, mas sua identidade transita de forma individual.

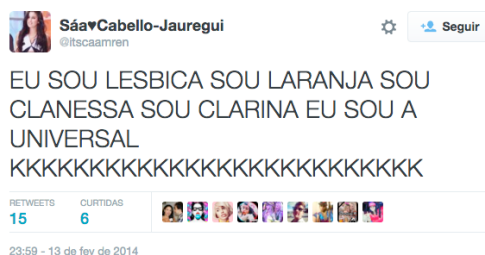


Figura 69. *Tweet* do perfil @itscaamren, 13 fev. 2014, 23h59.¹²⁶

A partir disso, fica explícita a dificuldade de se pensar uma identidade lésbica única. “Se mesmo entre as lésbicas, percebe-se a existência de subdivisões que variam de acordo com o modo de se vestir, cortar cabelo, gesticular, enfim, de montar a *performance* do ser lésbica, é fácil concluir que não é possível pensar em uma identidade lésbica comum a todas as mulheres” (AGOSTINI, 2010, p. 28). A diversidade de práticas e de gêneros em permanente trânsito marca a impossibilidade de categorizar em uma única identidade mulheres que se identificam como lésbicas.

Mesmo assim, existem práticas do imperativo heterossexual utilizadas para tentar categorizar estas mulheres. Trata-se de uma tentativa de marginalizar estes sujeitos a partir de uma percepção individual permeada por pré-conceitos. Um exemplo disso é a postagem de

¹²⁵ A declaração “eu sou a Universal” faz referência à campanha da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que trouxe cristãos para desestigmatizar a imagem considerada estereotipada que a população tem deles. No entanto, o *tweet* em questão utiliza esta referência de maneira irônica, visto que a Igreja Universal é uma das instituições que se posiciona de maneira contrária aos direitos da população LGBT.

¹²⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/itscaamren/status/434144771771076609>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

@Esquentados (FIG. 70), durante o programa *Encontro*, que tenta simplificar a identidade sexual das clannessas a partir de suas performances de gênero.



Figura 70. Tweet do perfil @Esquentados, 9 abr. 2014, 11h47.¹²⁷

Afirmar que elas têm “cara e jeito de sapatão” é uma maneira de sujeitar estas mulheres, isto é, uma forma de transformá-las em objetos, retirando seu caráter de sujeito. Definir o que outra pessoa é ou deixa de ser se configura como uma tentativa de relegá-la à marginalidade, na qual é apontado o espaço que ela deve ocupar para que não transite pelos demais.

Esta questão explicita a forma pejorativa como algumas pessoas ainda se referem às mulheres que se identificam como lésbicas. “As mulheres que têm uma prática sexual diferente da norma heterossexual foram, aos poucos, construindo um estilo próprio, o que acabou lhes rendendo uma série de ‘apelidos’” (AGOSTINI, 2010, p. 27).

No entanto, estas mulheres passaram a se apropriar destas palavras, dando outro peso para elas. Ainda que os apelidos sejam inteligíveis para as demais pessoas, eles passam a ser controlados por aquelas representadas por eles. A postagem de @JustLikeBrejo (FIG. 71) ilustra essa questão, ao relacionar os termos “Shimbalaiê” e “caminhão” às clannessas. O primeiro se refere à música, de mesmo nome, da cantora assumidamente lésbica Maria Gadú e o segundo ao apelido “caminhoneira”, geralmente, associado às lésbicas mais masculinizadas.

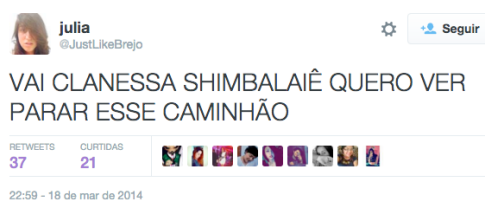


Figura 71. Tweet do perfil @JustLikeBrejo, 18 mar. 2014, 22h59.¹²⁸

Estas palavras passam a ganhar outro significado ao serem ditas por quem costumam representar. A apropriação desta produção de sentidos marca um espaço de empoderamento,

¹²⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/Esquentados/status/453907093872181249>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹²⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/JustLikeBrejo/status/446103729537028096>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

no qual estas mulheres se tornam sujeitos de ação e não apenas corpos abjetos relegados à margem. Assim, mulheres que se declaravam lésbicas ou que se identificavam como tais passaram a se agrupar, a se tornar visíveis e a se reconhecer como grupo. “Após as fases de aceitação como lésbica, de revelação e de visibilidade, a mulher encontra nos grupos lésbicos o sentimento de pertencimento a uma categoria” (AGOSTINI, 2010, p. 37). Para Agostini (2010, p. 35), estas definições passaram a ser estabelecidas por elas próprias, indo de encontro a ideia de que faziam parte de um grupo alheio à sua realidade.

Segundo Brandão (2010, p. 147), o sentimento de pertença à uma comunidade lésbica é constituída a partir da enunciação de um conjunto de experiências subjetivas cuja ordem pode ser mais ou menos aleatória, mas que se ligam logicamente umas às outras:

A presença de sentimentos de “diferença” que vêm a ser equacionados com a atração sexual e amorosa por alguém do mesmo gênero; o reconhecimento desses sentimentos como significantes de e significando homossexualidade ou lesbianidade¹²⁹; a sua aceitação e a adoção de uma identidade gay ou lésbica (“assumir-se”, no jargão da comunidade); a procura de uma comunidade de “iguais”, isto é, uma comunidade gay e lésbica; o envolvimento numa relação gay ou lésbica (BRANDÃO, 2010, p. 147).

A prática de se assumir como pessoa homossexual ficou conhecida como “sair do armário”, na qual a palavra “armário” designa o espaço social e psicológico em que são trancadas as pessoas gays e lésbicas que dissimulam sua homossexualidade (ERIBON, 2008a, p. 65). Sair dele (*coming-out*), portanto, significa deixar de se esconder.

Esta ruptura com a “prática do armário” (MENDONÇA, 2012, p. 17), na qual a obscuridade de uma sexualidade não assumida cria uma falsa imagem de proteção, ao confinar sua movimentação aos limites desse armário, se torna um posicionamento político por representar tanto uma justificação social, quanto uma manifestação de sua sexualidade.

Diante [da] carência de referências culturais, parece compreensível a aflição em que se encontram numerosos adolescentes gays e lésbicas: a manifestação pública de sua homossexualidade (*coming-out*) constitui, nesse sentido, um momento libertador; por esse gesto, um grande número de gays e lésbicas entendem acabar com uma forma de clandestinidade em que haviam sido confinados (BORRILLO, 2010, p. 103).

¹²⁹ Embora a autora utilize o termo “lesbianismo”, preferimos usar “lesbianidade” pela carga simbólica que o sufixo “ismo” carrega ao se tratar de questões sobre sexualidades.

A história de “sair do armário”, então, constitui um instrumento fundamental de definição dos critérios de pertencimento a uma comunidade lésbica. Brandão (2010, p. 147) afirma que não se trata apenas de um descobrir-se, revelar-se e assumir-se, mas também de um tornar-se. Para ela, estas histórias se tornam uma “espécie de confessional coletivo que pretende servir, ao mesmo tempo, os objetivos de libertação do indivíduo face à ‘repressão’ sexual e de construção de uma cultura e de uma comunidade de pertença” (BRANDÃO, 2010, p. 147). É através desse contato que os sujeitos “recém-chegados” adquirem as referências que permitem tanto uma definição identitária, quanto uma partilha de experiências.

Por isso, representatividade é tão importante para estas jovens. A profusão de personagens LGBT e de relacionamentos homoafetivos configura um campo simbólico de referências para estes sujeitos. O *tweet* de @ikissedagay (FIG. 72) ilustra este sentimento, ao listar alguns casais lésbicos *shippados* por diversos *fandoms*: Brittana (Brittany e Santana, personagens lésbicas da série Glee); Clanessa (Clara e Vanessa, participantes do BBB), Camren (Camila e Lauren, cantoras da banda Fifth Harmony); Achele (Dianna Agron e Lea Michele, atrizes que participaram de Glee); e, embora não fique explícito, “as lésbicas da próxima novela” são Clarina (Clara e Marina).

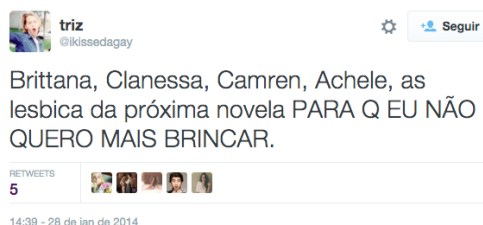


Figura 72. *Tweet* do perfil @ikissedagay, 28 jan. 2014, 14h39.¹³⁰

A expressão “para que eu não quero mais brincar” deve ser compreendida com ironia. O intuito da postagem foi salientar a quantidade de casais lésbicos *shippados* de uma vez só, sendo que, dificilmente, pessoas ou personagens lésbicas são dotadas de visibilidade. Sair de poucas representações para diversas é uma maneira de ocupar um espaço antes proibido a estas formas de sexualidade.

Nesta perspectiva, torna-se necessário que mulheres enxerguem a presença de mulheres que se identificam como lésbicas para que se tornem lésbicas, caso seu desejo aponte nesta direção. Por esse motivo, a visibilidade de mulheres lésbicas marca a potencialidade de pertencimento das demais que podem se identificar como tais. O fato de

¹³⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/ikissedagay/status/428205625756352513>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

suas existências não serem tão visíveis como as heterossexuais cria um espaço assimétrico em que a hegemonia heterossexual impede a disseminação de uma cultura lésbica. Se não são vistas, não existem; se não existem, não se identificam; se não se identificam, não são.

3.1 “Nós existimos” — A busca por visibilidades

A dinâmica das clannessas se apresentou como uma possibilidade de extrapolar a simples identificação com o relacionamento homoafetivo de Clara e Vanessa, configurando um cenário potencial de resistência no qual estas jovens poderiam se ver minimamente representadas em um espaço de visibilidade privilegiada. Apresentar sexualidades distintas da dominante marca a busca por uma igualdade de representações, não com o intuito de se mostrar idênticos, mas significando que possuem o mesmo valor. Afinal, o apagamento da problematização sobre uma hegemonia sexual reflete a importância de discuti-la.

A tentativa de marcar um espaço de visibilidade representa uma dinâmica de resistência, na qual sujeitos marginalizados querem se fazer vistos através de seus próprios olhos. A reapropriação de suas imagens marca a potencialidade de estes indivíduos se construírem da maneira que querem ser vistos pelos demais. Trata-se de retirar sua homossexualidade da clandestinidade, ao passo em que a caracteriza a partir de suas próprias experiências. O não debate sobre estas questões explicita uma tentativa de controlar a permanência dos sujeitos na invisibilidade ou, pelo menos, permitindo que significados atribuídos por vieses homofóbicos sejam perpetuados.

Na dinâmica das clannessas, a replicação da imagem do beijo entre Clara e Vanessa foi uma forma de preencher o espaço visível com esse acontecimento, tanto para comemorar o fato em si, quanto para disseminar a prova de que as participantes tinham dado início ao relacionamento amoroso que as fãs esperavam. Para que os públicos que não estavam acompanhando a festa ao vivo nos canais de *pay-per-view* pudessem ter acesso às cenas do beijo, algumas fãs se viram motivadas a disponibilizar as imagens em outros canais. É o caso da publicação de @Realitymeuvicio (FIG. 73) que, 32 minutos depois, apresenta um link para o vídeo das cenas que seriam publicadas mais tarde no site oficial do programa.



Figura 73. *Tweet* do perfil @Realitymeuvicio, 19 jan. 2014, 0h54.¹³¹

Ao se apropriarem dos acontecimentos do BBB14, as clannessas os tomam como pontos de partida para a conversação de assuntos pertinentes ao *fandom*. Estas práticas marcam a constituição de comunidades de cuidado recíproco (*mutual care*) (DUFFETT, 2013, p. 204), em que as conexões estabelecidas entre os fãs se tornam vínculos para partilhar suas experiências.

Nesse caso, o engajamento das fãs com o relacionamento de Clara e Vanessa se deu, em grande parte, pela identificação desses sujeitos com o casal homoafetivo formado pelas duas participantes, apresentando um envolvimento ligado ao ato de “tirar da esfera da intimidade e levar para a esfera social sua condição homossexual” (LOPES, 2014, p. 281).

No primeiro momento em que o casal Clannessinha havia se formado, o foco do grupo de fãs era não permitir que o relacionamento fosse tornado invisível. Esta questão pode ser observada no *tweet* de @prisnatic (FIG. 74), em que o perfil faz referência direta ao fato de a Globo ter mostrado, mesmo que nos canais de *pay-per-view*, e a Record não tê-lo feito no caso da Fazenda de Verão envolvendo Angelis e Manoella.

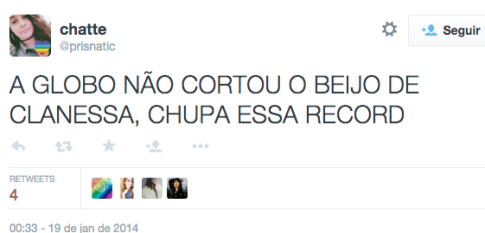


Figura 74. *Tweet* do perfil @prisnatic, 19 jan. 2014, 0h33.¹³²

A vigilância sobre o que a emissora poderia mostrar foi muito forte durante toda a edição do programa. A possibilidade de os desdobramentos amorosos de Clara e Vanessa não terem sido mostrados fez emergir um engajamento contínuo para que os interesses do *fandom* pudessem ser enxergados para além dele. Desde o beijo, foi possível perceber esta forma de

¹³¹ Infelizmente, o *tweet* em questão foi deletado após a coleta.

¹³² Infelizmente, o *tweet* em questão foi deletado após a coleta.

movimentação, explícita no *tweet* de @chamegosimas (FIG. 75) que, além de citar o questionamento de outro perfil, propõe uma solução caso Clanesa não fosse mostrado.



Figura 75. *Tweet* do perfil @chamegosimas, 19 jan. 2014, 1h48.¹³³

A potencial invisibilidade do beijo — e, portanto, do relacionamento amoroso — passou a ser enxergada como uma prática homofóbica, apontada pelo perfil @Iggynorado (FIG. 76). Para ilustrar seu argumento, o usuário fez uso de uma imagem contendo o *tweet* de Jakeline Leal, ex-participante da 12ª edição, que postou sua opinião sobre Dhomini, vencedor da 3ª edição e ex-participante da 13ª, durante o BBB13 (2013).



Figura 76. *Tweet* do perfil @Iggynorado, 19 jan. 2014, 1h09.¹³⁴

Na tentativa de criticar algumas falas de cunho homofóbico de Dhomini durante sua segunda participação no programa, Jakeline encontrou em seu *Twitter* um espaço para isso. No entanto, a ex-participante acabou escrevendo *tweets* que não somente continham equívocos de conceito, como eram permeados por erros de digitação. Após receber uma

¹³³ Infelizmente, o *tweet* em questão foi deletado após a coleta.

¹³⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Iggynorado/status/424740264888918016>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

enxurrada de críticas às suas postagens, Jakeline se defendeu dizendo que os erros foram causados pelo corretor automático de seu celular.¹³⁵

Ainda que o beijo tenha sido mostrado no site oficial e nos canais por assinatura, a preocupação com a provável invisibilidade do relacionamento de Clara e Vanessa se mostrou latente durante toda a edição. Minutos depois do beijo, já era possível perceber insatisfação por parte das clannessas, visto que os canais de *pay-per-view* deixaram de focar nas duas participantes para mostrar as ações dos demais. Este descontentamento fica evidente na postagem de @boyolagem (FIG. 77), que não só mostra o interesse em ver Clara e Vanessa, como desqualifica a visibilidade dada a outra participante.

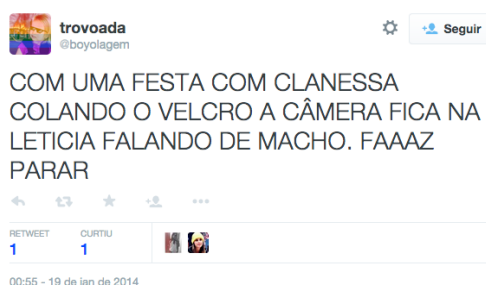


Figura 77. Tweet do perfil @boyolagem, 19 jan. 2014, 0h55.¹³⁶

No resumo postado no site oficial na manhã do dia 19, a insegurança das fãs pôde ser confirmada, tendo em vista que o foco da notícia publicada girou em torno da formação dos outros casais, ambos heterossexuais, durante a festa (FIG. 78). Por mais que o texto trouxesse a informação que Clara e Vanessa haviam se beijado, os pontos principais foram o início dos outros relacionamentos e algumas ações isoladas de Clara, como ter dançado sensualmente para Junior e ter tomado banho pelada naquela noite.



Figura 78. Screenshot da matéria publicada no site oficial do programa, 19 jan. 14, 7h55.¹³⁷

¹³⁵ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/01/ex-bbb-jakeline-leal-troca-bolas-e-acusa-dhomini-de-homofonico.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

¹³⁶ Não foi possível recuperar o link para essa postagem. Provavelmente, o usuário a deletou.

A insatisfação com aquilo que a Globo mostrava nas edições diárias do programa e nos canais de *pay-per-view* foi muito grande no decorrer do BBB14. Postagens como a de @purelaureneyes (FIG. 79) foram muito frequentes na tentativa de direcionar os olhos para o relacionamento de Clara e Vanessa.

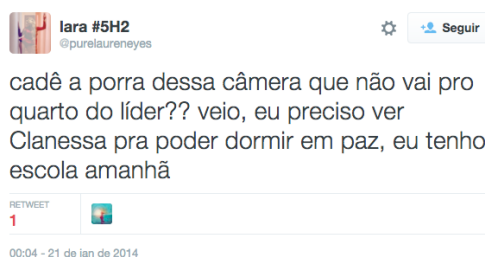


Figura 79. Tweet do perfil @purelaureneyes, 21 jan. 2014, 0h04.¹³⁸

Neste contexto, as fãs não queriam se tornar reféns das escolhas da emissora e, por isso, passaram a tomar as providências que achavam necessárias para garantir toda a visibilidade que Clara e Vanessa poderiam ter. Durante toda a 14ª edição do programa, foi possível se deparar com posts como o de @isHale_ (FIG. 80), afirmando que a única motivação para assistir ao programa e para consumir os produtos dele era o casal Clanesa.

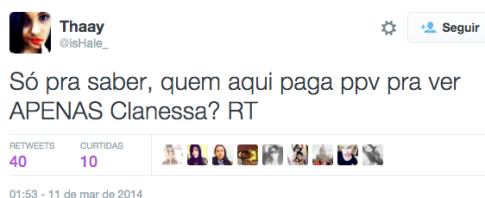


Figura 80. Tweet do perfil @isHale_, 11 mar. 2014, 11h53.¹³⁹

Entretanto, como nem todas podiam acompanhar os acontecimentos da casa todo o tempo, as clanesas desenvolveram um método colaborativo de compartilhamento de vídeos e de imagens. Não se tratava de algo estruturado, mas aquelas que conseguiam assistir gravavam vídeos, tiravam fotos e compartilhavam com as demais por meio de seus perfis nas redes sociais e em sites de compartilhamento de vídeos, como YouTube e Dailymotion. Por esse motivo, *tweets* como o de @Clanesa_BBB (FIG. 81) eram muito comuns.

¹³⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/bbb14/resumo-da-noite/noticia/2014/01/formacao-do-2-paredao-e-primeiros-casais-do-bbb14-agitam-noite-de-sabado.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

¹³⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/purelaureneyes/status/425448729018003457>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹³⁹ Disponível em: <https://twitter.com/isHale_/status/443248329984835584>. Acesso em: 14 nov. 2015.

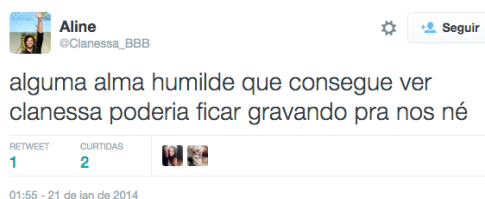


Figura 81. Tweet do perfil @Clanessa_BBB, 21 jan. 2014, 1h55.¹⁴⁰

Assim, o objetivo de manter as duas participantes no interior do programa até a final marcou uma tentativa de reconhecimento identitário e de visibilidade da sexualidade não só de Clara e Vanessa, como da comunidade de fãs. Povoar as ambiências midiáticas com questões relativas às lesbianidades se tornou uma maneira de visibilizar uma população marginalizada que, em sua constituição, enfrenta uma dupla violência contra suas identidades.

A movimentação das clannessas extrapolou as formas de ação como torcida organizada e como prática fanática. Para esta comunidade de fãs, a dimensão política atrelada ao poder social do seu objeto de adoração se tornou determinante para a maneira como criavam estratégias de envolvimento no cenário transmídia do BBB.

3.2 “Nós resistimos” — A dimensão política

O povoamento do espaço público por múltiplas sexualidades procura estabelecer a dialética entre “o direito à reivindicação da igualdade, quando a diferença inferioriza, e o direito à reivindicação da diferença, quando a igualdade descaracteriza” (ALMEIDA, 2001, p. 174). O reconhecimento público das formas de existência marca um duplo caminho: mostrar que existem sexualidades para além da heterossexualidade e que elas possuem o mesmo valor; e afirmar a pluralidade de identidades sexuais, sem tentar reduzi-las a um grupo homogêneo.

Da mesma forma como são diversas as identidades e as sexualidades, são múltiplas as formas como elas são expressadas. Em um ambiente transmídia como o do BBB, um dos espaços para esse povoamento são as redes sociais digitais, as quais permitem tanto uma busca mais ágil por seus pares, como uma expressão mais democrática dos seus pontos de vista. O acesso à internet é capaz de encurtar distâncias entre sujeitos que querem ouvir e ser ouvidos acerca dos assuntos de interesse que compartilham entre si. Não basta falar abertamente sobre aquilo que os afeta; é preciso dialogar com aqueles que também são afetados.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/Clanessa_BBB/status/425476740660477952>. Acesso em: 14 nov. 2015.

O engajamento e a organização dos sujeitos acontecem centrados em tópicos de interesse comum. Suas ações se tornam elementos observáveis para o entendimento da configuração do grupo como um *fandom*. Assim, as comunidades resultantes desta dinâmica podem ser caracterizadas como auto-organizadas, por não apresentarem uma hierarquia formal, e essencialmente emergentes, por serem formadas de maneira espontânea e, de certa forma, imprevisível.

Ambas as características explicitam a ideia de que estas comunidades fazem parte de uma “espacialização na relação dos lugares e nas movimentações pelas conexões de tudo e todos, em um espaço de controle que se faz e se desfaz nesse movimento.” (LEMOS, 2012, p. 6). Em outras palavras, trata-se de uma dinâmica em permanente construção que se mantém pela interação dos usuários.

Dessa maneira, o entrelaçamento de seus sujeitos é causa e efeito da criação de um universo simbólico compartilhado. Neste cenário, “a credibilidade e relevância dos materiais publicados é reconhecida a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva” (PRIMO, 2007, p. 4). Sendo assim, tal legitimidade parte da constante reconstrução das ideias dos sujeitos no interior destes ambientes, ou seja, a construção e a negociação de sentidos em torno de um mesmo tema são constituídas de forma coletiva e participativa.

O envolvimento emocional dos fãs projeta seu objeto de adoração para além dos limites do grupo, ainda que estas fronteiras sejam borradas. “[Os] interesses coletivos envolvem dar forma a representações, declarar significados e valores, alterar termos de serviços e condições de trabalho e utilizar as plataformas para movimentos maiores em prol da mudança social” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 209). As redes sociais se tornam, então, não somente espaços de disputas para a visibilidade, mas lugares privilegiados para o debate político.

O beijo entre Clara e Vanessa pode ter sido uma simples demonstração de afeto para as participantes, mas tanto para as fãs, quanto para muitos espectadores ele representou muito mais. A capacidade interpretativa de cada um dos indivíduos atrelada à ideia do poder social que o casal Clanessa poderia carregar foram capazes de configurar um espaço de grande engajamento.

Parte dos públicos se posicionou em favor do que o casal poderia representar. O perfil @tatoodagabi (FIG. 82) enxergou no beijo e, conseqüentemente, no relacionamento de Clara e Vanessa uma maneira de lutar em favor das pessoas homossexuais. Sua postagem foi um convite para que as demais pessoas que se identificavam com o segmento LGBT se unissem em torno do *fandom* Clanessa.

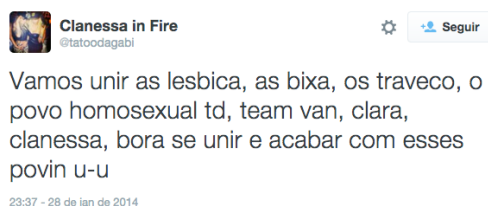


Figura 82. *Tweet* do perfil @tatoogagabi, 28 jan. 2014, 23h37.¹⁴¹

É importante salientar que, embora muitas clanessas fossem lésbicas, a comunidade de fãs não era composta exclusivamente por elas. Nestas discussões, muitos perfis se diziam favoráveis ao relacionamento e ao *fandom*, mas não se identificavam como pessoas homossexuais. A presença de pessoas heterossexuais com esse posicionamento foi percebida com bastante entusiasmo, como se estes sujeitos representassem a aceitação do casal homoafetivo perante um público maior. Esta ideia fica explícita no *tweet* de @UpTrouxa (FIG. 83), que, apesar de afirmar que nosso país é cheio de preconceitos, identifica uma esperança a partir destes indivíduos.



Figura 83. *Tweet* do perfil @UpTrouxa, 21 jan. 2014, 13h54.¹⁴²

Por outro lado, alguns sujeitos se inseriram nas discussões para mostrar um posicionamento contrário à movimentação Clanessa. Enquanto alguns colocavam em xeque as sexualidades de Clara e Vanessa, dizendo que as participantes não eram lésbicas ou bissexuais e que o casal não era verdadeiro, outros criticavam de forma veemente as práticas fanáticas do *fandom*.

Em uma de suas sessões de perguntas e respostas no *Twitter*, Boninho foi perguntado sobre Clanessa. Sua resposta foi interpretada como se o produtor não acreditasse que o casal era, de fato, um casal (FIG. 84). No entanto, @boninho (FIG. 85) explicou que ele estava esperando a confirmação, ao invés de acreditar que elas não o eram.

¹⁴¹ Disponível em: <<https://twitter.com/tatoogagabi/status/428341065704538113>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹⁴² Disponível em: <<https://twitter.com/UpTrouxa/status/425657658964578304>>. Acesso em: 14 nov. 2015.



Figura 84. Tweet do perfil @jooseanee, 10 fev. 2014, 22h40.¹⁴³

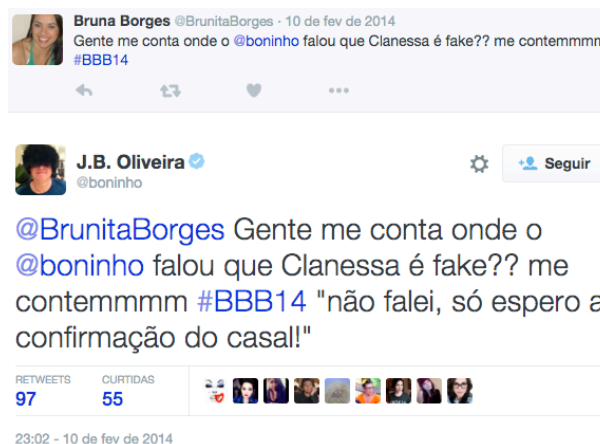


Figura 85. Troca de tweets sobre a declaração de Boninho, 10 fev. 2014, 23h02.¹⁴⁴

As críticas às clanessas emergiram em torno de suas movimentações como *fandom*. Ao se mostrarem extremamente apaixonadas por seu objeto de adoração, as fãs foram percebidas como exageradas nestas demonstrações. O post de @RealityBarraco (FIG. 86) salienta um dos pontos que foi duramente criticado: a obrigatoriedade de pessoas homossexuais torcerem por Clara e Vanessa durante o programa.

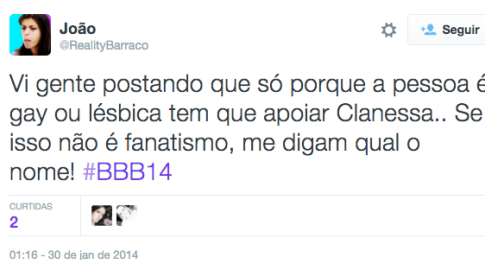


Figura 86. Tweet do perfil @RealityBarraco, 30 jan. 2014, 1h16.¹⁴⁵

Essa firmeza de posicionamentos pode ser explicada pelas reverberações em torno da sexualidade das participantes. Da mesma forma que pessoas que se identificavam com o segmento LGBT enxergaram em Clanesa uma maneira de dar a ver suas lutas, pessoas que

¹⁴³ Disponível em: <<https://twitter.com/jooseanee/status/433037808849416192>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/boninho/status/433043299578826753>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹⁴⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/RealityBarraco/status/428728368968638464>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

desqualificavam estes movimentos viram no relacionamento delas um objeto de desgosto. Durante o 4º paredão do programa, disputado entre Marcelo, Princy e Vanessa, um dos embates mais acalorados aconteceu em torno de Vanessa. O fato de a participante estar se relacionando com uma mulher foi determinante para que desejassem sua eliminação do jogo, segundo o *tweet* de @colderheart (FIG. 87).

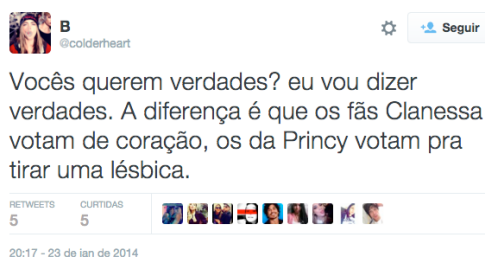


Figura 87. *Tweet* do perfil @colderheart, 23 jan. 2014, 20h17.¹⁴⁶

Assim, a formação do casal tão *shippado* anteriormente deu espaço para uma maior adesão de pessoas que não somente torciam para o relacionamento das participantes, mas que o enxergavam como algo para além dele. Após o momento de comemoração e de disseminação do beijo, os sujeitos passaram a atribuir significados que extrapolavam a formação do casal. É o que a publicação de @IssoBBB (FIG. 88) faz ao atribuir uma dimensão política para o ato de Clara e Vanessa, tentando transformar o casal em um símbolo pela luta contra o preconceito por representar uma forma de sexualidade distinta da heterossexualidade.

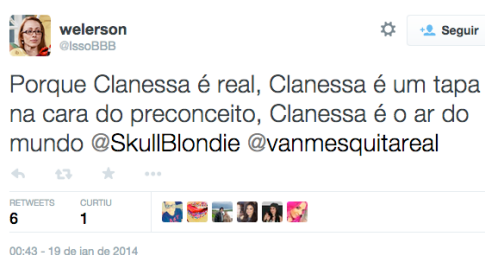


Figura 88. *Tweet* do perfil @IssoBBB, 19 jan. 2014, 0h43.¹⁴⁷

Já o *tweet* de @Lynlops_ (FIG. 89) alarga o significado que o casal Clanessa poderia representar. Não se tratava de um relacionamento entre duas mulheres especificamente, mas sim de um casal formado por duas pessoas que se amavam. Para a usuária, qualquer forma de

¹⁴⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/colderheart/status/426478702294077440>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/IssoBBB/status/424733744662978560>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

amor deveria ser respeitada e o fato de Clanesa ter sido formado por pessoas do mesmo gênero não deveria ser tratado como algo diferente.

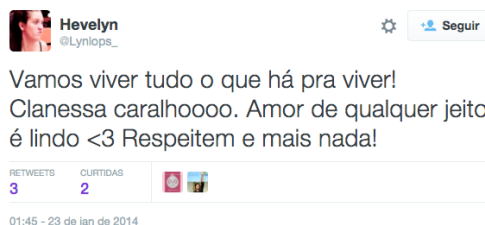


Figura 89. Tweet do perfil @Lynlops_, 23 jan. 2014, 1h45.¹⁴⁸

No entanto, o engajamento em torno de Clanesa se deu exatamente pelo fato de duas mulheres terem formado esse casal. A necessidade de deixar evidente outras formas de sexualidade tanto da relação entre Clara e Vanessa, quanto das fãs que buscavam visibilidade para questões relativas ao seu cotidiano marca a tentativa de povoar o espaço público com outras identidades sexuais.

Neste contexto, o *tweet* de @sophiabwsh (FIG. 90) emerge como uma enunciação explícita de um desejo: a vontade de ver as participantes juntas em um relacionamento erótico-afetivo. Esta ação marca uma prática de resistência, visto que ela somente seria publicamente defensável em uma lógica heterossexista, caso fosse proferida por um sujeito que se identifica pelo gênero masculino.

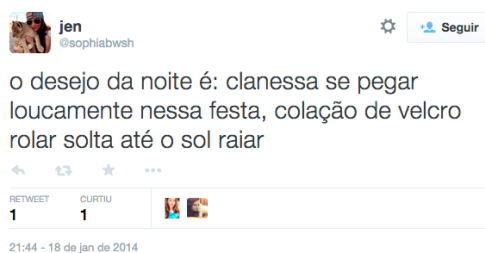


Figura 90. Tweet do perfil @sophiabwsh, 18 jan. 2014, 21h44.¹⁴⁹

A manifestação pública de um desejo sexual considerado desviante, secundário ou invertido faz emergir um espaço de tensão. Nesta apropriação dos espaços públicos, mesmo quando há a superação de um olhar reprovador, a demonstração do afeto homoerótico é percebida como uma atitude provocadora, militante ou exibicionista (BORRILLO, 2010, p. 113). A leitura desse ato é tida como um gesto político, mesmo quando ele não é performado com essa intenção. A perceptível desigualdade cotidiana de visibilidades ora impede que o

¹⁴⁸ Disponível em: <https://twitter.com/Lynlops_/status/426198878002876416>. Acesso em: 14 nov. 2015.

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/sophiabwsh/status/424688810278940672>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

afeto homossexual seja materializado, ora o dota de significados atrelados exclusivamente ao olhar heteronormativo constituidor de nossa sociedade.

Esta dinâmica marca a configuração de um lugar de disputas constantes, em que o objetivo dos sujeitos é povoar os espaços com suas presenças. Em ambientes marcados por movimentações de fãs, a presença do outro emerge como uma ameaça, em que a existência do outro é legitimada como a iminência de um inimigo. Como os espaços visíveis de movimentação parecem limitados — e, na maioria das vezes, são —, a ocupação de um maior espaço pelo outro representa, automaticamente, um menor espaço para as demais movimentações.

Ao enxergar significados que extrapolaram o relacionamento de Clara e Vanessa, as clannessas tensionaram os espaços visíveis ocupados pelo imperativo heterossexual, em que suas sexualidades são percebidas como invisíveis ou desviadas. Transformar o casal Clanness em um símbolo do segmento LGBT, do combate ao preconceito e, principalmente, da visibilidade lésbica foi uma questão estabelecida como pano de fundo das movimentações e do engajamento do *fandom* como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou entender a conformação da comunidade de fãs Clannessa na dinâmica do *Big Brother Brasil*, a partir de três pilares: transmídia, *fandom* e lesbianidades. Estes vieses foram escolhidos por se apresentarem como embasamentos ricos para a compreensão da dinâmica das clannessas como constituidoras do cenário do BBB14.

Os tensionamentos entre a Rede Globo e os espectadores, geralmente, são engatilhados pela insatisfação do público em relação ao que a emissora quer construir como narrativa e o que o público entende como tal. Por mais que o programa ofereça diversos canais para que os espectadores acompanhem o desenrolar do *reality show*, é por meio das edições diárias transmitidas em TV aberta que ele disponibiliza para o público o enquadramento que quer dar para os acontecimentos do programa. E isso é um dos elementos que alimentam a participação do público em outros espaços.

Através das edições do programa, os espectadores passaram a perceber que a narrativa configurada pela emissora era apenas uma das histórias possíveis e isso passou a motivar uma produção maior de conteúdo em outras mídias. Pessoas que acompanhavam — e acompanham — os desdobramentos do *reality show* por meio de outros canais costumam expandir o universo narrativo do BBB para além da transmissão televisiva. Esse é um dos pontos mais importantes na produção da transmidialidade do programa. A participação de um público engajado constrói um espaço de disputas entre produção e espectadores, entre a TV aberta e outros canais de disseminação e entre os sujeitos do próprio público.

Na 14ª edição do BBB, esta disputa girou em torno da possível invisibilidade que o programa poderia dar ao relacionamento de Clara e Vanessa. Tendo como pano de fundo os acontecimentos da *Fazenda de Verão*, as clannessas se engajaram para garantir que o casal lésbico do BBB14 não fosse invisibilizado como aconteceu com Angelis e Manoella. Por esse motivo, o *fandom* Clannessa agiu de duas formas distintas — mas complementares — durante o programa: a prática fanática e a torcida organizada.

A primeira foi configurada a partir do momento em que estes indivíduos enxergaram no relacionamento de Clara e Vanessa um objeto de adoração que gostariam de observar de perto e que serviria como um motivador para o acompanhamento do programa. Já a segunda surgiu ao perceberem que precisavam garantir que as duas participantes não fossem eliminadas até o fim do *reality show* para que a presença delas permanecesse visível no cenário do programa.

Estes objetivos fizeram estas fãs se engajarem não somente com o relacionamento Clanness, mas umas com as outras. O interesse em Clara e Vanessa pode até ter sido o primeiro motivador, mas o compartilhamento de experiências em torno do casal foi capaz de estabelecer um vínculo entre as clannessas. Trata-se do poder social atrelado ao relacionamento das duas participantes.

A relação amorosa entre Clara e Vanessa deu a ver questões que extrapolaram a simples formação de um casal. O fato de ter sido constituído por duas mulheres fez emergir discussões em torno das lesbianidades, de relacionamentos homoafetivos e da representação LGBT no programa. O casal pode até ter se unido pelo simples afeto de uma pela outra, mas sua presença foi percebida pelas fãs como algo para além dele.

Esta dimensão política foi tensionada em duas direções: a luta para que suas existências não fossem invisibilizadas (lésbicas existem) e a movimentação para que fossem reconhecidas como tais (lésbicas resistem). Ambas motivações não podem ser problematizadas em separado, visto que a marcação de sua existência já é um movimento de resistência. Ter que se fazer visível se configura como uma atitude subversiva em um contexto que tenta apagar suas identidades e a representatividade delas. Resistir, nesse caso, começa na tentativa de se fazer visível.

Assim, esse movimento se torna uma ocupação dos espaços de visibilidade ao tensionar a lógica hegemônica que procura controlar o que é considerado correto ou aceitável. No BBB14, a disputa pelo reconhecimento da presença tanto de um casal lésbico quanto de uma torcida que se engajou exatamente por esse fato resgatou uma das linhas de força que emergiu constantemente no decorrer da história do BBB: o segmento LGBT.

Desde a primeira edição do *Big Brother Brasil*, a presença de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros foi convocada como um dos tópicos de discussão. No BBB5 (2005), no BBB10 (2010) e no BBB14 (2014), inclusive, este assunto guiou os desdobramentos dos programas. Jean se assumindo gay, Marcelo Dourado se assumindo antigay e Clara e Vanessa assumindo um relacionamento homoafetivo foram acontecimentos capazes de tensionar a dinâmica dos seus respectivos BBBs e de configurar um cenário predisposto para a discussão destas questões.

Embora a formação do casal tenha sido dotada de certo ineditismo, ela só se tornou possível por causa de todos os ex-participantes LGBT que já haviam passado pela história do programa. Clara e Vanessa puderam se relacionar livremente graças aos demais participantes que alimentaram as discussões sobre o universo LGBT nas demais edições do *reality show*. Tanto é que o próprio público já costuma buscar quem serão as pessoas LGBT quando os

participantes de cada BBB são divulgados. Esta presença, ainda que não confirmada, já é capaz de configurar debates acalorados sobre as questões envolvendo pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros.

O casal Clanness se formou, o *fandom* foi configurado e o espaço em torno delas foi constituído. A transmidialidade do programa foi construída a partir de um ambiente para que o comportamento fanático em torno de questões concernentes às lesbianidades fosse discutido, visto, problematizado, representado, visibilizado. A participação desta comunidade de fãs trouxe luz para a existência de um casal lésbico em um lugar de visibilidade privilegiada. Isso não só materializou a presença de lésbicas para aqueles que insistem em tratá-las como invisíveis, como trouxe um campo simbólico de referências para que mulheres homossexuais pudessem se ver representadas.

O nome do presente trabalho, portanto, foi dado graças a estas considerações e a partir de um dos *tweets* (FIG. 91) encontrados durante a coleta:



Figura 91. *Tweet* do perfil @alelylas, 09 abr. 2014, 11h52.¹⁵⁰

A postagem de @alelylas reúne os três grandes pilares norteadores da pesquisa: “A Globo” representando os conceitos de transmídia; “*shippa*” fazendo referência ao universo de fãs e *fandoms*; e, por fim, “Clanessa” agrupando as questões atreladas às identidades lésbicas. Trata-se de uma extrapolação usada para ilustrar os conceitos que embasaram nossas análises ao passo que convoca um dos elementos encontrados na empiria.

Da mesma forma, a postagem em questão ainda ilustra o apaziguamento final entre os tensionamentos entre emissora e clannessas, ao convidar algumas representantes da comunidade de fãs para participar do programa de Fátima Bernardes. Esta ocasião foi simbólica à medida que representou a tentativa da Globo de incorporar as movimentações do *fandom* à sua grade, ao passo que estas fãs conquistaram mais um espaço para seu reconhecimento. Foi um acontecimento comemorado por ambos os lados, se considerarmos a emissora e a comunidade de fãs como extremos opostos de uma linha de força.

¹⁵⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/alelylas/status/453908337508495360>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

A Rede Globo nesse cenário emergiu personificada como diversos sujeitos que tentaram controlar as movimentações das clannessas: Pedro Bial, o apresentador do BBB, Boninho, o produtor do *reality show*, e Fátima, a apresentadora do programa *Encontro*. Todos eles respondiam a uma dinâmica própria da emissora de tentar delimitar os espaços de inclusão, de participação e de interação dos públicos.

No entanto, a constituição da internet e das redes sociais como espaços de transformação da televisão retirou em certa medida o controle absoluto das produções do programa e empoderou espectadores que queriam se fazer ouvidos e, mais que isso, públicos que queriam configurar suas próprias histórias.

A dicotomia entre mostrar e não mostrar, entre controlar e não controlar, entre representar e não representar marca este espaço de disputas tensionado pela dinâmica transmídia caracterizada por um público engajado e participativo em torno do poder social que extrapola seu objeto de adoração. Ou, em outras palavras, a configuração do *fandom* Clanessa no cenário do BBB14.

A partir destas considerações, o presente trabalho procurou trazer algumas contribuições para o campo da Comunicação. A primeira delas faz referência a uma nova forma de olhar para a dinâmica transmídia, ao considerar os tensionamentos de um público que, embora fosse implícito no cenário do programa, foi capaz de direcionar caminhos diferentes dos propostos pela produção televisiva. A tentativa de compreender o fenômeno Clanessa pontuou o papel de protagonista que a cultura dos fãs tem conquistado nas produções de entretenimento mais recentes, principalmente, em *reality shows* como o *Big Brother Brasil*.

Além disso, o mapeamento e a identificação de todos os participantes LGBT autodeclarados das edições do programa traçaram uma linha que atravessa as discussões provocadas pelos acontecimentos do BBB. Assuntos atrelados ao universo LGBT, como homofobia, direitos, relacionamentos, foram constantemente convocados para tensionar o cenário do programa desde sua primeira edição em 2002. Por esse motivo, destrinchar e problematizar as existências desses participantes pode ser uma indicação rica para futuros trabalhos.

A escolha de focar em apenas Clara e Vanessa se deu pela presença do *fandom*. Contudo, mesmo assim, suas movimentações, suas discussões, suas extrapolações não foram contempladas em sua totalidade no presente trabalho. Decidimos trazer aquilo que permanecia visível e que se mostrava uma ambiência rica, engajada e fundamental para a compreensão da

comunidade de fãs como um todo. Por isso, decidimos recortar a empiria no ambiente do *Twitter*, mesmo com a articulação de alguns exemplos de outros espaços.

Neste ponto, é importante marcar a necessidade de coleta no momento em que as discussões estão acontecendo. O acompanhamento em tempo real é capaz de dar base para o entendimento do cenário em que o objeto ou o fato estão se desenrolando. Isso não quer dizer que a tentativa de apreender o fenômeno em sua totalidade seja possível por meio da empiria, mas aponta para a importância de se misturar com seu objeto em um primeiro momento, para, depois, organizar, identificar e problematizar o que foi percebido.

Por fim, ao terminar a pesquisa, a articulação dos três pilares conceituais permitiu que chegássemos a uma definição: a transmídia como cenário, o *fandom* como comportamento e as lesbianidades como motivação. Ou seja, a dinâmica transmídia marcando um espaço de movimentação, o comportamento fanático explicitando uma forma de agir e as identidades lésbicas configurando quais assuntos direcionaram o engajamento das clannessas.

Esta forma de olhar para o fenômeno só se tornou possível a partir da articulação dos três eixos teóricos, tanto para compreender a forma de apreender o objeto quanto para definir uma maneira de analisá-lo. As contribuições sobre transmídia foram fundamentais para mapear esse ambiente, as sobre *fandom* deram o embasamento para entender o engajamento e as movimentações das fãs e as sobre lesbianidades construíram um pano de fundo essencial para o olhar da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, Adriana. **Lésbicas na TV: The L Word**. Editora Malagueta, 2010.
- ALMEIDA, Luiz. Da diferença à igualdade: os direitos humanos de gays, lésbicas e travestis. In: LIMA, Ricardo et alli. **Direitos Humanos e cotidiano**. Goiânia: Bandeirantes, 2001, p. 159-177.
- ALZAMORA, Geane, C.; SALGADO, Tiago B. P. Mídia. In: FRANÇA, Vera V.; MARTINS, Bruno G.; MENDES, André M. (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – PPGCom – UFMG, 2014. p. 110-113.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRANDÃO, Ana Maria. **E se tu fosses um rapaz? Homo-erotismo feminino e construção social da identidade**. Cap. 4 – (Re)construindo uma identidade. Edições Afrontamento, 2010, p. 145-178.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CAMPANELLA, Bruno. Visões do Cotidiano: Indivíduo e Sociedade no Big Brother Brasil. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em Transição: Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 171-194
- CAMPANELLA, Bruno. **Os olhos do Grande Irmão: uma etnografia dos fãs do Big Brother Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- CASTRO, Cosette. **Por que os reality shows conquistam audiências?** São Paulo: Paulus, 2006.
- CAVICCHI, Daniel. **Tramps Like Us: Music and Meaning Among Springsteen Fans**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- CORNER, John. Performing the real: television in a post documentary culture. **Television and New Media**, vol. 3, nº 3, p. 255-269, 2002.
- CHOUCAIR, Thaís; ROSSINI, Patrícia. “Bial, fala Clanessa!”: Lutas por reconhecimento identificadas em conversações online e o caso do *fandom* #Clanessa no twitter. In: VI Seminário de Sociologia e Política, 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 1-24.
- DE MOL, John. Entrevista concedida à **Revista Veja**, edição nº1786. São Paulo: Editora Abril, 2003. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/220103/entrevista.html>>.
- DUFFETT, Mark. **Understanding Fandom: an introduction to the study of media fan culture**. New York/London: Bloomsbury, 2013.
- ENNE, Ana Lucia. As narrativas da torcida #clanessa: representação, identificação, projeção e mediação como conceitos-chave nas disputas discursivas em torno do BBB14. In: X ENECULT, 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014, p. 1-15.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008a.

ERIBON, Didier. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31/5/2008. Caderno prosa&verso, p. 7, 2008b.

FECHINE, Yvana. A Programação da TV no Cenário de Digitalização dos Meios: Configurações que Emergem dos Reality Shows. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em Transição: Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 139-170

FERRIS, Kerry; HARRIS, Scott. **Stargazing: Celebrity, Fame and Social Interaction**. New York: Routledge, 2011.

GAMBARATO, Renira. **Signs, Systems and Complexity of Transmedia Storytelling**. Estudos em Comunicação, nº 12, p. 69-83, 2012.

GRAY, Jonathan. New Audiences, New Textualities: Anti-fans and Non-fans. **International Journal of Cultural Studies** 6,1, 2003, p. 64-81.

GRAY, Jonathan. Antifandom and the Moral Text: Television Without Pity and Textual Dislike. **American Behavioral Scientist** 48.7, 2005, p. 840-858.

HAYTHORNTHWAITE, Caroline. Agrupamentos e comunidades: modelos de produção colaborativa leve e pesada. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.11, n.3, p. 161-175, set./dez. 2009.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. **The fan fiction studies reader**. Iowa City: University of Iowa Press, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. Textual Poachers. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. **The fan fiction studies reader**. Iowa City: University of Iowa Press, 2014, p. 26-43.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

JONES, Janet. Show your real face: a fan study of the UK Big Brother transmissions. **New Media & Society**, vol. 5, p. 400-421, 2003.

LEAL, Bruno Souza (Coord.). **Relatório final do projeto de pesquisa Mídia e Homofobia: linguagem, construção da realidade e agendamento**. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

LEMOS, André. Espaço, Mídia Locativa e Teoria Ator-Rede. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21, Juiz de Fora-MG. **Anais...** Juiz de Fora: Associação Nacional dos programas de Pós-graduação em Comunicação, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1792.doc>. Acesso em: 8 set. 2013.

LIVINGSTONE, Sonia. On the relation between audiences and publics. In: _____. (Ed.). **Audiences and publics: when cultural engagement matters for the public sphere**. Bristol: Intellect, 2005, p. 17-42.

LOPES, José Reinaldo. Da dissidência à diferença: direitos dos homossexuais no Brasil da ditadura à democracia. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. Edufscar, 2014, p. 273-299.

MENDONÇA, Carlos. **E o verbo se fez homem: corpo e mídia**. São Paulo: Intermeios, 2012.

PRIMO, Alex . O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SCANELL, Paddy. Big Brother as a television event. **Television and New Media**, Vol. 3(3), p. 271-282, 2002.

SHIRKY, Clay. Q&A with Clay Shirky on Twitter and Iran. **TED (Blog)**, 2009. Disponível em: <http://blog.ted.com/qa_with_clay_sh>.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TINCKNELL, Estella; RAGHURAM, Parvati. Big Brother: reconfiguring the “active” audience of cultural studies? **European Journal of Cultural Studies**, vol. 5(2), p. 199-215, 2002.

WEEKS, Jeffrey. **Sexualidad**. Paidós Ibérica, 1998.